



Os europeus são a favor dos Estados Unidos da Europa

Políticos encaram a ideia de uma comunidade europeia como algo de muito importante a alcançar... Depois da reunião de nove chefes de Governo em Paris, em Outubro, eles passaram mesmo à decisão objectiva: 1980 deve ser o ano do nascimento de uma união europeia. Isto é o que os políticos pensam. Mas que pensa o europeu da rua?

De acordo com os resultados de um inquérito iniciado imediatamente após essa decisão de Paris, 70 por cento dos europeus são a favor dos (Estados Unidos da Europa).

Muitos deles defenderam a ideia de que o parlamento europeu fosse feito por sufrágio universal e mais de 50 por cento manifestou-se a favor de um Governo europeu.

Os resultados do inquérito acabam de ser revelados nas capitais europeias.

Futuro incerto

O CESSAR-FOGO NO VIETNAME ENTROU EM VIGOR

O cessar-fogo no Vietname entrou em vigor à meia-noite, pondo termo a 12 anos de uma guerra em que pereceram mais de dois milhões de pessoas e que se caracterizou pela intervenção americana, após o afastamento dos franceses, derrotados pelos nacionalistas vietnamitas na primeira guerra da Indochina. Ontem, dia em que foi assinado solenemente em Paris o acordo de paz, os combates intensificaram-se, durante uma ofensiva final dos guerrilheiros contra as forças do regime de Saigão, tudo indicando que o Vietcong pretendia ocupar a cidade de Tay Ninh, para dela fazer a capital do seu Governo Revolucionário Provisório (GRP).

Em Paris, nos minutos que durou a assinatura histórica do acordo de paz, no Palácio da Avenida Kleber, pelos Estados Unidos, Vietname do Norte, GRP e Vietname do Sul, representados respectivamente por William Rogers, Nguyen Duy Trinh, sr.^a Nguyen Thi Binh e Tran Van Lam, actores e testemunhas mantiveram a impressão de que o futuro do Vietname do Sul é mais incerto do que nunca.

Os signatários dos documentos e anexos, foram, segundo os casos, ou valados ou aclamados à sua chegada ao centro da avenida Kleber, por um grupo compacto de centenas de manifestantes, na maioria elementos da colónia vietnamita em França, erguendo bandeiras azul-vermelha do GRP ou bandeiras vermelhas do Vietname do Norte. Contidos e vigiados por um serviço de ordem extremamente denso, os manifestantes estavam postados em frente do edifício, gritavam em coro. «Nixon» ce-deu. O Vietname triunfou. O secretário de Estado William Rogers teve direito

tário de Estado William Rogers aos assobios e vaias dos manifestantes.

Em Washington, o conselheiro presidencial Henry Kissinger declarou numa sessão à porta fechada com 45 senadores, que os Estados Unidos não voltariam a pôr os pés no pântano do Vietname se as hostilidades voltassem a declarar-se depois do cessar-fogo.

Em Hanoi, o general Gup, ministro da Defesa norte-vietnamita declarou: «O acordo, que põe fim à guerra e restabelece a paz, representa uma grande vitória para o nosso povo na resistência contra a

agressão americana — a maior resistência contra a agressão estrangeira na história do nosso país».



Uma das mais famosas imagens da segunda guerra da Indochina: a execução sumária a tiro de pistola de um chefe guerrilheiro, levada a cabo pelo comandante da polícia de Saigão, durante a histórica ofensiva do Tet, em 1968. Todo o mundo aguarda que cenas como esta tenham deixado de verificar-se

HOJE: 32 PÁGINAS

COMEMORAÇÕES

O ACORDO DE PAZ

PARIS, 28 (F.P.) — O acordo assinado em Paris comporta as disposições políticas seguintes: autodeterminação, por meio de referendo livre, geral e democrático, e a realização da reconciliação nacional, sendo as medidas práticas para estas finalidades definidas pelo artigo 12.º Este estabelece: a formação, imediatamente depois do cessar-fogo, de um Conselho Nacional de Reconciliação e Concórdia Nacional (de três componentes em pé de igualdade e funcionando segundo o princípio da unanimidade); a formação de conselhos a níveis inferiores e dentro de 90 dias, a contar do cessar-fogo e um acordo sobre as questões internas. A política estrangeira do Vietname será uma «política de paz e independência». A redução de forças armadas das duas partes deve efectuar-se o mais breve possível.

Quanto à reunificação do Vietname prevista pelo art.º 15, far-se-á por fases, sem qualquer anexação. Até lá observar-se-á que o paralelo 17 não é um limite político ou territorial (art.º 15.º A); o respeito da zona desmilitarizada; a neutralidade do Norte e do Sul e negociações para a movimentação dos civis dos dois Vietnams.

Quanto às disposições militares sabe-se que o cessar-fogo começou às zero horas, e mantém-se o «satu quo» das forças, nas posições, para os americanos, até à sua retirada. Cessaram todos os actos de força ou represália e terminou a ingerência americana (art.º 4).

Até 29 de Março, todas as tropas e conselheiros militares americanos e aliados terão retirado (art.º 6) e as respectivas bases serão desmanteladas. As duas partes ficam autorizadas à renovação do seu material de guerra. Comissões militares mistas e o Comité Internacional de Controle e Coordenação velarão pela aplicação destas disposições.

Haverá uma conferência internacional (art.º 19) com convites feitos pelo Vietname do Sul e pelos Estados Unidos. Os participantes serão, entre outros, a China, a França, a Grã-Bretanha, a URSS, os quatro membros da Comissão Internacional de Controle (CIC), o secretário geral das Nações Unidas, etc. Deve garantir a cessação da guerra, a manutenção da paz e o respeito dos direitos nacionais fundamentais do povo vietnamita, definidos pelo artigo 1.º).

Quanto à CIC, compõe-se de 1 160 membros, ficando sob a alta autoridade da Conferência Internacional e dos 4 países que a formam. Entra em funções 24 horas depois do cessar-fogo e tem a seu cargo:

- 1) A realização do cessar-fogo.
- 2) A retirada e desmantelamento das bases americanas.
- 3) Não introdução de tropas no Vietname do Sul.
- 4) A entrega de prisioneiros militares e civis.
- 5) Eleições gerais livres e democráticas no Vietname do Sul.
- 6) Redução dos efectivos militares. O CIC obedece à regra da unanimidade, beneficia de imunidade diplomática e o seu financiamento é assegurado pelos seus quatro países membros e pelos quatro signatários do acordo. Tem sede em Saigão.

31 de Janeiro

A passagem de mais um aniversário da revolta do Porto, considerada como um movimento altamente patriótico e precursor da proclamação da República, vai ser comemorada em vários pontos do País, de que seguidamente se referem as principais cerimónias.

No Porto, já foi deferido um requerimento que tinha dado entrada no Governo Civil, solicitando autorização para a realização, na noite de 31 de Janeiro, de uma sessão comemorativa da data, no Coliseu.

Para a manhã do mesmo dia está marcada uma romagem ao cemitério do Prado do Repouso.

Por seu lado os democratas de Guimarães requereram autorização para a efectivação de um jantar comemorativo que se deverá realizar às 20 horas do dia 31, no Restaurante Jordão, daquela cidade.

Também no Governo Civil de Braga deu entrada um requerimento em que se pede autorização para um jantar, às 20 horas do mesmo dia, que a ser autorizado terá como presidente o dr. José Afonso Lestira Gonçalves e como oradores os drs. Humberto Soeiro e Cunha Coelho; o estudante Alberto Jorge Carvalho da Silva e o operário Manuel Gomes de Macedo.

Os democratas de Viseu reuniram-se numa comissão organizadora de um jantar comemorativo que está marcado para o salão de festas do Cine Rosio.

Evora também se associará às comemorações da data, com a realização de um jantar, já autorizado pelo Governo Civil.

ESPIGA PINTO EXPÕE NUM PINHAL



Muita gente ficou espantada quando um artista português quebrou a rotina das exposições que penosamente (algumas, claro) se vão fazendo por aí, com sessões inaugurais povoadas de discursos, cumprimentos, felicitações «avant la lettre», etc. Um sol de esperovite lançado ao rio Douro, do meio da ponte da Arrábida, assinalava a inauguração de «Egotemponirico», de Espiga Pinto, exposição feita num pinhal, nos arredores do Porto (Valadares, mais precisamente). A foto (de P. de Sousa) fixa o momento em que o pintor dava os últimos retoques no sol inaugural de «Egotemponirico», que era, afinal, o preenchimento do espaço verde de um pinhal com volumes de espuma e esferovite ou, se quiserem, a arte funcional, útil, a que (ainda) escandaliza muita gente. (Pág. 16)

LEIA HOJE

A Embaixada do Brasil vai para o Palácio de Palmela? (reportagem)

«A Paz para os Americanos» — comentário internacional de A. Villaverde Cabral.

«Há um Legado dos «Mau-Maus»?», primeiro artigo da série «O Quénia de Hoje», da autoria de Jim Hoagland.

«Domingo à Noite»

LEIA AMANHÃ

«Johnson: o Presidente de um Período de Crise», no «Exclusivo», o suplemento das segundas-feiras. Ai se publica ainda: «Na Hora do Cessar-Fogo — valor real dos bombardeamentos do Vietname»; «Quatro Igrejas da Europa — A Bélgica»; «Panamá, uma Preocupação para os Estados Unidos» e «Pelo Mundo».

«Problemas do Presente», segundo artigo da série «O Quénia de Hoje»

NACIONAL

Documentos para a História da Arte em Portugal

Vieram a lume, em esplêndida edição da Fundação Calouste Gulbenkian, os tomos 9, 10, 11 e 12 da notável obra de investigação histórica «Documentos para a História da Arte em Portugal», nos quais se recolheu abundante e valiosa documentação existente no Arquivo Histórico do Município de Lisboa, no Arquivo Histórico Ultramarino, no Arquivo Histórico da Torre do Tombo e no Arquivo do Tribunal de Contas.

No prosseguimento da publicação da obra «Documentos para a História da Arte em Portugal», a Fundação Calouste Gulbenkian acaba de editar os to-

mos números 9 a 12, os quais apresentam documentação recolhida em arquivos portugueses, onde foram encontradas, como anteriormente, as melhores facilidades para a realização das pesquisas.

Orienta este trabalho uma comissão formada pelo Arq.^o Raul Lino, pelo dr. Luis Silveira e pelo dr. A. H. de Oliveira Marques, com a colaboração do prof. dr. Artur Nobre de Gusmão, director do Serviço de Belas-Artes da Fundação Gulbenkian. As investigações e recolhas de material documental foram levadas a cabo pelos paleógrafos D. Maria Teresa Campos Rodrigues, D. Maria Francisca de Oliveira Andrade, Vi-

tor Pavão dos Santos e Luis de Bivar Guerra.

Os frutos da pesquisa que nestes volumes se condensam obedeceram à preocupação de se reunir toda a documentação referente à arquitectura e às artes plásticas e ornamentais quando ligada a qualquer actividade artística, ou até artesanal, em Portugal e no Brasil, até à data da Independência.

Trata-se assim de uma prospeção sistemática de arquivos portugueses, que se traduz já em resultados muito positivos, ou seja nos seguintes volumes ultimamente publicados: n.º 9, Livros de Almotaria (Séculos XVI a XIX) — Chancelaria da

cidade — Livros de Almotaria — Códices de 413 a 445 — tomo organizado por Maria Teresa Campos Rodrigues, abrangendo o período de 1528 a 1832; n.º 10, Núcleo de Pergaminhos e Papéis dos séculos XVII a XIX — tomo organizado por Maria Francisca de Oliveira Andrade; n.º 11, Visitações de Palmela e Panóias — Instituições Religiosas — Ordem de São Tiago — tomo organizado por Vitor Pavão dos Santos; e n.º 12, Colégios de Lisboa, Setúbal, Santarém, Évora e Elvas — Erário Régio — Cartório da Junta da Inconfidência — Sequências à Companhia de Jesus — tomo organizado por Luis de Bivar Guerra.

Sessões em Beja de mergulho amador

Os Serviços de Exploração Subaquática do Secretariado para a Juventude e o Núcleo de Mergulho de Beja estão a organizar nesta cidade, mais uma actividade nacional de mergulho amador. Estão representados os grupos de mergulho dos Centros de Juventude de Leiria, Setúbal e Beja, o Núcleo de Peniche, o Centro Piloto do Secretariado e os grupos do Instituto Superior Técnico, do Instituto Na-

cional de Educação Física, da Academia Militar e do Corpo Nacional de Escutas.

O programa de reuniões incluirá debates dos relativos à modalidade, nomeadamente o seu alargamento e dinamização em novas zonas do País.

Na barragem Marcello Caetano realizou-se sessões de mergulho para apuramento de técnicas utilizadas em água doce e de orientação subaquática.

Prêmios de Medicina

No Instituto Nacional de Saúde efectuou-se a distribuição dos prémios «Ricardo Jorge» de saúde pública no valor de 75 mil escudos, que se destinam a incentivar a investigação no domínio de saúde.

Os prémios de 72 foram atribuídos a uma equipa do Serviço de Pneumotisiologia da Facul-

dade de Medicina de Lisboa, chefiada pelo dr. Ramiro Avila, pelo trabalho «Estudo epidemiológico da doença respiratória dos trabalhadores da indústria da cortiça e ao prof. José Manuel Cortês do serviço de Patologia anatómica da mesma faculdade pelo trabalho «Patologia provocada por fibras sintéticas».

SIHANOUK: A GUERRA CONTINUARÁ

O príncipe Novodons Sihanouk disse numa conferência de imprensa em Pequim, que o acordo americano-Vietnamita de Paris anuncia, o princípio de uma terceira guerra da Indochina. Sihanouk prevê que haja novos confrontos militares.

«O acordo já está a ser violado mesmo antes de ter sido assinado», disse ainda o príncipe, que dirige actualmente o Governo Cambojano no exílio. Os objectivos dos Estados Unidos continuam, a ser os mesmos e a acção da CID (comissão internacional de controle do cessar-fogo) será apenas uma comédia e só agravará a confusão na Indochina.

Que não haverá paz. As eleições gerais não se realizarão», Sihanouk salientou que no Camboja a guerra continuará.

Em Saigão, o presidente Nguyen Van Thieu disputa-se a discursar pela rádio e Televisão ao país quando o cessar-fogo no Vietname entrasse em vigor. Entretanto, soube-se que Thien pediu a cerca de 100 dirigentes políticos que apoiassem o governo, que enfrenta agora uma dura batalha política com os comunistas.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Amandio Alberty Guilherme — AVIZ

Câmaras Municipais

O sr. João Manuel Vidigal Caldeira Pais foi nomeado presidente da Câmara Municipal de Boticas, em substituição do dr. Rogério Bráulio Martins, exonerado, a seu pedido, do referido cargo.

Foi nomeado vice-presidente do Município de Oliveira do Hospital o sr. Albano Rodrigues da Silva.

Exposição no Porto

Na Galeria Dois, no Porto, foi ontem inaugurada uma exposição de trabalhos de pintura da artista Regina Alexandre. O certame estará patente ao público até 7 de Fevereiro.

«Seara Nova»

Foi convocada a reunião da assembleia geral dos accionistas da Empresa de Publicidade Seara Nova, S.A.R.L., para 19 de Fevereiro, às 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: nomeação de um representante da empresa junto da Expresso — Bloco Editorial de Distribuição, S.A.R.L.; decisão sobre a remuneração dos corpos sociais e análise da actividade da Empresa no ano de 1972 e perspectivas futuras.

ANO ACADÉMICO DA SOCIEDADE DE MEDICINA NO TRABALHO

Na sessão inaugural do 7.º ano Académico de Sociedade de Medicina do Trabalho, o prof. Torres Pereira, catedrático da Faculdade de Medicina de Lisboa, proferiu uma conferência sobre «O Sentido Médico-Social da Medicina do Trabalho».

Depois de salientar as diferenças entre a medicina preventiva e curativa, o conferenciante, referiu-se ao facto desta última ser já uma realidade para os es-

tudantes de medicina ainda que o não seja para a generalidade dos médicos.

Acentuou, também, vários pontos sobre a medicina no Trabalho e, sobretudo, as dificuldades com que depara o especialista em relação aos problemas da fadiga na indústria.

A sessão terminou com a aprovação dos relatórios das actividades e das contas de 1972 e a admissão de novos sócios.

Novo professor do I. S. A.

Terminou as provas para obtenção do título de professor agregado do 2.º grupo de disciplinas do Instituto Superior de Agronomia, o eng.º sivilcultor, dr. José Filipe dos Santos Oliveira, que desempenhava, actualmente, as funções de 2.º assistente daquele estabelecimento de ensino.

O novo professor tem 35 anos e é natural de Lisboa. Depois de terminar o curso, com uma classificação elevada, realizou vários estágios no estrangeiro.

como bolseiro do I. A. C. e do Governo francês. Exerceu comissões de serviço tanto nos Açores como no Ultramar português ligados à sua actividade científica.

O prof. Santos Oliveira que, no primeiro curso de Jornalismo, organizado pelo Sindicato Nacional de Jornalistas, obteve a nota de «ótimo», tem colaborado em diversos jornais de metrópole e participou em numerosos congressos e reuniões científicas.

A CAÇA E O SEGURO DOS CAÇADORES

A época de caça é boa altura para se reflectir um pouco sobre um problema que tem sido de certo modo esquecido: o problema do seguro. Um tiro infeliz, uma explosão quando da limpeza da arma, no trajeto ou mesmo no decorrer da caça, podem matar ou ferir pessoas ou animais domésticos. Poderá, ainda, acontecer estilhaçarem-se vidros, serem cortados fios eléctricos ou telegráficos... e, claro, será obrigação do causador indemnizar os prejudicados.

E também de considerar que a caça existente em coutadas, reservas ou postos de criação, pode causar prejuízos aos proprietários dos terrenos vizinhos, especificamente nas suas culturas. Neste caso, o proprietário ou explorador do local é obrigado a indemnizar os prejudicados pelos danos sofridos, obrigatoriamente em que é solidário o proprietário dos terrenos onde consentiu tais explorações.

Todos os riscos referidos anteriormente poderão ser garantidos por apólices de responsabilidade civil, havendo mesmo no mercado contratos específicos para caçadores, os quais cobrem também, como foi dito, os acidentes corporais do caçador — morte, invalidez permanente e temporária, despesas médicas, farmacêuticas e hospitalares — corridos quer no decorrer da caça, quer na viagem de ida ou de regresso.

Entretanto, no nosso País não existe, ainda, com carácter genérico, a obrigatoriedade de o caçador estar garantido por uma apólice de seguro de responsabilidade civil, como um dos requisitos para obter a sua carta de caçador. Apenas é imposto que os menores de 2 anos, assim como os nacionais ou estrangeiros que residam fora do território nacional, só possam exercer a caça desde que a responsabilidade que lhes seja imputável esteja coberta por um seguro de responsabilidade civil (de importância não inferior a 200 contos, valor que hoje em dia se tornou insuficiente).

Quantas vítimas de acidentes estarão por indemnizar devido à debilidade económica dos seus causadores? E quantos destes não se terão arruinado para indemnizarem terceiros?

ATRASOS PREJUDICIAIS DOS COMBOIOS PORTO-VIGO

PORTO — Ha comboios que primam pouco pela regularidade da sua marcha... pois chegarem à tabela não é coisa muito provável... Ora, esta falta de cumprimento do horário acarreta, quantas das vezes, grandes prejuízos e contrariedades!

Com a automotora Porto-Vigo, por exemplo, que não se pode considerar um comboio vulgar, uma vez que tem ligações internacionais, e um daqueles em que daqui para aquela cidade galega o andar à tabela, é coisa rara. Ainda na sexta-feira, quando saiu da Trofa, já levava meia hora de atraso; e isto por causa de dois cruzamentos que ali se fizeram. Quanto ao primeiro comboio, que ali se cruzou com a automotora, não se esperou muito. Mas já o mesmo não se pode dizer quanto ao outro, que obrigou a automotora a estar ali retido longos minutos, o que não deixou, naturalmente, de originar reparos dos passageiros.

Então este cruzamento não se poderia ter feito em Famalicao, evitando, assim, que a automotora estivesse tanto tempo parada na Trofa?

Resultado: quando chegou à fronteira, o atraso era ainda de meia hora. Mas como os altos comandos é que mandam... segundo nos informaram... não houve outro remédio que não fosse aguardar chegada à Trofa daquele comboio, que vinha do Minho e originou a demorada paragem da automotora.

Rede rodoviária de Sines

Foram juntos esclarecimentos por dúvidas surgidas na interpretação dos elementos patenteados relativamente aos concursos para as empreitadas n.ºs 9/72 e 10/72 (construção das vias R-41 e R-52 da rede rodoviária de Sines); e assim todos os interessados que podem consultar os esclarecimentos apen-

so à documentação do concurso, de segunda-feira a sexta-feira, das 10 às 12 e das 15 às 17 horas, na sede do Gabinete da Area de Sines, no Largo de Ramos Costa, naquela vila, ou na delegação em Lisboa, secretaria da Direcção de Serviços do Centro Urbano, Rua de Artilharia Um, 33, 5.º.

A acção da mulher na agricultura do futuro

A Secretaria de Estado da Agricultura promove no Centro de Gestão Agrícola do Ave, em Fornelo (Vila do Conde), nos dias 30 e 31 e 1 de Fevereiro a segunda sessão do curso subordinado ao tema: «A Mulher na Agricultura do Futuro».

Nesta sessão, que reunirá vinte e quatro esposas de empresários agrícolas do distrito do Porto serão tratados os seguintes problemas: «Gestão da Empresa Agrícola», pelo eng.º agrónomo Luís da Fonseca Cardoso e «Higiene Alimentar», orientado pela regente agrícola

D. Maria Helena Gaio.

A par destes temas, prosseguir-se-á com as matérias de «Treino Mental», tratados pelas eng.ºs agrónomas D. Ana Gonçalves da Silva e D. Maria da Conceição Pessoa e «Dinâmica de Grupo», pela assistente social D. Maria Leonarda Moraes Araújo.

Em complemento, haverá, ainda, visita de estudo a uma moderna empresa agropecuária, explorada em regime de sociedade de agricultura de grupo.

REPRESENTAÇÃO DO ALGARVE NO FAMOSO BAILE DE ESTOCOLMO

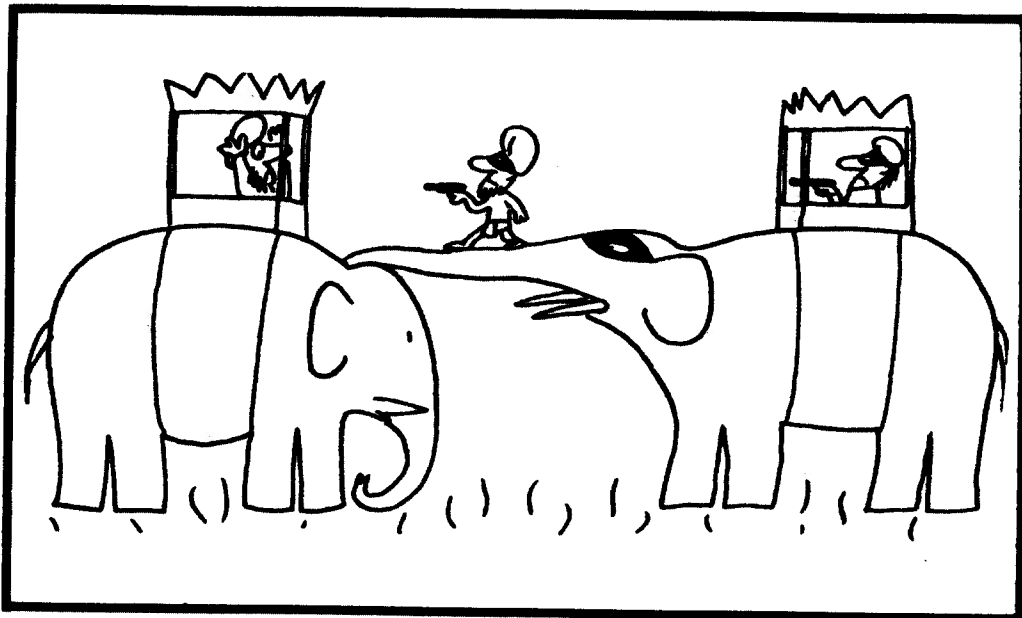
No Grande Hotel de Estocolmo decorrerá, em 2 de Fevereiro, o famoso Baile de Gala, promovido, anualmente, pelo Real Iats Club, Aero Clube e Automóvel Clube da Suécia e que constitui importante acontecimento naquela cidade, no qual tomam parte mais de oitocentos convidados, incluindo membros da família real e do governo, diplomatas, outras individualidades de relevo, etc.

O Baile de Gala é, este ano, especialmente dedicado a Portugal; e, por intermédio

do Centro de Turismo do nosso País em Estocolmo, o Algarve terá ali representação de relevo. No jantar, que se inclui no grande acontecimento, serão servidos doces algarvios, incluindo o tradicional «D. Rodrigo», e haverá sorteio de valiosos objectos de cobre, produto do artesanato algarvio, os quais estão expostos, bem como outros produtos característicos algarvios em estabelecimentos da grande cidade nórdica, onde têm suscitado vivo apreço.

FACTOS

O RUÍDO E A LEI



Qual campanha contra a poluição sonora?

Sabemos todos muito bem como a mecanização maciça surgida com a avalanche de progresso a que estamos submetidos, transformou o nosso dia-a-dia num verdadeiro inferno. O ruído invade as ruas, as casas, até mesmo as próprias almas. Ninguém escapa à praga, a não ser que tenha a felicidade de poder deixar para sempre e longe as estafadas aglomerações citadinas. Mas para os que se encontram condenados — e **condenados**, olhando às condições actuais de sobrevivência nas grandes cidades, nem sequer é termo a puxar ao melodramático — a manter-se seja porque preço for, no meio do pandemónio grosseiro e virulento da urbe universal, não há salvação, por mais divina, que lhes valha. Somos espezinhados pelo ruído. Sofremos a estranha e trágica proposição de irmos a um mundo de surdos. Como, por outro lado, o calar vai sendo uma lei, eis que nos acercamos, inevitavelmente — a não ser que veementemente procuremos o contrário — de um universo de surdos-mudos — o que é terrível.

Vem isto a propósito da decantada campanha contra a poluição, anunciada e re anunciada através dos mais eufóricos e eufónicos meios e que parecia capaz de diminuir sensivelmente o número de decibéis engolidos a galope pelos ouvidos do cidadão. Parecia. Entidades responsáveis responderam ao aceno de uma sensata chamada ao assunto, especialistas quiseram botar a sua palavra, o público foi alertado sobre os perigos imediatos desta outra e não menos contundente forma de poluição. Porém, para além da palavra, o que é que realmente se realizou de efectivo, de real, de autêntico? A buzina, embora a proibição, continua a rebentar-nos os tímpanos por tudo e por nada. Os jactos não deixaram de rasar a cidade com o seu ruído atrozador. Os comboios — urbanos ou suburbanos — bombardeiam-nos com o seu trepidar vulcânico e as suas apitadelas frenéticas nas curvas e contracurvas, nos cruzamentos de vias, nas passagens de nível com

e sem guarda. As motoretas, motociclos e motos, lançam livremente para a atmosfera fraternalmente ruidosa, o pipoquear violento dos seus escapes. As sirenes — gosto mais do termo **sereias** — das ambulâncias, esfaqueiam-nos as entranhas com o seu grito de animais apavorados. O escape livre dos **mini** e dos **super** com veleidades de Jim Clarck, agride-nos a qualquer hora do dia ou da noite — pois os Fittipaldi improvisados não escolhem horários —, se bem que continue em vigor a postura camarária que os proíbe (proíbe?).

Certamente que sim, que proíbe. No papel. Eu bem os ouço, a meio da noite, no bairro da vila suburbana onde moro, roncando como demónios irados, indo e vindo em correrias danadas, perturbando o sono de adultos e crianças, de gente sã ou de enfermos. Não há muito tempo, dei-me ao trabalho de telefonar para a esquadra mais próxima — a de Oeiras — e de apresentar a minha queixa acerca de um ruidoso **Fittipaldi** que, no Bairro Joaquim Matias, em Paço de Arcos, todas ou quase todas as noites, entre a uma e a uma e meia, resolve pôr em alvoroço com o rosnar do seu escape-livre os moradores que, como eu, têm de levantar-se às sete da manhã. Atenderam-me com presteza e amabilidade. Que sim, que iam mandar o carro-patrulha e que haviam de calar o escape maldito ou pelo menos mandá-lo a treinos para as encostas do Guincho. Não duvidamos da boa-vontade e do zelo da PSP de Oeiras. Pelo contrário. Estamos até dispostos a crer que o que foi prometido feito foi e que durante uns dias se conseguiu calar o escape marialvesco e impertinente. Mas já voltou. E agora parece que com maior fúria que antes. Alardeando talvez um ar de quem não deve o mínimo respeito pelos outros, pelos tais que se levantam às sete da manhã e convencido de que não há autoridade que lhe entupa o escape. A inflexibilidade às vezes permite certos contrastes.

Como aquele a que assistimos diante da sucursal de um banco na Avenida da Liberdade, um dia

desta semana. Certo automobilista parou o carro em frente da porta da sucursal bancária, arrumando-o de jeito a que não perturbasse o trânsito daquela faixa, lado direito para quem sobe. Ia entrar na sucursal apenas por um minuto. Mal tinha penetrado a porta da mesma, alguém o avisa de que um polícia da Secção de Trânsito se encontra de volta do seu carro, registando a matrículazinha. A lei é a lei e nada a fazer. No entanto, o automobilista aproximou-se do agente e suplicou:

— **Senhor guarda: pode contar pelo relógio. Vou apenas demorar-me um minuto, nem tanto.**

O agente foi inflexível. Não, senhor. Tinha de tirar o carro dali imediatamente ou passava a multa. O automobilista, exasperado, tomou a sua decisão: disse à esposa que arrancasse com o carro, que ele iria para casa de metropolitano. E assim aconteceu. Na realidade, **contado por relógio**, o automobilista demorou no banco (ia somente colher uma informação muito simples) tanto como quarenta e cinco segundos).

Bem aventurados os escapes-livres do meu bairro, que vivem uma vida sem orgulhos de nenhuma espécie. Igual a outros que há por essa cidade fora e para quem a inflexibilidade dos agentes de trânsito não parece ser bastante.

Por aqui se vê que a campanha contra a poluição sonora ainda não entrou em vigor. Decerto que vai levando o seu tempo. Alguma vez chegará a substanciar um verdadeiro combate ao flagelo do ruído? Esperemos que sim. Entretanto, porém, não seria de todo infeliz que se fizessem cumprir as posturas contra o escape-livre e a buzina. Era um princípio. E produtivo, se levado a cabo com a mesma inflexibilidade com que aquele agente da Secção de Trânsito da PSP encarou os quarenta e cinco segundos que o outro automobilista, talvez menos ruidoso e mais compreensivo em relação às horas de descanso dos seus semelhantes, demorou na agência bancária da Avenida da Liberdade.

JOSUÉ DA SILVA

O nosso mundo



OS VERDADEIROS

Há quem, olhando apenas a superfície das coisas, fale da juventude com displicente criticismo — nivelando todos os moços pelo padrão dos extravagantes sujeitos mais ou menos melencólicos que andam por aí a exibirem (como «modernos») atitudes e exteriorizações que contam milhares de anos. Comete-se um erro e uma injustiça. E natural será que os **verdadeiros jovens** — de corpo e de espírito, entenda-se — reajam contra um sentido judicativo tão desprovido de bom senso. Poderão muito bem começar por provar (e não lhes faltam mil maneiras de tal conseguir...) que nada têm de comum com a fauna beócia que considera sinal de mocidade

todo e qualquer modismo bizarro que descubram em filmes ou magazines de seu gosto — gosto muito especial, diga-se de passagem. Poderão, também, negar com as suas condutas concretas os impostos fundamentais das tais apreciações superficiais. Porque a juventude, quando é natural e digna, sabe bem dar exemplos de civilidade, de generosidade, de cordura. (A. L., in «Concelho de Belmonte»).

ALENTEJO

Nos subúrbios da vila de Montforte foram roubados os seguintes animais: ao sr. João Martins Cid uma mula castanha, de 16 anos, com ferro P. C., estrelada, ferrada nas quatro patas, e um burro ruço, sendo este animal depois encontrado abandonado; ao sr. Manuel Fernandes Parreiras, uma

mula castanho-escuro, ferrada nas quatro patas, com duas malhas brancas nas cruzes e um risco branco nas partes laterais do pescoço.

Entre os numerosos factores que contribuem para a origem de acidentes, o mau estado do pavimento das estradas é, sem dúvida, um dos mais importantes. Assim, próximo da cidade de Évora, existe uma estrada nessas condições: a que liga o cruzamento de Valeira com a estrada para Montemor-o-Novo. Esta via de acesso encontra-se já com muitos buracos, buracosessesqueafectam a condução dos veículos que nela circulam. Daí que se apele para quem de direito a fim de que, a tempo, se arranje aquela via. («Diário do Alentejo»).

PAIO PIRES

Com os rigores do Inverno, por todo se formam poças de água e também como será natural vão aparecendo zonas onde a lama se acumula em abundância. Estamos-nos a recordar por exemplo da Quinta do Bota cuja urbanização já está concluída sem que se vislumbre o começo das obras. Pois

acontece que muita e boa gente no sentido de pouparem imensa caminhada, a atravessam, acontecendo que muitas das vezes se arrependem de não terem dado uma volta maior pelo facto de ficarem com os sapatos e até com as roupas enlameadas. Portanto, para quem não tenha ainda utilizado tal caminho, pome o dilema à sua escolha. Prefere andar mais um pouco e chegar a casa mais limpo ou, pelo contrário, preferir levar menos tempo no percurso e praticar um pouco de «ski» na lama? («Tribuna do Povo», do Seixal).

VARRIDO...

O mundo está a ser varrido por uma onda de loucura. Esta manifesta-se das mais variadas formas e não apenas nos actos de terrorismo que se têm verificado. Perdeu-se a noção do respeito pelo semelhante. Alterou-se o conceito do que seja o dever e a dignidade. Daí as mais variadas espécies de violência a que assistimos. Daí toda uma série de calúnias maldosas, de roubos descarados, de difamações inconscientes. Está em perigo a mesma noção do bem, da rectidão e da jus-

tiça, pois não falta quem se escandalize por não ver apoiadas as suas dementadas posições e até indivíduos muito respeitáveis que, cobardemente, as aplaudem pela calada, as aprovam com o seu silêncio, as ajudam com subreptícias manobras que os fariam corar de vergonha se um dia fossem desmascarados. (Silva Araújo, in «Diário do Minho»).

COMBOIO

Estão muito mal servidos os passageiros dos nossos comboios que viajam na linha Braga-Porto e Nine-Viana. Anteontem, disse-nos um desses passageiros, nas carruagens do comboio que sai de Braga às 21,10, chovia como na rua e ninguém podia ir sentado. E explicou-nos: é que as carruagens, com mais de meio século, que haviam desaparecido da linha de Braga, voltaram de novo, mais roncadas e incomodativas, barulhentas e difíceis de abrir, pelo que os que as utilizam queixam-se e com razão. Quando é que a C. P. considera o povo do Minho com os mesmos direitos do das outras regiões? («Correio do Minho»).

A 1ª TRAVESSIA AÉREA DO ATLÂNTICO:

UM ATLÂNTICO TRÊS AVIÕES E 74 ANOS

A viagem a Lisboa de T. W. "Red" Marshall, de 74 anos, oficial reformado da Marinha dos Estados Unidos foi, de certo modo, uma viagem pela memória. Hoje, depois de tantos anos passados, a cidade mudou de Lisboa por ele imaginada no ano de 1919, pela manhã de 8 de Maio, em Rockaway Beach, a pouca distância de Nova Iorque.

A viagem que agora fiz a Lisboa é, como costumava dizer, a que perdi há 54 anos. Eu não era aviador e tinha que ficar em terra mas sempre imaginei como seria cidade onde a aventura terminaria; sempre desejei conhecê-la. Eu havia estado na Europa, durante a I Grande Guerra mas não passara

por Lisboa, diz-nos.

A aventura que "Red" Marshall a alcunha deve-se com três aviões numa praia de Long Island com os quais se pretendia fazer a primeira travessia aérea do Atlântico. Num quarto de um luxuoso hotel de Lisboa, ouvimos o relato desse sobrevivente da tripulação do NC-4, o hidroavião que alcançou o seu terminus, depois de 4.500 milhas náuticas. Enquanto recorda a sua participação nos preparativos da viagem o ex-mecânico da aviação naval reforça as palavras com os gestos do braço esquerdo, a outra mão repousa-lhe sobre a coxa.

Em Dezembro daquele mesmo ano tive um acidente

com o NC-4, em Baton Rouge. Depois de um voo de reparação e experiência, o avião amarou no Mississippi. Eu saí para cima de uma asa e preparava-me para lançar um cabo de reboque a um barco quando escorreguei e fui apanhado pelas pás de um motor que ainda estava a funcionar.

Apesar de tudo não perdi o braço, sorri o idoso americano. Mas tudo isto já foi depois.

Os primeiros passos dados no sentido da travessia não foram alheios ao conflito que então se travava. Em 1917, esperava-se conseguir da aviação um contributo eficaz no que respeita às técnicas de morte então empregues. Procurava-se construir um avião de luta anti-submarina capaz de atravessar o Atlântico. Conseguiu-se não só obter uma grande vantagem militar como representava a melhor propaganda à máquina de guerra do Novo Mundo. Infelizmente a guerra acabou antes: o primeiro protótipo ficou pronto em Setembro de 1918 e começaram os vãos de ensaio. Mais tarde, juntar-se-lhe-iam mais dois.

Quando os três hidroaviões partiram, o presidente Wilson conferenciava na Europa o desarmamento e foi Roosevelt, então secretário da Marinha quem lhes desejou boa sorte. Mas a sorte de terminar a viagem apenas caberia à tripulação do NC-4, a "Nancy", sob as ordens do comandante Albert Read. Halifax e o sul da Terra Nova foram as duas primeiras etapas; a seguir seguiriam os Açores, local de amargem onde terminaria a maior etapa. Cerca de 1.200 milhas náuticas, pelas quais se distribuíam 21 navios americanos.

LISBOA

No dia 17 o hidroavião de Read atinge a cidade de Horta. Nessa mesma manhã, um dos outros aviões, o NC-1, do comandante Mitscher, que tivera de diminuir

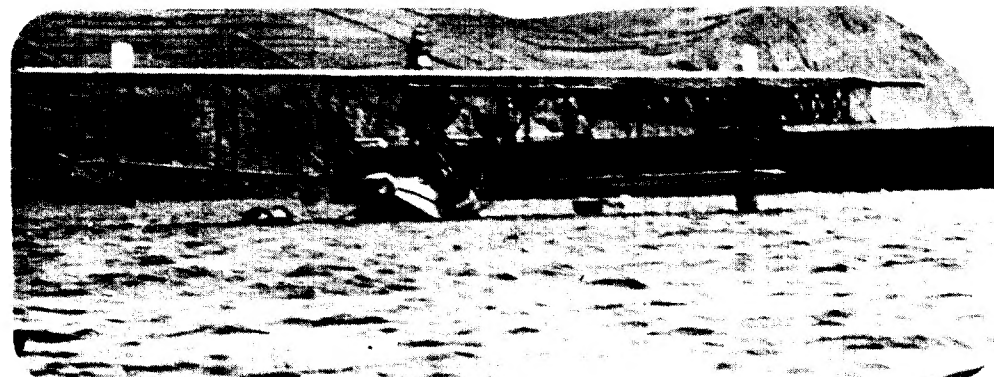


Depois do Atlântico o avião entra no Tejo e em Lisboa, cidade antiga.

de altitude, embate numa onda e afunda-se, se bem que a sua tripulação se tenha salvo. O terceiro hidroavião, o NC-3, também, por essa altura, se encontrou em sérias dificuldades. Apanhado pelo nevoeiro, desviara-se da rota e estava com pouca gasolina. Foi decidida uma amargem que duraria até passar o nevoeiro.

Mas levantar voo de novo foi impossível e o avião chegaria a Ponta Delgada "navegando", no dia 19, depois de ter tocado a água 205 milhas antes da ilha. Aí terminou a sua viagem de barco-avião e o homem que o dirigia, o comandante Towers, principal impulsor da travessia, perdeu aí os aplausos de Lisboa.

As 4 da tarde do dia 27 entrava no Tejo "Nancy" do comandante Read. A travessia acabara; o que havia a provar provado estava. O hidroavião passou a peça de museu e o voo passou à história. Num hotel de Lisboa um ancião memoriza. Lisboa-Nova Iorque é uma lembrança que hoje se faz em seis horas e meia.



Terminada a mais decisiva das etapas, o avião de Read espera, ao largo de Ponta Delgada, a largada para Lisboa.



Thurman W. Marshall: Os seus companheiros partiram da Nova Iorque em 1919; ele chegou a Lisboa esta semana.

CONTINUAM
COM O MAIOR
SUCESSO
OS EXTRAORDINÁRIOS

SALDOS

DE TODA A
ORGANIZAÇÃO DOS
armazéns do
CONDE BARÃO

REPORTAGEM

De Intendência de Polícia a museu particular

A EMBAIXADA DO BRASIL VAI PARA O PALÁCIO DE PALMELA?

O Brasil quer comprar, não há dúvida, mas ainda não comprou o Palácio Palmela (séc. XVIII, ao Rato) para a sua embaixada em Portugal.

Anunciada a aquisição por «O Globo», a chancelaria diz do seu 4.º piso na Rotunda que «são só boatos», que «o sr. embaixador não sabe nada do assunto». Assunto de que toda a gente envolvida já ouviu falar muitas vezes. Que a embaixada quer fazer a mudança do citado andar e do palacete de Emenda para outras paredes, não é segredo há muitos anos. Em 1957 noticiava-se a transferência para o Campo Grande. Em 1958 para o Palácio Pimenta. Idem. Em 1960, idem, idem. Em 1971, para o Palácio Palmela: desmentido dos herdeiros do falecido conde do título. Em 1973, idem, idem.

Para tratar das instalações da embaixada veio a Portugal um delegado das Relações Exteriores brasileiras, o embaixador Vicensi. Viu oito palácios — diz «O Globo» e nenhum lhe agradou como o de Palmela — diz alguém muito ligado à casa. Mas a transacção, se foi sondada, não se consumou até ao momento.

O Palácio, toda a gente lhe conhece os altos muros, que bordejam da rua da Escola Politécnica para a do Salitre, fazendo esquina por um chafariz onde bebiam dantes os cavalos das visitas e onde hoje se refrescam, de Verão, os rapazes da área: iluminados por um holofote camarário e dominados de alto por uma arquitectura de adereços de granito, de singular efeito.

Quem pára aos quartos de hora no engarrafamento da Escola Politécnica já deve ter surpreendido, à direita, um portão altíssimo e brasonado, onde assoma um mordomo de libré, entre duas estátuas (hermes se diz em termos técnicos) que simbolizam «O Trabalho» e a «Força Moral». E o portão dos duques de Palmela. Os hermes foram esculpidos por Anatole Calmels, que durante uns anos do século passado teve a oficina nos inexpugnáveis jardins da moradia.

Saiba mais o transeunte que ali se enerva contra eléctricos e semáforos que a rua se chamava Direita da Fábrica das Sedas, que onde assoma o mordomo era no século XVII a Quinta do Noviciado da Companhia de Jesus (a quem o Marquês deu o destino que se sabe) e que o Palácio que vê tem origem em restauros e reconstruções sucessivas duma casa que o arquitecto Manuel Caetano de Sousa desenhara para sua residência, em 1796, já que a anterior lhe fôra demolida na conturbada pombalina em que impôs a sua arte: era o maior arquitecto de Lisboa.

O Palácio pertence hoje aos onze filhos de D. Domingos de Sousa Holstein Beck, que morreu em 1969. Pertence ainda à mesma família que lhe deu o nome, depois duns acidentes históricos, não menos nobres, mas mais plebeus, de que apontaremos a notícia.

AS PRECIOSIDADES

«O palácio não foi vendido», diz o advogado da família. «Não houve compra alguma», diz o notário. «Não está à venda», diz um dos herdeiros. «Não sei de nada», diz o embaixador do Brasil.

Um dos herdeiros revela apenas o interesse que o embaixador Gama e Silva teria em transferir os seus serviços e residência para o edifício do Rato, e para nenhum outro. «O tempo já não é para viver em palácios», disse-nos um dos filhos do falecido Duque de Palmela: «mas do futuro nada podemos saber. Uma coisa posso desde já garantir: é que o recheio do palácio não será tocado, que as peças — todas — ficarão na família, que nada será vendido.»

E que para lá da fachada, renovada quatro vezes ao longo de dois séculos e que nada tem já da original, sucessivos duques e duquesas de Palmela (especialmente a terceira, D. Maria Luísa Domingas de Sales de Borja de Assis de Paula de Sousa Holstein, segunda marquesa do



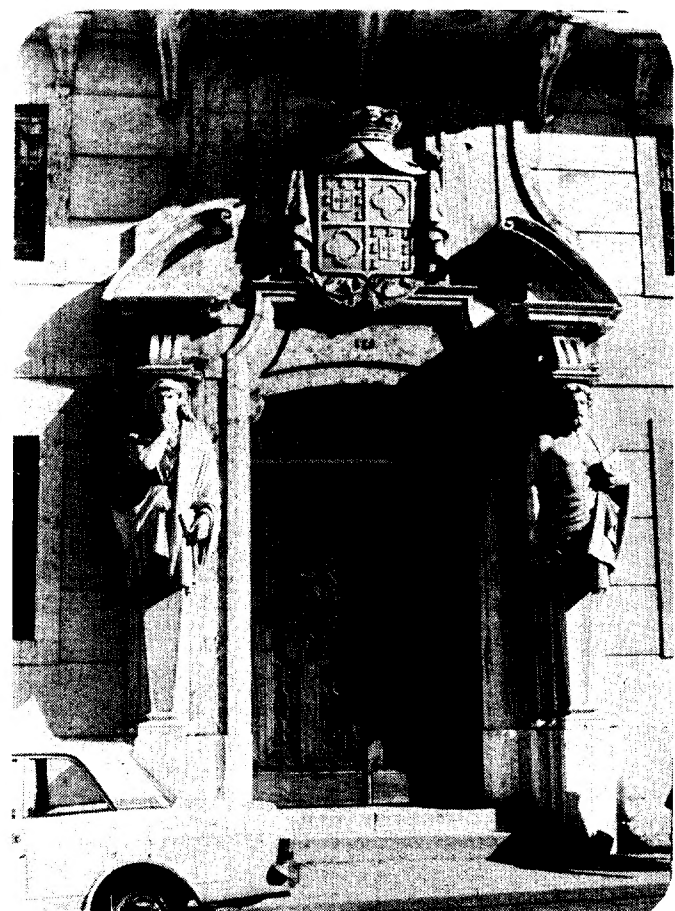
Já nada resta, dizem os especialistas, da fachada oitocentista original, modificada por quatro vezes. O último piso e as chaminés foram acrescentados no século XIX.

Faial, terceira condessa de Calhariz, condessa de Sanfré, Piemonte, dama da D. Maria Pia e camareira-mor da rainha D. Amélia, dama da Ordem de Santa Isabel e da Ordem de Maria Luísa de Espanha, comendador da Ordem de Sant'Iago e académico de mérito da Académica Nacional de Belas Artes) recolheram uma extraordinária colecção artística, que faz do Palácio um museu particular, para usufruto dos titulares e inacessível ao público.

Confirma-se a transacção e passarão para a embaixada do Brasil uma Sala Inglesa, uma Sala Francesa, uma Sala Antiga, uma Sala Chinesa, um Salão de Jantar e outro de Baile, uma rica Saleta e uma capelinha em tela e madeira, barroca, que imita a de S. João Baptista, a S. Roque, importada de Itália: para a instalar se acrescentou ao edifício mais um piso, donde saem chaminés, o que casou escândalo aos amigos dos delicados equilíbrios que Caetano de Sousa, o arquitecto, congelava no papel.

Pois no Palácio Palmela, além de preciosíssimas cerâmicas, esmaltes de Limoges e raridades orientais, encontra-se uma das melhores pinacotecas particulares de Lisboa: quadros de escola flamengo, oito tábuas de primitivos portugueses do séc. XVI (talvez de Gregório Lopes), pinturas atribuídas a Ticiano e a Van Dyck, outras de Guido Reni, de Teniers, de Vieira Portuense, de Domingos Sequeira e de Thomas Lawrence. Um retrato do Imperador Carlos V. Retratos da família Palmela (donde se destaca o de D. Pedro de Sousa Holstein, diplomata de que fala a história das lutas liberais). E também esculturas do já referido Calmels, de Soares dos Reis, de Teixeira Lopes e de Guillon.

Soubemos que a colecção foi recentemente inventariada e estudada por um dos mais conhecidos especialistas portugueses. E que o Palácio e seu recheio constam duma esquecida lista de monumentos municipais, elaborada nos anos trinta por dois amigos de Lisboa (Norberto de Araújo e Matos Sequeira) e nunca mais oficializada. O Palácio não é classificado como monumento nacional. Significa isto que não está condicionado por autorizações ministeriais o regime da sua transacção.



«O Trabalho» e a «Força Moral» são dois hermes. Defendem o n.º 140 da Escola Politécnica, Palácio Palmela, sob o manto, coroa ducal e armas dos Sosas de Arronches. Talvez venha a flutuar sobre o conjunto a bandeira da «Ordem e Progresso».

DUM CAPITALISTA PARA A POLÍCIA

Norberto de Araújo: «O Palácio Palmela, pela delicadeza e gosto harmonioso das suas decorações, pelo ambiente nobre, sem requintes escusados, das salas e dependências, é sobretudo notável pelo seu recheio artístico de todas as espécies.» Mas as paredes têm história mais curiosa do que a das aquisições artísticas duma linhagem antiga e tradicionalmente dedicada à diplomacia e às viagens.

Manuel Caetano de Sousa legou a sua casa ao filho, também arquitecto. Mas Francisco António de Sousa, ao contrário do pai, não levou a vida inteira a desenhar para a nobreza e para o Estado: cedo lhe deu a rebeldia para entrar na conspiração, e em 1817 aparece envolvido na «revolução» de Freire de Andrade, esmagada pelo poder. O jovem arquitecto escapa à força não se sabe hoje por que artes ou acasos, mas a prisão, o degredo para África e o despojamento de móveis e imóveis é que não conseguiu evitar. O palácio passa para o Estado.

Estado que nele instala a intendência da polícia de Lisboa até que carências do erário e agitação liberal obrigam a que o edifício vá a leilão. Estamos em 1822. Arremeta a casa ao maior lance um comerciante de Lisboa, Henrique Teixeira de Sampaio, feito Barão de Teixeira em 1818 e 1.º Conde da Póvoa em 1823, ministro no ano seguinte.

O palácio vai ter ao património Palmela quando a filha do Barão se casa com D. Domingos de Sousa Holstein, que herdara já de seu pai (D. Pedro, primeiro duque, primeiro marquês e primeiro duque de Palmela) os palácios do Calhariz (onde está hoje instalada a Caixa Geral de Depósitos) e do Lumiar, que hoje é propriedade da Marquesa de Tancos.

Palácio do Lumiar que «está à venda há muitos anos» e que por uma afinidade genealógica muita gente pensa ser também património dos Palmelas. E pelo qual também se interessou o embaixador Vicensi. Mas não muito, ao que parece. Parece é que o monumento do Rato vai sair das mãos da família que há cento e cinquenta anos o habita. Palácios são palácios...

Colóquio na SEDES

Lisboa e o monopólio da participação política

Na linha de um dos seus princípios programáticos, que visa «a definição de esquemas de participação activa das populações através de estruturas pluralistas na construção e gestão da comunidade económica, social e política», a SEDES promoveu um colóquio subordinado ao tema **Lisboa e o monopólio de participação política**, que foi animado por uma mesa constituída pelos dres. Rui Lilar, José Carlos Megre, Francisco de Sa Carneiro e Marcelo Nuno Rebelo de Sousa.

Analisou-se a atitude política decorrente da concepção de desenvolvimento da Associação e da sua «posição crítica e independente», passando-se à caracterização das estruturas económicas e políticas do País, desde os finais do século XIX até aos nossos dias, salientando-se o papel das elites na condução do poder sobretudo depois do 28 de Maio.

A «pirâmide da participação política» estruturou-se ao nível da governação, do seguinte modo:

— Chefe de Estado: 5 Membros do Conselho de Estado; 3 Membros do Governo; 50 Deputados à Assembleia Nacional; 2 8 Procuradores a

Câmara Corporativa; 686 Membros do Colegio Eleitoral para a Presidência da República.

Mas a participação piramidal constitui-se do seguinte modo: 22 Governadores Cívicos; 0 Membros das Juntas Distritais; 306 Membros dos Conselhos Distritais; 753 Membros das Câmaras Municipais; 3 92 Membros dos Conselhos Municipais (numero medio); 2075 Membros das Juntas de Freguesia; 4 846 Votantes em 969; 809 780 Recenseados em 969; 8 668 267 População total em 970.

O dr. Sa Carneiro falou do problema da participação num sistema político orientado por órgãos de cúpula; a passagem de um sistema teoricamente democrático para um sistema oligarquico em que foi suprimido o sufrágio directo, o apoio total ao executivo, o unipartidarismo, a impossibilidade de fomentar a formação política dos eleitores. Falou por fim o dr. Marcelo Rebelo de Sousa sobre o novo regimento da Assembleia Nacional e sobre as assimetrias entre eleitores e votantes e entre estes a população recenseável segundo as zonas e os estratos sociais e económicos.



O CUNHO DA AUTENTICIDADE

O secretário de Estado da Informação, dr. Moreira Baptista irá aparecer quinzenalmente nos ecrãs do TV para comentar, sobretudo, as comunicações do Conselho de Ministros, segundo afirmou na sua primeira comunicação.

Depois de referir os problemas levantados pela necessidade de uma Informação actual e objectiva, o secretário de Estado referiu-se ao modo como, no caso do assassinio de Amílcar Cabral, se prestarem certas informações que integrou numa «campanha que em certos casos chega a ser impressionante de falsidades e contradições». E mais adiante: «Temos de chamar à razão a cada passo, as pessoas contra esta informação tendenciosa. Temos de opor a informação falsa a informação verdadeira. Informação que pelo facto de vir de entidades oficiais conhecidas e responsáveis, repito, traz consigo o cunho da autenticidade». Quanto aos objectivos destes seus contactos com o público da televisão, assim se expressou o dr. Moreira Baptista: «É com o objectivo de alargar o âmbito do serviço informativo que aqui me encontro para trazer, periodicamente, ao conhecimento da opinião pública nacional, com objectividade, quanto possa interessar para que se desenvolva o grande diálogo entre quem tem a responsabilidade de governar a aqueles a quem se dirigem os actos do Governo». Mais adiante, concretizaria: «Mostrarei tão somente as razões das medidas que o Governo toma e os objectivos que pretende atingir».

Ora, o órgão de onde partem as decisões fundamentais do Governo é o Conselho de Ministros. Nos últimos anos procurou-se ser mais explícito nos comunicados que se publicam, mas tenho verificado que deliberações importantes ficam na frieza das páginas do Diário do Governo» mau grado todo o louvável esforço de divulgação dos órgãos de Informação a quem nem sempre se terão fornecido suficientes elementos de apreciação. Sente-se de facto que falta algo que estimule a curiosidade da opinião pública. Por isso os meus comentários assentarão fundamentalmente nas comunicações do Conselho de Ministros.

ESPÍRITO DE EQUIPA

O fomento de uma mentalidade militar comum e uma unidade de doutrina e actuação, assim como o desenvolvimento do espírito de equipa entre oficiais de diferentes ramos, são algumas das finalidades principais do curso de Estado-Maior Inter Forças, destinado a oficiais dos três ramos das Forças Armadas, que findou na sexta-feira.

O curso encerrou com a entrega de diplomas aos participantes que durante três meses o frequentaram. O curso representa uma importante qualificação que torna os oficiais diplomados em elementos especialmente indicados para lugares de estados-maiores conjuntos ou para o exercício de funções em órgãos superiores da Defesa Nacional.

A SEMANA

REGULAMENTO DA PESCA COSTEIRA

O «Diário do Governo» publicou o regulamento da pesca industrial não agremiada que se exerce ao longo da costa em embarcações que diferem das de pesca artesanal por te em maiores dimensões e pertencerem a indivíduos que não são pescadores profissionais. O texto, que entrará em vigor no dia 1 de Abril, define os requisitos técnicos e tecnológicos que tais barcos deverão satisfazer, características e balizamento das redes, aparelhos e outras artes que podem usar e respectivas regras, assim como integra normas relativas ao cumprimento do pescado e para a construção, aquisição ou modificação das embarcações.

Fica aí também estabelecido que as embarcações com menos de 14 metros de comprimento de sinal, já registadas neste tipo de pesca, poderão transitória-mente continuar a exercer a sua actividade, mas deverão ser substituídas por outras, ou entregues a pescadores para o seu registo na pesca artesanal, impreterivelmente, até 31 de Março de 1981. Também se estabelecem os comprimentos mínimos do pescado: sardinha 11 centímetros; carapau e chicharro 9 cm; cavala e sarda 12; pescada 24 cm; linguado 21; lagosta e lavagante 20.

PÊ DA VINHA

O MAGNÍFICO

ROSÉ, ROSADO OU BRANCO
um vinho para todas as refeições.



PUBLINTER

NEVOEIRO

Se Londres fosse só nevoeiro, muita gente desambientada teria tido a oportunidade de se imaginar ali... A partir do meio da semana, espessa cortina de nevoeiro envolveu os dias de Lisboa, dando à cidade um tom diferente e quase irreal que permitiu imagens como esta. Mas, por detrás das imagens mais ou menos fantásticas, a realidade das coisas que se transtornam com uma simples alteração de tempo atmosférico: os barcos que não podem circular, os aviões que mudam de destino e a gentes que, por serem sistematicamente vítimas de tudo isso, talvez não tenham outro remédio senão sonharem, cada vez mais, com uma qualquer Londres...



A MULHER NA ENCRUZILHADA

Em regime ainda experimental, a P.S.P. começou a utilizar elementos femininos para a regulamentação do trânsito e, ao que parece, com bons resultados. Em vários pontos da cidade, as pias das sinaleiras passaram a ser ocupadas por uma mulher-polícia a quem os surpreendidos condutores obedeceram prontamente. Outras estão-se preparando, na Divisão de Trânsito, para engrossarem o contingente das suas colegas que agora ajudam na enorme tarefa do descongestionamento do tráfego.



ANGOLA APOIA O GOVERNO

Na quinta-feira decorreu em Luanda, junto ao Palácio do Governo uma manifestação de apoio à política ultramarina do Governo central. A manifestação foi marcada para as 16 e 30 e numerosas pessoas ostentavam cartazes de solidariedade para com o professor Marcello Caetano, assim como outros, alguns dos quais indicando a presença de empresas, cooperativas e colectividades.

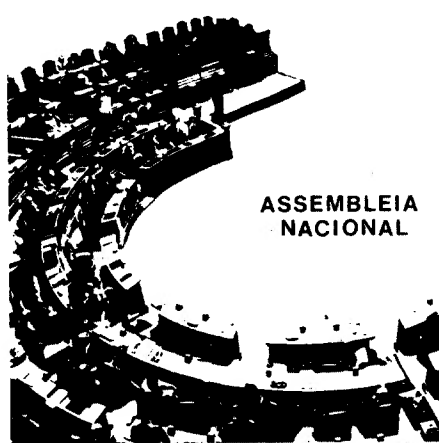
O governador geral de Angola, eng. Santos e Castro, acompanhado, entre outras individualidades, pelo comandante-chefe das Forças Armadas e pelo presidente da Câmara Municipal de Luanda, foi muito aplaudido pelos manifestantes que escutaram em seguida as palavras do dr. Sá Viana Rebello.

A REFORMA NA CÂMARA

A Câmara Corporativa deverá apreciar até aos últimos dias de Fevereiro a proposta de lei sobre a Reforma do Sistema Educativo que, com pedido de urgência, lhe foi enviada pelo presidente da Assembleia Nacional, deputado Amaral Neto. Nela se afirma, na sua Base I, Princípios Fundamentais, como princípios orientadores da Reforma: «... c) estimular o valor pela Pátria e por todos os seus valores, bem como pelos interesses superiores da comunidade lusitana, dentro de um espírito de compreensão e respeito pelos outros povos e no âmbito de uma activa participação na comunidade internacional; d) favorecer a liberdade de ensino; ... f) proporcionar uma educação básica a todos os portugueses;...».

JULGAMENTO

Acusados de desenvolverem actividades na organização revolucionária «O Comunista» começaram, na quinta-feira, a ser julgados no Plenário Criminal de Lisboa nove estudantes, cinco dos quais angolanos. Detidos pela D. G. S., os jovens são acusados de formarem dois núcleos distintos de actividade: um núcleo de luta anti-colonial e outro de informação e propaganda. São eles: Isabel Salavista Lança, de 20 anos, Maria da Graça Baltasar, da mesma idade, Maria de Lurdes F. Baginha, de 27, Pedro Luis Malho, de 22 anos, Carlos Alberto Saraiva da Costa, de 21, Fernando Reis Júnior, de 25, Nuno da Cunha Porto, da mesma idade, José Mário Alves da Costa, também de 25, Joaquim Ribeiro Pires, de 22 anos.



O projecto de amnistia constitucional para condenados por delitos de índole política e funcionários públicos alvo de processos disciplinares por idênticas razões foi vedado pela Comissão Parlamentar de Política e Administração, presidida pelo prof. Gonçalves Proença, a qual não a considerou «oportuna».

Sobre a amnistia, isto é, sobre o seu significado no actual contexto político (e sobre o seu significado desejável) havia já discursado o autor da proposta, deputado Sá Carneiro: «Se a amnistia não pode pois ser o remate da reforma política de que carecemos, e na qual nos empenhamos procurando cumprir declarações publicamente feitas aos eleitores, que seja ao menos o elemento de pacificação de que necessitamos, a expressão de que é possível, indispensável e urgente a criação dum clima de convivência mútua em que as divergências políticas não desencadeiem a aplicação de sanções penais e disciplinares». E a seguir: «As reformas que tentámos visavam a criação desse clima pela modificação das condições legais de convivência cívica e política. A amnistia que propomos visa obter ao menos a supressão dos efeitos de uma situação jurídico-política injusta que no essencial permanece inalterada». Além desta batalha perdida pelo deputado liberal outro facto, uma nova polémica intervenção do deputado Miller Guerra, marcou esta semana. O assunto foi a liberdade religiosa, matéria que no momento presente tem sido largamente abordada pelos parlamentares.



CARTAS

Três amigos, «trabalhadores-estudantes» da Amadora, foram passar o fim-de-semana ao Algarve e voltaram à boleia por Castro Verde, onde se viram sem dinheiro, nem comida, nem alojamento. Recorreram à G.N.R., mas aí vai o relato da aventura, pela pena de um deles, João Carlos Figueiredo, que escreveu ao nosso director:

Encontrando-nos em dificuldades financeiras, pois não dispúnhamos de dinheiro para o regresso, fomos para a estrada que de Castro Verde conduz a Lisboa e esperamos que alguém parasse e nos levasse ao nosso destino, o que não aconteceu, pois todas as tentativas de obtenção de boleia foram infrutíferas.

Cerca das 20 e 30, já noite, resolvemos apresentar-nos às autoridades locais e expor-lhes o nosso problema para nos ajudarem a solucioná-lo. Fomos ao posto da G.N.R. de Castro Verde onde fomos recebidos por um senhor cabo que se apresentou como comandante da corporação ali instalada. Identificamo-nos como trabalhadores-estudantes e expusemos-lhe a nossa pouca sorte: falta de alojamento, de dinheiro, de transporte e de alimentação, pois nesse dia não tínhamos ingerido qualquer refeição. A noite estava com

uma temperatura da ordem dos zero a quatro graus positivos e com um vento que soprava com rajadas de 90 km, isto no dia 17 de Janeiro, em que foram assinalados em diversos pontos do país vários incidentes originados pelo mau tempo que se fez sentir em todo o território nacional. A resposta da autoridade máxima da simpática vila não se fez esperar: «desenrasquem-se!»

Saímos do posto bastante deprimidos e dirigimo-nos ao Hospital da vila onde fomos recebidos pelo médico de serviço, a quem narrámos a injustiça de que tínhamos sido vítimas. A resposta não tardou: «Motorista, por favor conduza-me estes rapazes à pensão e diga-lhes que lhes deem dois quartos, jantar e pequeno almoço, que as despesas corram por minha conta, porque somos todos irmãos e seres humanos.»

Bom homem este doutor! Gastou o seu dinheiro em prol de três desconhecidos (cerca de 300\$00) que precisavam de ser ajudados, numa atitude que mereceu o nosso reconhecimento e o nosso apreço, talvez nos salvasse a vida, quem sabe?

Os nossos leitores terminam exaltando «a hospitalidade e humanismo» do médico. É verdade que a GNR não segue as normas dos «bobbies» londrinos, que recolhe, alimenta e transporta os que ficam na rua de bolsos vazios, isto para evitar vadiagens e outros tipos de desordem.



CRÔNICA

TABERNEIROS, HOMENS, E OS TIROS DE VIALONGA

Um taberneiro de Vialonga, concelho de Vila Franca de Xira, disparou vários tiros com a sua caçadeira e dois jovens recolheram ao hospital em perigo de vida.

A tragédia ocorrida esta semana (enigma de polícia, pleito em tribunal...) começou quando os dois jovens já embriagados teriam insultado e ofendido a mulher e filhas do taberneiro que, transtornado, disparou contra eles.

As versões multiplicam-se, o delito irá ser julgado em tribunal, teremos réus e acusadores, absolvidos e condenados.

Mas sobre este caso profundamente social ficarão a pairar numerosas dúvidas e inquietações: porque motivo beberam aqueles dois jovens até à saturação, que ansia incontrolada de lucros fáceis levou o taberneiro a servir-

lhes vinho até os deixar quase inconscientes (animalizados)?

E ao reporter surgem-lhe na lente da memória cenas observadas ao vivo, ao longo da infância e quase adolescência: rurais chegados da faina ceifã, pescadores desembarcados de arduas pescarias, descem até às tabernas dos bairros pobres e derretem os magros salários. As mulheres seguem-nos lamuriantes, filhos engelhados nos regaços.

Depois, quando pelas madrugada as tascas encerram as suas portas, taberneiros conferem eufóricos os lucros vultuosos, fruto de um negócio que alguém já afirmou dar de comer a um milhão de portugueses.

Mas, apesar da tragédia latente, em cada bairro que desponte uma taberna não tarda a franquear as suas portas. Na peugada de milhares de provincianos que demandam as grandes metrópoles aí temos dezenas de taberneiros sem os perder de vista.

Exemplos (vários): Damaia, Lavradio, Brandão, Baixa da Banheira, Clermond-Ferrand, Champigny, focos de estagnação, Vialongas certas de amanhã.

MANUEL GERALDO

O problema da unificação ortográfica

RIO DE JANEIRO, 28 (ANI) — A decisão da Academia Brasileira de Letras sobre a unificação da ortografia, em vigor no Brasil e em Portugal, foi adiada para 5 de Abril. A apreciação terá como base o parecer do académico António Houaiss, que sublinha estarem as duas ortografias diferenciadas há trinta anos.

O professor Houaiss pediu ur-

gência na solução do problema, pois a Academia Brasileira de Letras deve publicar, até o fim do ano, os seus novos vocabulários ortográfico e onomástico. Como os académicos não chegaram a acordo, no seu encontro de quinta-feira — o último antes do período de suspensão de trabalhos — o debate ficou transferido para a próxima sessão, a cinco de Abril.

INTERRUPÇÃO DE TRÂNSITO

Por motivo das obras na linha de caminho-de-ferro do Norte, o trânsito na estrada nacional 34 (Alfarelos-Taveiro) encontra-se interrompido nas passagens de nível de Vila Pouca do Campo e Taveiro.

As interrupções verificaram-se nos dias 29, 30, 31 deste mês e de Fevereiro, das 9 às 16 e das 14 às 16. O itinerário de recurso será Alfarelos-Condeixa-Coimbra.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Tibério Ramos. R. Dr. Oliveira Salazar, 51 — VILA VIÇOSA

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

QUARTEL MESTRE GENERAL
DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA
CONSELHO ADMINISTRATIVO
AQUISIÇÃO DE IMPRESSOS

1. Faz-se saber, que no C. A./D. S. I., Travessa de Santo António da Sé, n.º 21, Lisboa, se encontra aberto o seguinte Concurso Público:

N.º Conc. Públi.	Artigos	Data da entrega de propostas na DSI	Data de abertura de prop. no CA/DSI
6/73	Impressos destinados à Seccção Mecanográfica da C. S. C. A. da Região Militar de Angola	12 FEV 73 18 H	13 FEV 73 16 H

2. O Caderno de Encargos que serve de base ao referido Concurso Público pode ser consultado, neste C. A. de 2.ª a 6.ª-Feira, das 14 h às 18 h.

O PRESIDENTE DO C. A.
MANUEL MACHADO
CORONEL.



Prêmios (TV) Crédito Predial Português

Jaime Mourão Ferreira profere algumas palavras durante a distribuição dos prêmios C.P.P. da televisão relativa ao quarto trimestre do ano findo segundo rotação da crítica e do público. Foram distinguidos, como informámos, os programas «Histórias da Música, Convívio Musical» e «Se bem me Lembro».

Com Williams vai-se a espuma mas fica a Lanolina!



Com um creme vulgar obtém-se uma espuma abundante...



...mas essa espuma vai-se à primeira passagem...



...Ai! Ai! Ai!
A lâmina não desliza e ficaram pelos por cortar...



Resultado: pele irritada, cortes e... a barba mal feita...



Uma camada de espuma de shaving cream Williams e...



...A lâmina desliza sozinho...



Terminada a primeira passagem, a espuma foi-se, mas ficou a Lanolina...



Resultado: a pele fica macia e a barba escanhoad.

Os cremes de barbear Williams são feitos à base de Lanolina mas o creme Ice Blue também contém GLISSICONE



MANHÃ NA PRAÇA

Galinha ao sabor da ocasião

«Vale mais vender alhos e limões do que carne...» o comentário veio ao nosso encontro mal entrámos no primeiro talho do mercado do Forno do Tijolo. Saiu espontaneamente da boca do empregado que depois nos explicou a razão de tal desabafo.

«O povo, agora, prefere os supermercados. Parece que, lá, existe mel... dizem que é mais barato. No entanto não pagam as contribuições ao Estado como nós... Bater sempre na mesma tecla já se está a tornar monótono mas a verdade é que em todos as praças municipais, (nos legumes, na carne, na fruta ou no peixe), ouvimos as mesmas lamentações da parte de quem vive do negócio de vender géneros alimentícios atrás de uma banca. De quem diariamente madruga para conseguir um abastecimento «em conta», na Ribeira.

Ali, no Forno do Tijolo, enquanto falámos com o talhante, durante uns minutos, apareceu apenas um freguês.

Comprou um bife de 100 gramas (6\$20) de vaca congelada e possivelmente importada da Argentina ou de outro sítio qualquer. Numa verificação rápida das tabelas dos preços registámos:

Caprigo, da parte dianteira a 61\$40; da traseira a 57\$40.

Vaca do lombo a 90\$00.

Borrego, da perna a 64\$60; da mão a 56\$20 e costeletas a 63\$20.

Porco: para bife a 65\$80 e costeletas a 58\$00.

«O porco e o cabrito não têm preço fixo. Depende dos dias...», acrescentou o empregado.

As galinhas e os frangos, pendurados de cabeça para baixo, aliciaram-nos para uma espreitadela. Seria agradável vermos, aves de capoeira alimentadas, livremente, no campo. Porém não tenhamos ilusões aquelas eram exemplares produzidos pelo calor artificial das chocadeiras eléctricas e comida «racional».

Por isso os preços marcavam: galinha (pronta e cozinhar) 20\$00; a outra 17\$00.

«A galinha, hoje está mais barata que o carapau; amanhã o preço pode aumentar... isto é como o elevador sobe e desce». O pregão chamativo que a vendedeira atira aos clientes que se aproximavam da sua banca. E confessava honestamente «a galinha é rija mas na panela de pressão coze-se num instante».

Nos legumes deparámos com um panorama variado. Desde as cenouras a 4\$00 o quilo, grelos a 4\$00 e 5\$00, nabos a 3\$00, couve lombarda a 3\$00 (cada) até aos agriões a 2\$50 e couve portuguesa a 3\$00 não faltava. ali, nada. Nem sequer os extemporâneos tomates a 28\$00, as favas a 8\$00 e as ervilhas, também, a 8\$00.

TEATRO MARIA MATOS

ÚLTIMOS DIAS

HOJE, «Matinée» às 16 horas

«Soirée» às 21.45 horas

Ruth Escobar

apresenta

Missa Leiga

de CHICO DE ASSIS

Prémio da crítica brasileira para a melhor encenação e a melhor música

50%, para estudantes e jovens até 18 anos, devido a um subsídio da Fundação Gulbenkian

M/ 14 anos

Amanhã, espectáculo às 21.45 horas

O DIÁRIO DE LISBOA NA IMPRENSA

O nosso comentário «Porquê Tanta Multa?», a propósito da P.S.P. do Porto ter aplicado mais de «cem mil multas» por transgressões de automobilistas durante o ano de 1972, foi transcrito pela «Voz Portucalense», que lhe juntou algumas palavras de concordância.

É necessário rever a lei do inquilinato

Sobre a lei do inquilinato e outros problemas relacionados com a habitação recebemos do nosso leitor, **Júlio de Castro**, residente em Moscavide, uma carta da qual publicamos os seguintes trechos: Muitos senhorios não hesitam em propor aumentos de rendas que variam entre 50 e 400 por cento, dando-se seguidamente o entreacto com as indesejáveis Comissões de

Avaliações em desfavor do inquilino, seus trâmites burocráticos com as despesas inerentes e perdas de tempo, imergindo, por vezes, no Tribunal de Recurso das Avaliações de Lisboa.

«São evidentes as anomalias na lei do inquilinato. Com os inquilinos de determinados prédios acontece que, quando os usufrutuários morrem ficam automaticamente sujeitos a novos e monstruosos contratos de arrendamento. É surpreendente a incoerência da referida lei que, arbitrariamente, faculta poderes a uma classe privilegiada, salvo pequenas excepções.

«A veracidade destas afirmações é sobejamente conhecida da máquina governativa pelo

que há muito tempo se impunha, para acabar com ódios e malquerenças entre senhorios e inquilinos, que o Governo solucionasse o assunto com uma proposta de lei que tivesse em vista a revisão da lei do inquilinato.

Apresentado que foi na Assembleia Nacional o Aviso Prévio sobre urbanismo e habitação pelo deputado Alarcão e Silva, documento que esteve em debate durante uma semana concluiu-se recomendar ao Governo a revisão da lei do inquilinato. Registou-se então uma onda de satisfação e alívio entre a população que vive oprimida

com o regime de avaliações fiscais por quinquênios. Quando tudo levava a crer que tal iria acontecer, em breve apareceram dois deputados com um projecto de lei, que propõe aumentos de rendas de 5 em 5 anos para Lisboa e Porto.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Idalina L. C. Ferreira, «Tabacaria Jocar», Praça José Coelho, 47 — SAMOUCO

Voluntários da Trafaria

A Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Trafaria efectua no dia 2 de Fevereiro uma Assembleia Geral Ordinária com a seguinte ordem de trabalhos: apreciar, aprovar ou alterar o Relatório e contas de Gerência de 1972, com respectivo parecer do Conselho Fiscal.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João Evangelista M. Quitério, «Café Copacabana» — MIRA



A Directora
ILDA SANTOS

SURDOS CASA SONOTONE

Depois de ter visitado os meus queridos clientes e amigos na Madeira a seu pedido, tendo também estado no arquipélago dos Açores, venho por este meio agradecer a maneira carinhosa com que fui recebida por todos. Agradeço reconhecida a todos os clientes de Lisboa que não deixaram de nos visitar mais uma vez um grande OBRIGADO: Estamos às vossas ordens para fazermos exames e demonstrações e prestar assistência a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer casa ou marcas. Temos pilhas de todas as voltagens.

EM LISBOA, Poço do Borratém, 33, s/l. — Telefone 86 83 52
NO PORTO, Praça da Batalha, 92, 1.º — Telefone 02-35602
EM LUANDA, Rua António Enes, 42, 2.º, Apartamento 26

METALÚRGICA ALENTEJANA

CARLOS ROEDER, LDA.

ACEITA DISTRIBUIDORES

PARA A SUA GAMA DE MOTORES DIESEL

**M W M
DITER**

RESPOSTA URGENTE à Rua do Arsenal, 148, 1.º — Lisboa

TROFÉUS TIMEX

São hoje entregues três dos sete troféus anuais instituídos pela Timex no intuito de prestar, simbolicamente, uma homenagem àquelas manifestações artísticas desportivas que crê estarem a merecer um apoio por parte de todos os responsáveis.

Vão receber os troféus, no Conservatório Nacional, os alunos que melhor se classificaram no passado ano: Maria Madalena Pereira de Sá Pessoa, no Curso de Dança; José David Teixeira Alves, no Curso de Teatro; Maria Augusta Clavel Leite de Castro, no Curso de Música.

A Timex pretende, assim, não só premiar o esforço daqueles que pelo seu trabalho e perseverança se souberam distinguir na actividade a que se dedicaram, como ainda estimular-lhes a coragem, a força de vontade, para que continuem, sem esmorecimentos, no caminho que escolheram.

Os troféus Timex foram já entregues. Um à equipa de Andebol do Clube de Futebol «Os Belenenses». Dois às figuras, masculina e feminina, consideradas os «Atletas do Ano», Carlos Lopes e Adélia Silvério. Foram ainda distinguidos com troféus Timex, em Motocross, Manuel Maçadas, José Torres de Sousa e João Gouveia.

Máquina de lavar roupa automática



Você própria pode escolher a temperatura, o nível de água e o processo de lavagem. Com tudo isto perde apenas uns segundos. O resto é com a máquina: o desenvolvimento do programa é totalmente automático.

Miele

Agente Oficial:

A. OLIVEIRA

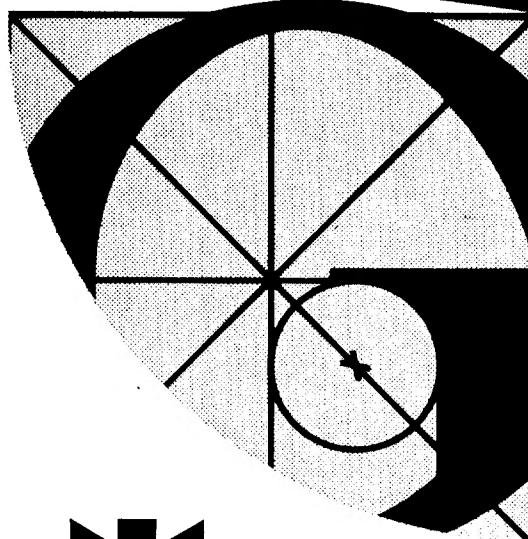
Av. Almirante Reis, 91 A
Telefs.: 538323 - 536308 - 530838

FILIAL: Rua Angelina Vidal, 63-65 — LISBOA

ASSUNTO EXPORTAÇÃO uma oportunidade para a sua empresa

FILGRÁFICA

de 7 a 15.4.1973



As indústrias do papel e as de artigos gráficos têm actualmente boas possibilidades de expansão.

Por seu turno, o Fundo de Fomento de Exportação entende dever apoiá-las o mais possível nesse esforço de crescimento. Tomar parte em Filgráfica 2 — grandioso Salão da especialidade a realizar na FIL — surge, assim, como um passo em frente que muito importaria incentivar junto daquelas indústrias. Criados para apoiar quantos como nós consideram urgente crescer, temos todo o empenho em que a sua empresa dê esse passo. Por isso, resolvemos participar no custo dos stands dos expositores nacionais em Filgráfica. E vamos trazer a Lisboa, durante o período de realização desta, diversas missões de importadores estrangeiros.

E faremos ainda publicidade do certame através das Delegações que possuímos nos cinco continentes. O importante é que empresas progressivas como a sua — cresçam. Cresçam sempre e mais.

E com elas o País.

Inscriva-se, pois, quanto antes!



FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

R. Camilo Castelo Branco, 2-3.º - Tel. 47928/59156 - Lisboa 1;
Delegação no Norte:
R. Gonçalo Cristóvão, 128-1.º Esq.º - Tel. 380214 - Porto.
FIL - Feira Internacional de Lisboa
Praça das Indústrias - Lisboa 3

MEDICINA

O trabalho sedentário predispõe ao enfarte

Continua-se a indagar com grande interesse sobre os inimigos mais próximos das nossas coronárias. Entre estes, um lugar importante é ocupado sem dúvida pela tensão emotiva. Trata-se, é verdade, de uma denominação muito vaga, também porque é uma forma de tensão que nenhum aparelho pode medir materialmente, mas as investigações estatísticas a este propósito são muito significativas.

De que maneira se pode iniciar um estudo deste género, escolhendo amostras significativas de pessoas emotivamente tensas? O único meio é o de considerar certas profissões que, presumivelmente, dão solicitações emotivas particularmente inten-

sas, em confronto com outras que, destas solicitações, deveriam estar privadas ou quase privadas. Ora bem, tem-se visto em várias nações, por exemplo, na Inglaterra, na Suécia, etc., que o enfarte cardíaco é mais frequente entre os profissionais liberais, os dirigentes comerciais, os industriais e, em especial, aqueles que são atormentados continuamente pela urgência do tempo e por «incentivo competitivo», seriam atingidos por doenças das coronárias exactamente 4 a 7 vezes mais do que aqueles que têm um comportamento oposto.

As explicações não faltam: os estímulos emotivos provocam perturbações do equilíbrio nervoso e hor-

monico, determinando descargas de adrenalina no sangue, e isto tem como consequência uma maior necessidade de oxigénio por parte do coração, o aumento do colesterol, a alteração das coronárias, e a elevação da pressão arterial que, por sua vez, influi prejudicialmente sobre o coração.

As investigações estatísticas, porém, puseram em evidência ainda um outro elemento: o factor emotivo é particularmente nocivo nos sedentários. A sedentariedade, de facto, age do mesmo modo que a tensão emotiva sobre o equilíbrio nervoso e hormonal de que se falava, e, por isso, as duas condições desfavoráveis adicionam-se. Por outro lado, é claro que



condutores de comboios, os quais, todavia, desempenham um trabalho mais pesado. E, ainda, em 50 mil indivíduos, a frequência de lesões coronárias era dupla naqueles que desempenhavam trabalhos físicos leves relativamente aos que se dedicavam a trabalhos pesados. Também em Itália, um estudo do Caccuri, levado a efeito sobre 30 mil indivíduos, confirmou a maior frequência do enfarto cardíaco entre aqueles que efectuavam um trabalho leve no qual não houvesse muito consumo energético e que, frequentemente, se faz acompanhar de uma notável aplicação psíquica.

Naturalmente, não é preciso acreditar que o trabalho muscular muito intenso e prolongado não possa ser prejudicial ao coração. Mas particularmente perigoso é o esforço, isto é, o pedido de uma prestação superior às possibilidades médias habituais. Neste caso, é possível um acidente cardíaco a cargo das coronárias. Considere-se, no entanto, que o esforço não representa a causa única e determinante: é necessário que se tenha já uma préexistente alteração das coronárias. Um trabalho igualmente pesado, mas ao qual se está habituado, não pode ser considerado como factor de infarto cardíaco. Em substância, para as doenças das coronárias é muito pior o trabalho sedentário do que o trabalho pesado; e, por isso, se pode concluir por dizer que a actividade física racional é verdadeiramente um dos segredos para salvar o coração dos perigos que o ameaçam.

as profissões supracitadas, mais expostas emotivamente, comportam também uma vida quase sempre sedentária.

A propósito da sedentariedade, é famosa a investigação feita sobre 100 mil empregados dos serviços postais de Londres, que demonstrou

que os carteiros estão menos ameaçados por doenças das coronárias do que os seus colegas que se encontram nas repartições. Também em Londres, em 31 mil adictos aos transportes, viu-se que as cardiopatias atingiam muito mais os motoristas dos autocarros em confronto com os

FIDES

FUNDO DE INVESTIMENTOS PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL

distribuição de rendimento

A SOGESTIL - Sociedade de Gestão de Títulos, S. A. R. L., avisa os Ex.^{mos} Srs. Participantes do Fundo FIDES de que, atendendo à evolução do Fundo (cujas unidades de participação excedem os três milhões de partes) e ao valor dos resultados contabilizados até à data, resolveu proceder à distribuição, no dia 31 do corrente mês de Janeiro de

Esc. 7500

por unidade de participação, por conta dos lucros da anuidade de 1972/3.

O pagamento será efectuado, mediante a apresentação dos títulos, nas dependências dos Bancos Depositários (Banco Totta & Açores e Casa Bancária Pancada, Moraes & C.^a), a partir de 1 de Fevereiro próximo futuro.

Como habitualmente, os Srs. Participantes poderão converter o rendimento distribuído em novas unidades de participação, o que lhes permitirá beneficiar das seguintes vantagens:

a) As novas unidades adquiridas com o valor do rendimento estarão isentas da comissão de 3 % fixada no artigo 13.º do Regulamento;

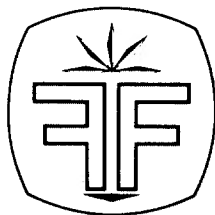
b) Se a conversão se efectuar durante o mês de Fevereiro, a cotação será a que for fixada imediatamente após a distribuição do rendimento, portanto a do dia 31 de Janeiro. Findo o mês de Fevereiro, os Srs. Participantes continuarão a poder beneficiar, na conversão do rendimento, da isenção da comissão de 3 %, mas a operação far-se-á à cotação do dia respectivo.

Lisboa, 25 de Janeiro de 1973

O Conselho de Administração da

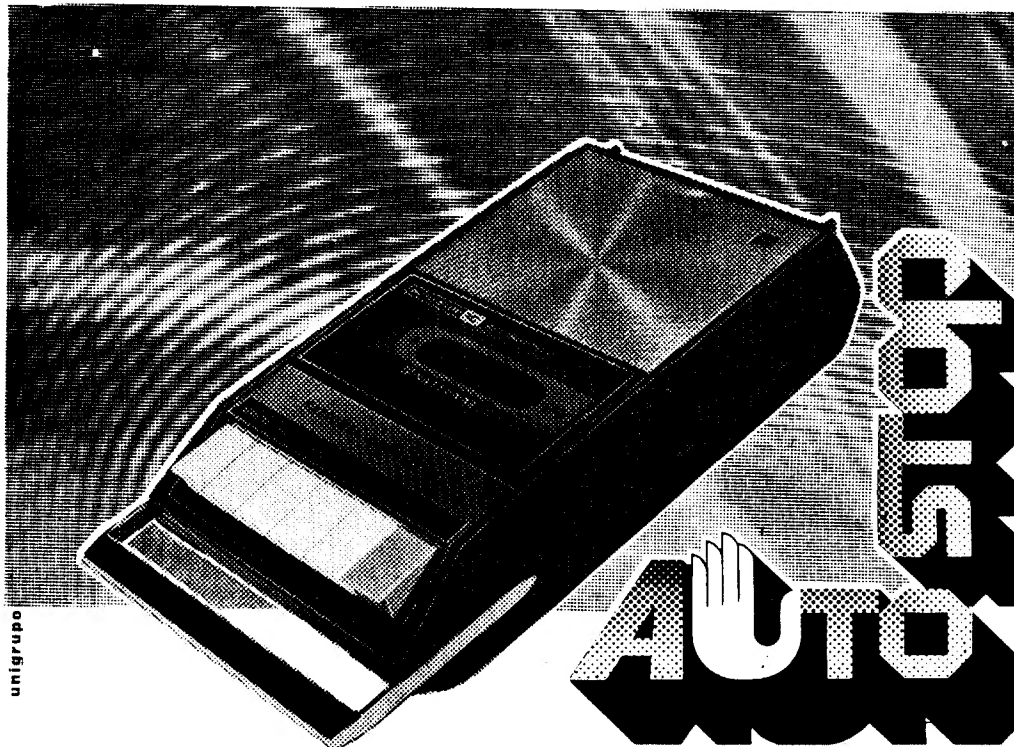
SOGESTIL

Sociedade de Gestão de Títulos, S. A. R. L.



SEDE:
Rua do Ouro, 69-79 - Lisboa 2

NATIONAL PANASONIC



há alguma novidade?

Há, sim senhor: o gravador de cassetes com **AUTO STOP da NATIONAL.**

Da qualidade já não é novidade. O que é novo no mundo dos gravadores é o AUTO STOP, um dispositivo que desliga automaticamente o gravador quando as cassetes chegam ao fim. — Para quê?

Para evitar que as pilhas «morram» porque V. se esqueceu de o desligar...

Para evitar que a fita magnética da cassette, sujeita a uma pressão constante e desnecessária, corra o risco de se avariar.

Para evitar o desgaste prematuro das peças do gravador.

sonipol

LISBOA-PORTO-FARO

NATIONAL



CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

O RIO DE JANEIRO NÃO É BONITO

Eis o Rio de Janeiro em pleno verão. Época de turismo que dura até o carnaval. Estão chegando alemães, escandinavos e principalmente norte-americanos.

— Será que o Rio de Janeiro está, de facto, deslumbrando os seus desconfiados visitantes?

Penso isto, na praia, ao vê-los passeando à toa, e concluo que as entidades oficiais não compensam de jeito nenhum a classe média internacional que, além da trivialidade dos hotéis, só encontra sol e um mar suspeito.

Quando o turista chega, e já vem preocupado com os problemas que carrega nas urbes distantes, logo indaga:

— As praias estão muito poluídas?

— Bem, mais ou menos.

— E o hotel tem piscina? Suas águas não estão contaminadas?

Mas como só três ou quatro hotéis têm piscina, o que se oferece então aos encantos? Borboletas, colares, enfeites de pedras semipreciosas, artesanato de couro, jacarandá, e coisas assim. Creio que é pouco. Só dá para levar lembranças aos amigos...

É BOM SÓ PARA RICOS

Querem saber a verdade? O Rio de Janeiro não está preparado para receber turistas da classe média, o rico, sim. O arquimilionário, sim. O magnata internacional (incluindo alguns lusos) sim. Para esses o Rio é um sonho-das-mil-e-uma-noites. Para eles se abrem as grandes mansões, no círculo fechado dos poderosos, tendo a recebe-los, para começar, a elegância, o hic, o glamour, o sorriso, das mulheres verdadeiramente fora-de-série. Esse, sim, vale a pena. Mas é um turismo para raros apenas...

CLASSE MÉDIA DE NOVO

Encontro uma alemã, cinquentona, mal humorada, de poucas palavras:

— Se estou arrependida de ter vindo? Não estou, não. Vim porque sou curiosa. Eu sabia que vinha para a América do Sul...

ERA BEM MELHOR

Ah, quando o Rio era América do Sul! Hoje é um Rio de Janeiro tecnológico, em emporios de ferro e cimento (às vezes caem) vidro a aço, e com um milhão de carros circulando nas ruas e avenidas. No entanto, antes do fim da segunda guerra mundial, o Rio era uma cidade amena, de casas rodeadas de jardins com pássaros cantando entre os galhos das mangueiras e dos ipês...

DIALOGO

Você se lembra? E agora? Assistiu por acaso à noite de 31 de Dezembro? E que viu? Mulheres de todas as idades, de todas as raças, de todas as classes, sobrando brancas flores para jogar nas águas das praias, junto com bilhetinhos pedindo milagres a Iemanjá:

— Iemanjá, arranja um marido para mim.

— Iemanjá, sá esta chaga que tenho no peito.

— Iemanjá, me leva contigo, se não devolves a esta Ofelia o homem que era a razão da minha vida.

— Iemanjá, me faz ganhar na loteria esportiva...

— Tá certo. Antigamente não era assim, não.

— Isto começou vai para quinze anos...

— Mais ou menos...

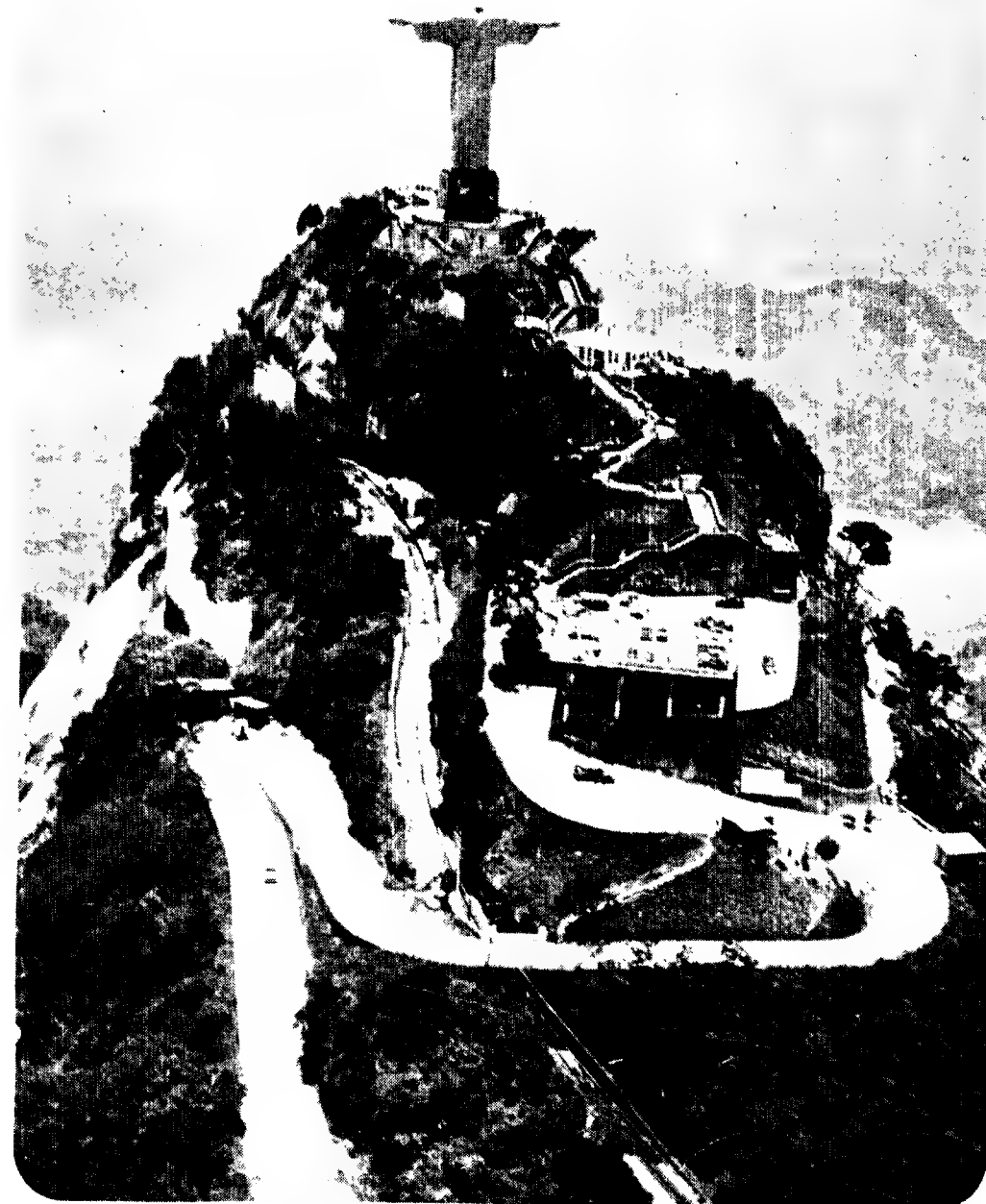
— O que era o Rio da noite de 31 de Dezembro? Só festa. Só alegria. Só bandas tocando. Ranchos. Cordões Blocos. Fantasias. Arrastar de chinelas no asfalto. Batucada. Atabaques reboando a noite inteira até ao nascer do sol. Ninguém pedia nada a ninguém. Nem a Iemanjá, nem sequer a Jesus Cristo. A gente se dava, se entregava de alma e coração, contente, como se diz na gíria de hoje, por ter emplacado mais um ano... Ou você não se lembra?

— Lembro, sim. Em 31 de Dezembro de 1939 tomei o primeiro grande piléque da minha vida!

E ISTO AGORA PORQUE É OPORTUNO

Estava sentado no terraço de um destes restaurantes da nova avenida Atlântica, conversando com o humorista (profissão que detesto) Adolfo Pena, quando se aproximou de nós, neste modo sujo que usam os andarilhos corrimundo e que, pela pinta, logo percebemos ser uruguaio. Pediu um cigarrito. Perguntou se podia sentar. Mandámos que o garçon trouxesse mais um copo e outra garrafa de cerveja. Confraternizámos. Sim, era a primeira vez que vinha ao Rio. Viera para fugir de Montevideo. Estava cansado de ser famoso...

— Já sei. Você é daqueles que lá nas geleiras dos Andes comeram a carne dos companheiros...



ras dos Andes comeram a carne dos companheiros...

— Sou. Isso ainda se vê nos meus olhos? Mas há-de passar. Deus perdoou. Vim para esquecer, mas não é possível...

— Porquê?

— Sabe, eu vim de moto. Mas como é horrível trafegar nas estradas do Brasil. Todos os motoristas, por cá, são assassinos em potencial. Usted, quer acreditar? Nas estradas brasileiras encontrei, um a um, dezassete cadáveres, entre carros esmagados...

— Parou, para ver?

— Sim, parei.

— E o Adolfo, mordaz:

— Abriram-lhe o apetite, né?

A OPINIÃO FATAL.

Um gordo burguês, americano de Miami, desembarca do ônibus que o traz lá de cima do Corcovado. Indagamos:

— Que tal, o Rio?

— Quer saber a verdade? O RIO NÃO É BONITO. Visto lá de cima, engana. Mas de perto o Rio de Janeiro não é bonito, não.

E a esposa, gentil, querendo quebrar aquele gelo:

— Não diga isso, Bob. O povo é maravilhoso. Tão hospitaleiro. Tão cordial. Tão alegre...

Na véspera ela tinha assistido, sem o marido, a um ensaio de escola de Samba!

E DE REPENTE, EIS ALFAMA

Eu conheci a Alfama desde a minha idade mais remota. Conheci, primeiro, uma Alfama de que já não restam resquícios. Uma Alfama

de falas, de mulheres de vidaias, e de gente do mar perdendo-se por suas vielas, becos e escadinhas. Eu gostava de andar por lá à solta na minha aprendizagem de viver. Depois conheci outra Alfama. Essa, eu já devia ter os meus quinze anos. Uma Alfama em época de morte e epidemia. Numa casa que injei até hoje, nas fotografias de um álbum da Lisboa Antiga, deram a alma ao criador três primas, bem velhinhas, da família de meu pai, e que tinham sido donas de uma capelista...

Conheci depois uma Alfama, (como disse mais tarde o Urbano Tavares Rodrigues) também de bigodes republicanos, e que usava bengalões nas lutas políticas. Já era uma Alfama de operários, rudes embora. Depois, não sei. Trilhei outros caminhos. E quando voltei à Alfama a classe operária já era uma pequena burguesia. Foi quando conheci a Sociedade Boa União. Uma Alfama tipo família. Lá estive várias vezes nas festas do mês de Junho.

Mais tarde, já de longe, comecei a ver a Alfama pelos olhos de Carlos Botelho. E hoje aqui a tenho de novo, como quando era menino, na reprodução a cores de uma aguarela de Roque Gameiro, publicada no número de Natal de 1972, da Sociedade Boa União que há quatro anos a generosidade de Jorge de Vasconcelos, faz chegar às minhas mãos. Os anos passam. Mas a Boa União resiste. Passou sem dúvida por grandes transformações. Uma delas é ter força para publicar estes números comemorativos dos seus aniversários, cada vez com mais carinho, sendo este, agora, talvez, o mais importante de todos. Jorge de Vasconcelos é um herói. Demite-se. Sai. Vão buscá-lo. Volta Ameaça sair de novo. Ora isso é triste.

A Boa União precisa ser, em Portugal, exactamente um símbolo de boa união. Principalmente por ser Alfama. Por pertencer à História. Para valer, na realidade da conscientização de um bairro, que se criou por si mesmo, como exemplo a seguir de fraternidade democrática. E LIVROS, AGORA...

Conhecia Jorge Reis de nome. Um nome carregado de pesadelos. Ouvira a meia-voz o título deste romance «Matai-vos uns aos outros», que recebi agora por generosidade da Editora PRELO. No prefácio Aquilino Ribeiro descreve o autor no seu tipo de árabe, de grandes olhos pretos, breve bigode a anelar-se sobre o lábio. Na orelha do livro lá está, de perfil, o retrato do autor.

No romance, a certa altura, um dos seus personagens lembra comovido:

— «Foram os mouros, esse povo miúdo, que durante séculos revolveu a lezíria, ergueu valados, rasgou valas, plantou estas encostas, com a beleza que hoje se pode ver».

Esse povo no entanto é apenas pano-de-fundo. Presente, sim, estão aqueles que o dominam e exploram. Talvez por isso a obra de Jorge Reis (escrita em 1958) fez-me lembrar com menos amplitude um livro de que muito falei no ano passado, numa destas crónicas. Incidente em Antores (escrito em 1971). E da autoria de Erico Veríssimo. Ambos são romances sociais. E mordazes. O brasileiro, porém, mais denso, mais seguro, envereda pelo realismo fantástico ao passo que Jorge Reis não sai do realismo tout-court, quero dizer, linear, quase sempre roçando, com amargor, pela vela satírica. Um livro escrito com raiva. Onde por momentos o autor esquece desespero e exílio, e leva-nos para junto do povo, fazendo-nos sentar a seu lado para comermos com ele, ao ar livre, um almoço com todo o pitoresco da culinária ribatejana. Bem haja. Quanto ao título, não tenho ilusões. Eles não se matam uns aos outros.

LUANDA, OU A VOZ DA ÁFRICA.

Recebi este volume assinado pelo autor, e editado pelas Edições 70. Li-o cheio de curiosidade. Sei de portugueses que vindos da África discutem comigo a linguagem brasileira, dizendo a rir: — Você está enganado. No Brasil fala-se como falam, por exemplo, os negros de Luanda.

Eis porque devorei o livro de José Luandino Vieira. Queria saber como é.

Das qualidades dos três contos passo por cima. Filiados, creio eu, no neo-realismo, todos são magníficos. Mas o que me apetece dizer é que o português africano nada tem a ver com o português brasileiro falado neste lado do Atlântico.

Antes de tudo, o problema é outro. Quando os portugueses chegaram encontraram-se no meio de indígenas, com eles sendo obrigados a tomar contacto. E com eles, na sua voz cantada e macia, foram tomando conhecimento do nome das árvores, dos frutos, das flores, das aves, de tudo enfim que lhes era desconhecido e ao mesmo tempo necessário.

Com o rodar dos anos, como o leitor sabe, os portugueses aprenderam o que lhes era estranho, adoptando os nomes indígenas enquanto estes a custo iam assimilando, com os jesuítas, um pouco e raro português. Houve mesmo uma época em que, no Brasil, se passou a usar aquilo a que se deu o nome de língua geral.

Vieram, mais tarde, os africanos. E salvo, talvez, naquilo que trouxeram como imutáveis religião, costumes, danças, comidas e pouco mais, logo se adaptaram ao que ainda restava da língua geral. E começaram então falando brasileiro.

Ora o livro de José Luandino creio que confirma o meu pensar. Que tipo de gente, do povo, no Brasil, poderia usar esta linguagem de que vou dar ao leitor rápidos exemplos, tirados ao acaso do belo livro de José Luandino:

— «ALI SÔZINHO; DE TODOS OS LADOS AS GRANDES CASAS DE MUITAS JANELAS, OLHAVAM-LHE, RODEAVAM-LHE».

«O AMIGO ENSINOU-LHE NADA QUE DE-VIA RECUSAR» — «GARRIDO NUNCA QUE TENTOU NEM TOCAR COM UM DEDO NA PEQUENA» — «MÍLIA NÃO PERCEBIA ONDE E O VELHO ACABAVA A AMIZADE E COMEÇAVA A AMEÇA».

Acho bonito. Mas é um português atravessado de facilidades glóticas africanas. Mas não o português do Brasil.

Janeiro de 72 Copacabana

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28-ap.908, Copacabana - G.B. - Brasil

DOSSIER
INTERNACIONAL

Após o cessar-fogo no Vietname O DESTINO DOS REFUGIADOS

Segundo fontes oficiais americanas de Danang, o Governo do Vietname do Sul não permitirá que centenas de milhares de refugiados oriundos das zonas dominadas pelos comunistas regressem aos seus lares, após o cessar-fogo, punindo-os no caso de o tentarem. Ainda segundo as mesmas fontes, o Exército e a Polícia de Saigão receberam ordem para reprimir os refugiados, pela força, se necessário for. Aos próprios refugiados das zonas governamentais só se permitirá que regressem às suas aldeias, aos mil de cada vez.

Como exemplo da posição assumida pelo Governo, um velho que vive num campo de refugiados dos arredores de Danang afirmou que a Polícia o tinha avisado de que se qualquer membro da sua grande família se fosse embora, os restantes seriam riscados da lista do fornecimento de víveres.

O velho declarou que, se a paz vier, regressará, «a todo o custo», à sua aldeia, situada numa área ocupada pelos comunistas, na província de Quangtri. Sentia-se demasiado idoso, lamentou-se, para suportar os sofrimentos de um campo de refugiados, a abarrotar de gente e cercado de arame farpado.

O presidente Nguyen Van Thieu declarou que considerava o rigoroso «contrôle» do povo vietnamita como a mais importante tarefa do seu regime, no incerto período do cessar-fogo. Thieu pensa, evidentemente, que se permitir uma partida gradual dos refugiados, ansiosos por regressarem às suas aldeias de origem, acabará por perder o «contrôle» sobre o resto da população.

As fontes americanas aqui estabelecidas são de opinião que o Vietcong considera prioritário o regresso das popu-

lações às zonas dominadas pelos comunistas. Muito embora se tenha concordado, em Paris, no estabelecimento de um cessar-fogo, a verdade é que a pressão exercida pelos refugiados continuará a fazer-se sentir.

Números de origem americana indicam que há 641 000 pessoas a viver em campos de refugiados, espalhados pelo país, e um número indeterminado de indivíduos, da ordem, por certo, dos milhões, que, a determinada altura do conflito, abandonaram os seus lares, aos quais estão ansiosos por regressar. Muitos deles acorreram a Saigão e a outras grandes cidades, enquanto outros se limitaram a mudar de aldeia.

O Governo sul-vietnamita controla, no papel, cerca de 90 por cento da população e entre metade a dois terços do território, incluindo a maior parte das regiões desabitadas. De facto, uma relevante percentagem de população encontra-se em áreas marginais, onde a influência comunista se equipara à do Governo.

Entidades oficiais americanas, aqui e em Saigão, afirmam que, nos tempos mais chegados, tudo se fará para manter os refugiados nos locais onde

se encontram, de modo a que o repovoamento se possa fazer «ordeiramente».

Montou-se uma campanha para o efeito. As famílias que estão à espera de regressar às suas terras de origem receberão material de construção e uma pequena importância em dinheiro, a fim de edificarem as suas casas.

Reconhece-se, no entanto, que assim que o povo compreender o significado do cessar-fogo — que terminará os bombardeamentos e se deixará de ouvir a artilharia de ambas as partes — começará a mover-se, sendo, depois, impossível detê-lo: a atracção exercida pela terra dos antepassados, supera todas as complexidades políticas e a promessa do Governo de oferecer umas tantas chapas de zinco e um punhado de piastras.

As únicas pessoas sobre as quais Saigão exerce autoridade directa são as 641 000 que vivem nos campos de refugiados, gente que abandonou as suas aldeias durante as lutas travadas na última Primavera e no Verão, e depende, agora, do Governo no que respeita a alimentação e abrigo. Muito poucos, se alguns há, dispõem de substanciais recursos próprios.

Cerca de 75 por cento dos refugiados nos campos, aí uns 400 000, são originários de Quangtri, Binh Dinh, Kontum e Binhlong, províncias que estão, no todo ou em grande parte, nas mãos dos comunistas. São estas as pessoas mais directamente afectadas pelas ordens do Governo.

A maior concentração daqueles refugiados verifica-se na área de Danang, onde 258 000 estão acantonados em



Camponeses dos arredores de Hanói ajudam-se mutuamente na reconstrução das habitações que os B-52 destruíram.

34 campos, estabelecidos em instituições abandonadas pelo Exército dos Estados Unidos e em barracas de adobe. São quase todos de Quangtri.

«O Governo do Vietname fez saber a toda a gente», informa um funcionário americano, que as pessoas originárias das áreas comunistas serão transferidas para outros locais».

O Governo anunciou o seu primeiro programa de repovoamento para Quangtri, envolvendo cerca de 17 000 pessoas, que regressarão, em meados de Fevereiro, às suas aldeias, num distrito firmemente dominado por Saigão. O plano prevê a deslocação de 50 000 pessoas, nos próximos meses.

A este ritmo e com os inevitáveis atrasos, levará anos até que os campos fiquem vazios,

e não é de prever que as pessoas que neles vivem estejam dispostas a esperar.

Num dos maiores campos de refugiados, o «Camp Brooks», vivem 11 famílias em cada barraca, na maior promiscuidade, e desprovidas de instalações sanitárias.

As escolas e os dispensários são rudimentares e os refugiados afirmam que não há alimentos suficientes e que aqueles de que dispõem são de má qualidade.

Os refugiados e as entidades oficiais concordam em que o Governo tem sido invulgarmente eficiente em dominar qualquer actividade organizada nos campos com vista ao regresso às áreas dominadas pelos comunistas.

Fontes americanas bem in-

formadas contam que têm sido feitas, pelo Exército e por forças especiais da Polícia, buscas sistemáticas nos campos, com vista a prender agentes comunistas e seus simpatizantes, identificados por informadores.

Consta que os indivíduos que incitarem os refugiados a partir serão presos. «Se resistirem», informam os jornais de Saigão, citando fontes oficiais, «serão abatidos a tiro».

O Governo também está decidido a impedir o regresso dos refugiados que se tenham ido instalar em áreas dominadas pelos comunistas, e que desejam, agora, regressar. Estes refugiados também serão presos, e, no caso de resistirem, afirmam os jornais, serão, igualmente, abatidos a tiro.



A reprodução das primeiras páginas de alguns jornais europeus dá uma ideia do relevo que a imprensa de todo o mundo deu à assinatura do cessar-fogo no Vietname, facto que, independentemente do que vier a acontecer até ao fim de 1973, ficará registado como um dos mais importantes do ano que corre.



1 DOMINGO

Sekou Touré, o presidente da Guiné-Konakry, anunciou que o secretário-geral do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), Amílcar Cabral, fora assassinado à porta da sua residência na capital guineense. As razões que levaram os assassinos a praticar o crime serão, provavelmente, sempre controversas. No meio da semana, os dirigentes do PAIGC elegeram o dr. Vítor Monteiro para o cargo deixado vago pela morte daquele político africano. A morte de Cabral, um engenheiro agrônomo formado em Lisboa, acaba por reverter em favor daqueles que se opõem ao carácter que às actividades do PAIGC era imprimido por aquele dirigente.

2 SEGUNDA

Lyndon Baines Johnson morreu numa altura simbólica. O «presidente accidental», como alguns lhe chamaram, morreu quando o seu sucessor acabava de desfazer o que ele fizera, marcando indelévelmente o seu mandato: a intervenção americana na Indochina. Johnson, que subiu ao primeiro posto da política mundial mercê de um assassinato nunca esclarecido, esteve à cabeça da tentativa americana de esmagar uma rebelião no Vietname. Ao começar a enviar tropas para as florestas vietnamitas (mais tarde pelo uso das bombas e dos desfolhantes, essas florestas desapareceriam quase por completo), nem Johnson nem o Pentágono, nem mesmo o povo americano imaginavam o que lhes estava reservado. O espantoso poder da máquina de guerra americana era tido por invencível. Só um colosso como a União Soviética se lhe poderia opor, pensava-se. Pouquíssimas eram as pessoas que imaginariam que uma rebelião de subdesenvolvidos asiáticos pudesse resistir ao monstro triturado da US Air Force, US Navy, US Army e Marine Corps. Mas havia alguém que pensava que isso era possível. E esse alguém fê-lo.

Por isso se chama a esta fase da guerra da Indochina, que parece ter terminado, a «Segunda Resistência». Johnson pensava poder esmagar rapidamente a rebelião, fazendo regressar os GIs dentro de pouco tempo para receberem os louros da vitória. Porém, com o tempo, a guerra foi-se tornando a mais impopular em que os EUA jamais se envolveram. Para mostrar bem quanto impopular ela foi, registre-se que (que eu me lembre) apenas se fez um filme glorificando a actividade americana — «Os Boas Verdes», de John Wayne — e esse mesmo altamente contestado na própria América. Marchas triunfais dos Vencedores nunca houve, mas houve marchas de protestos dos mutilados e dos «Veteranos contra a Guerra». Johnson desistiu de reconcorrer à presidência — quando, atendendo à morte de Robert Kennedy, também assassinado, a vitória não era uma impossibilidade — por causa da guerra.

3 TERÇA

No final de uma visita de rotina e sem incidentes nem atritos, Willy Brandt deu um pequeno desgosto ao seu anfitrião, o presidente Pompidou da França, ao visitar o dirigente socialista François Mitter-



O ministro dos Negócios Estrangeiros do Vietname do Norte, Nguyen Duy Trinh, durante uma conferência de imprensa em Paris, onde se desloçou a fim de assinar o acordo de paz para o Vietname.

rand. À notícia não foi dado relevo especial na imprensa. Nem ela o merecia. Na verdade, se Pompidou se pode ter sentido um pouco desgostoso com este gesto do dirigente alemão — de quem partiu, segundo os socialistas franceses, a iniciativa do encontro — Brandt apenas reparou uma semelhança ofensa ao seu «companheiro» francês, pois foi o único chefe de Governo socialista europeu que faltou à reunião da Internacional, tão criticada por Pompidou. No fundo, ficou tudo em família. Porém, segundo o que foi comunicado depois do encontro Brandt-Mitterrand, os dois socialistas teriam falado do Mercado Comum e da Conferência de Segurança Europeia. Este facto dá ao encontro um carácter ligeiramente diferente, pois revela o interesse de um chefe de Governo de um grande país europeu em saber o que pensa sobre assuntos tão importantes um possível próximo colega.

4 QUARTA

O Departamento de Estado Americano publicou, como é costume parte dos documentos secretos de há 25 anos. Um desses documentos era um telegrama do embaixador americano em Buenos Aires, em 1948. Segundo esse telegrama, Juan Perón, então presidente da Argentina, tinha garantido ao embaixador, sob palavra de honra, que, caso os EUA e a URSS entressem em guerra, ele imediatamente declararia guerra a Moscovo. A notícia em si não tem nada de surpreendente nem, devido à sua antiguidade, merecia qualquer reparo. Porém, o mesmo se não passa com as linhas que acompanham o facto propriamente dito, tentando dar-lhe uma perspectiva. O autor da pequena notícia acha estranho que Terón, que durante a guerra se recusara a dar o seu apoio aos EUA contra o «eixo» e, por isso, era tido por anti-americano, viesse, três anos após o termo do conflito, tomar uma atitude tão diferente. O que surpreende, de facto, é que, em 1973, ainda haja quem não compreenda que a atitude é exactamente a mesma.

5 QUINTA

O Governo zambiano anunciou que tinha abordado uma tentativa de golpe de Estado contra o presidente Kenneth Kaunda. Trata-se de mais um sintoma da agitação que percorre a África Austral. 1973 promete ser um ano muito importante para aquela região do mundo. A tentativa de isolamento da Zâmbia para forçar o seu Governo a cortar o auxílio aos guerrilheiros que combatem o regime branco de Salisbury foi seguida de um golpe de Estado abortado. Mesmo que este último não tenha qualquer relação com a primeira — o que é possível — o facto que permanece é que ambas as acções se gorraram. Entretanto a construção do Tanzam (o comboio que ligará a cintura do cobre zambiano ao porto tanzaniano de Dar-es-Salaam) avança a um ritmo acelerado.

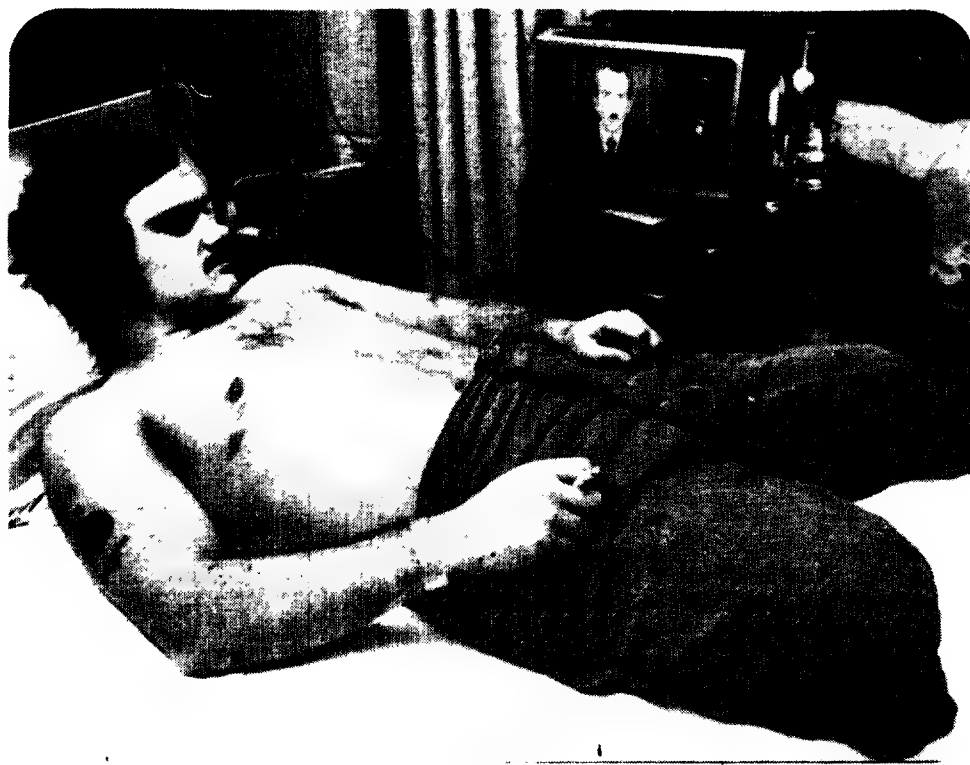
6 SEXTA

A Bélgica já tem Governo. Desde 1958 que o Governo de Bruxelas não era chefiado por um socialista, o que sucede agora. Não há dúvida, a Europa vive uma hora social-democrata. Neste momento, que me lembre, são três os Governos da NATO chefiados por social-democratas. Uma inovação deste novo gabinete é a presença de duas mulheres, o que se verifica pela primeira vez no mais burguês dos países europeus.

7 SÁBADO

Pela primeira vez na história do Governo de unidade popular, uma divergência aparece entre dois dos Partidos da coligação governamental. Com efeito, o Partido Socialista pediu a um dos seus membros Armando Arancibia, subsecretário do ministério da Economia, que se demitiria em sinal de protesto contra a política seguida por Orlando Millas, ministro da Economia e membro do Partido Comunista. Este anúncio que iria apresentar ao Congresso um projecto de Lei fixando definitivamente os três sectores da Economia: do Estado, privado e misto. O Partido Socialista censurou o ministro por não ter procedido a consultas sobre o conteúdo do seu projecto.

COMENTÁRIO INTERNACIONAL



Paz para os americanos

Pode estranhar a limitação do título. Contudo, penso que o acordo tão justamente festejado por todo o mundo que estabeleceu o armistício no Vietname se reduz, ao fim e ao cabo, à necessária formalidade para que a guerra acabe para os americanos. Trata-se da tal «folha de parra», já aqui mencionada, a que se referia o comentador americano Stewart Alsop. Dizia ele que tudo quanto o presidente Nixon necessitava para retirar completamente da Indochina era de uma «folha de parra», «por mais transparente que ela fosse». Queixava-se Alsop de Hanói por se obstinar em não fornecer esse «manto diáfano da fantasia», isto é, a impossibilidade forte da verdade», isto, é a impossibilidade americana de vencer a guerra ou, mesmo, de continuar a fazê-la.

Em muito se assemelha este acordo com aquele que, em 1954, reconheceu a derrota francesa. De novo, as tropas estrangeiras são retiradas do teatro, de novo se reconhece a neutralidade do Laos e do Camboja, de novo se estabelece temporariamente uma zona desmilitarizada entre os dois Vietnames (ou das duas zonas do Vietname), de novo se fala na reunificação apenas por meios pacíficos, de novo se cria uma comissão internacional (desta vez sem neutralistas) de fiscalização. Mas nem tudo é igual ao que se passou em 1954. Nessa altura, os partidários da reunificação que permaneceram no Sul não tinham quaisquer garantias, além do que se encontrava escrito no papel, de que o acordo seria cumprido. Como muita gente estará lembrada, os acordos de Genebra especificavam claramente que as tropas do Vietminh deviam retirar para norte do paralelo 17, linha divisória entre as duas zonas do Vietname. Além disso, os adeptos dessa força vitoriosa que quisessem permanecer no Sul teriam de entregar as armas em seu poder. Eis aqui a grande diferença entre as duas situações. Além disso, as eleições — que o regime de Saigão nunca quis fazer com honestidade — não serão apenas organizadas pelos protegidos dos americanos. Elas serão, caso se venham a realizar o que é bastante improvável, por uma organização de «reconciliação e concordância», onde a Frente Nacional de Libertação tem uma voz muito activa.

Temos, pois, em relação aos acordos de Genebra de 1954 as seguintes duas diferenças: as tropas da Frente Nacional de Libertação, a quem muitos chamam Vietcong e outros tantos (ou os mesmos) insistem em chamar norte-vietnamitas, continuam onde estão com as armas que têm; a FNL, ou se se preferir, o Governo Revolucionário Provisório, é reconhecido «de jure» e «de facto», pois participa do organismo que negociará a forma de fazer eleições. São tão grandes estas diferenças que as semelhanças se desvanecem.

Poderá ainda dizer-se que, apesar de tudo, os americanos, caso os seus protegidos estejam mortalmente ameaçados pela movimentação da FNL, poderão sempre regressar ao teatro das operações, prolongando este pro-

cesso até ao infinito. Certo. Essa possibilidade existe e nem sequer é tão remota como alguns poderão pensar se estiverem a olhar cegamente para a chamada «doutrina Nixon». Mas não é menos certo que também aqui há uma diferença em relação a 1954. É que, ao contrário de então, os EUA, Governo e povo, têm agora uma bem amarga experiência de que careciam quando se lançaram no atoleiro do Sueste Asiático.

Porque clamam vitória, então, norte-vietnamitas e frontistas? Pois se não ganharam a guerra, nem sequer garantiram a paz, porque tanta alegria? Porque os americanos se vão embora de toda a Indochina, permitindo aos indochineses traçar, por si próprios, o seu futuro. Mas também Thieu se mostra satisfeito? Que remédio tem ele? Porém, ainda há bem pouco tempo, o presidente saigonita afirmava que, sem o apoio americano lhe era praticamente impossível resistir. A situação não se modificou assim tanto que seja agora fácil resistir a um inimigo que se sente em todo o lado. As medidas de repressão perfeitamente excepcionais, a par da obrigatoriedade de içar (com um polícia à porta a fiscalizar) a bandeira da República do Vietname, mostram bem quanto o regime de Thieu teme o cessar-fogo e tudo quanto a ele está indissolúvelmente ligado. Thieu, que proibiu todos os partidos políticos, mesmo os que eram tão anticomunistas como o dele, tem agora — se pretender cumprir minuciosamente o acordo — de entrar numa luta política com uma organização política que é evidentemente muitíssimo mais forte do que a sua. As possibilidades de vitória numa luta política aberta são tão reduzidas para Thieu que, em meu entender, viciará o jogo desde o início. A repressão que Ngo Dinh Diem exerceu sobre todos quantos defendiam a reunificação — de acordo com o que se decidiu em Genebra — vai ter a sua repetição. Porém, o adversário de agora não está tão desprovido de meios como então.

A guerra no Vietname, desde a expulsão dos franceses, iniciou-se com o carácter de uma guerra civil: de um lado, um Governo repressivo que se recusava a cumprir o acordado e, de outro, as forças que lutavam por uma independência nacional meio alcançada em Dien Bien Phu. A entrada dos americanos para salvar Dien Bien da sublevação levou a que a guerra readquirisse um carácter semelhante ao da primeira resistência. Mais tarde, o Vietname do Norte foi obrigado a solidarizar-se com os combatentes do Sul. O preço dessa solidariedade foi os maciços bombardeamentos.

Entramos ontem numa nova fase. Se me é permitido um vaticínio, a ausência de guerra (não a paz que essa não existe onde não há justiça e não há justiça no Vietname do Sul) perdurará por algum tempo. Tanto tempo quanto for necessário para se provar que a luta política aberta e franca é impossível.

A. VILLAVEDE CABRAL



CASA DA COMÉDIA

R. S. Francisco Borja (às Janeiras Verdes)

Hoje e todos os dias às 22 horas

Sábados e domingos matinées às 16 horas

«ALICE NOS JARDINS DO LUXEMBURGO»

de Romain Weingarten, com Carmem Dolores, Ana de Sá e Augusto Figueiredo

Direcção de Jorge Listopad Marc. Tel. 677299 Maiores 14 anos Sub. Fundo Teatro

O QUÊNIA



DE HOJE

Por JIM HOAGLAND

NAIROBI — Duas dezenas de anos depois da revolta «mau-mau» ter sido a primeira a abalar as bases do poder colonial na África Oriental e a traumatizar grande parte do mundo branco, os mais famosos lutadores africanos pela liberdade estão a caminho de se tornarem gente oficialmente esquecida na sua própria terra. O vigésimo aniversário do primeiro combate dos «mau-maus», expulsos das suas terras para as florestas dos Aberdares e para o Monte Quênia, passou aqui sem nenhuma espécie de comemoração. Selebrado no estrangeiro pelos militantes políticos e raciais, o movimento «mau-mau» está, hoje em dia, submetido ao silêncio oficial pelo Governo do Quênia, decidido a enterrar, para sempre, os ressentimentos raciais e tribais suscitados por uma luta que durou quatro anos.

Reagindo às pressões concretizadas na revolta «mau-mau», a minoria branca cedeu, eventualmente, o poder à maioria negra queniana. Os resultados dessa experiência têm enormes implicações na metade meridional do continente africano, onde minorias brancas se recusam a enfrentar o risco de partilharem o poder com os negros.

O legado dos «mau-maus», ou, como afirmam os críticos, a ausência de qualquer legado visível, também atinge o cerne dos problemas quando se pretende superar as divisões reveladas no decurso da sua revolta. Para os críticos do presidente Kenyatta, o movimento «mau-mau» continua a ser uma revolução inacabada, recuperada pelo mundo ocidental branco, com vista a atingir os seus próprios fins. Para os seus admiradores, a política de Kenyatta constitui um exemplo de pragmatismo e moderação, que toda a África deveria seguir.

Tanto os críticos como os defensores concordam, no entanto, em que o esforço do Quênia no sentido de congregar as suas diversas raças e

tribos numa nação tem de enfrentar muitos problemas, entre os quais se incluem os seguintes:

— A nova controvérsia sobre as terras mais férteis do Quênia, problema que esteve na base da revolta «mau-mau». A apropriação das melhores terras pelos políticos e funcionários está a merecer-lhes o epíteto de «colonialistas negros». As entidades oficiais replicam que estão, apenas, a tentar promover o capitalismo em África.

— Tribalismo: os «kikuyus»,

e de uma larga minoria asiática.

— O conflito entre as metas económicas e as exigências políticas. A fragmentação das grandes propriedades, pertencentes, dantes, aos brancos, transformando-as em pequenas parcelas cultivadas, agora, por africanos, resultou, muitas vezes, num relativo declínio da produtividade, o que faz baixar a exportação e o rendimento nacional. Atormentados por pesadas dívidas, resultantes dos generosos preços pagos pelo Governo aos brancos que venderam as suas propriedades, muitos dos agricultores africanos acham impossível pagar as terras que, durante tanto tempo, quiseram considerar suas.

— Finalmente, a estabilidade do período que se seguiu a Kenyatta. Muitos dos críticos, gente jovem, nada têm a ver com a luta contra o colonialismo, que fez de Kenyatta o «pai» incontestado do país e



Um campo de treino militar em Nakuru, no Quênia

HÁ UM LEGADO DOS «MAU-MAU»

possível anarquia de África, constitui uma das maiores provas do relativo êxito que o país tem alcançado, desde que lhe foi garantida a independência em Dezembro de 1963.

Constroem-se edifícios de escritórios e novos hotéis ao longo das ruas e avenidas de Nairobi. O capital internacional «chove» na cidade. A imprensa é mais livre do que nos tempos coloniais. O poder judicial continua independente.

Os resultados da estratégia de Kenyatta, ao permitir que europeus e asiáticos continuassem a usufruir dos seus lucros, com vista a expandir a economia e criar condições para que os negros pudessem vir, gradualmente, a partilhar da prosperidade, estão bem patentes no facto de os africanos serem, cada vez mais, donos de lojas, de automóveis, etc. O Quênia é o país africano que mais atrai os estrangeiros e que maior rendimento tira do turismo.

Mas se os receios dos colonos brancos se não justificaram perante nove anos de UHURU (liberdade, em suaíli), também se não concretizaram as esperanças dos homens que surgiram da floresta dos Aberdares para fazerem deflagrar o movimento «mau-mau».

Embora os estrangeiros tendam a ver os «mau-maus» como nacionalistas batendo-se pela independência, são muitos os quenianos a considerar a revolta como uma luta pela posse das terras, uma violenta reacção à voracidade dos brancos, que continua por castigar.

As ricas propriedades do planalto constituíram, sempre, uma pedra de toque nos conflitos surgidos no Quênia. Ao analisarem-se os problemas do país, vai-se, sempre, cair no das terras.

No princípio deste século, o regime colonial britânico destinou cerca de três milhões de hectares, perto de um terço das melhores terras agrícolas, à colonização branca.

Os africanos da área, que receberam ínfimas importâncias em dinheiro pela escritura de venda das suas terras, foram empurrados para as reservas, tendo de se limitar a culturas de sobrevivência, para que os europeus não tivessem concorrentes.

Trabalhando com tenacidade, os brancos (na sua maior parte ingleses, contando-se, porém, com alguns sul-africanos, italianos, dinamarqueses e outros) fizeram das terras altas o fulcro económico do país. Campos de café, milho, chá, vegetais e outras culturas de mercado, assim como grandes

herdades dedicadas à pecuária, estendiam-se ao longo do caminho de ferro que atravessa o Rift Valley.

Continua a desconhecer-se a origem e quem foi o verdadeiro chefe dos «mau-maus». Kenyatta, que declarou, na altura, nada saber dos «mau-maus», foi preso, pelos brancos, em 1952, sob a acusação de ser o «leader» da revolta. Depois da independência, o velho presidente, hoje com oitenta anos, passou a mostrar-se ambíguo e reservado a propósito do papel por ele desempenhado na revolta.

Mas é evidente que os primeiros combatentes «mau-maus» eram, na sua maior parte, agricultores «kikuyus» despossosados das suas terras, à volta da cidade de Nyeri, situada num local extremamente belo, perto da floresta de Aberdares. Assaltaram as propriedades dos brancos e as aldeias dos negros que, durante anos, para eles haviam trabalhado, até que os ingleses anunciaram que o levantamento chegara ao seu termo, e começaram a dar os primeiros passos no sentido de se estabelecerem negociações com vista ao auto-Governo da maioria africana.

Os ingleses, ao abandonarem a colónia, entregaram o poder a um grupo de políticos «kikuyus», indivíduos com estudos, chefiados por Kenyatta, que vivera 17 anos na Grã-Bretanha, e não às forças mais radicais dos «mau-maus» de Nyeri.

A primeira grande decisão de Kenyatta foi concordar com conceder ao Governo britânico um papel preponderante no financiamento e administração do programa da reforma agrária, que, supunha-se, iria solucionar os agravos que haviam provocado o levantamento «mau-mau». Tal decisão permitiu a Kenyatta equilibrar as necessidades de uma produção agrícola em larga escala, graças à experiência dos brancos, com os pedidos de propriedade de terras, formulados pelos africanos. Mas, inevitavelmente, também fez surgir novos descontentes. Vinte anos depois da revolta «mau-mau», calcula-se que cerca de milhão e meio de hectares de terras continua na posse ou a ser controlado por brancos, o que corresponde, mais ou menos, a metade do total inicialmente previsto para eles.

Duzentos e tal mil hectares das melhores terras, na zona do planalto, pertencem a 300 agricultores brancos, que se não tornaram cidadãos do Quênia e se dedicam à agricultura e à pecuária. São estas

as terras cuja posse os africanos mais reivindicam. Mas o Governo de Kenyatta, que, depois da independência, recebeu, do Governo britânico, para cima de 250 milhões de dólares em empréstimos e auxílios, recusa-se a exercer pressão sobre os brancos.

No entanto, alguns agricultores britânicos afirmam que estão a ser sujeitos a pressões locais. Os africanos das tribos instalam-se nas suas propriedades e recusam-se a sair.

As outras terras do Quênia na posse dos brancos são constituídas por herdades com, muitas vezes, mais de 20 e tal mil hectares. Os agricultores africanos têm-se mostrado relutantes em se instalarem em terras que exijam grandes capitais, conhecimentos e paciência, antes de começarem a dar rendimento.

Comprar terras a brancos para as repovoar não parece ser, actualmente, o maior problema do Quênia. Mais preocupante para o Governo é o que acontece depois das terras adquiridas, e as pesadas dívidas que o país está a contrair ao comprar as propriedades dos brancos dispostos a vender.

Os antagonismos tribais complicam, seriamente, a questão. É grande, por exemplo, a rivalidade entre os «kikuyus» e os «Kalenjines». Estes alegam que os primeiros fica-



Jomo Kenyatta

a que pertence Kenyatta, e que constituem a maior das 42 tribos do país, com 20 por cento dos 11 milhões de habitantes, suportaram a maior parte de luta contra a presença britânica, pelo que se sentem com direito à «parte do leão» nos empregos, terras e outros «frutos da liberdade». O poder dos «kikuyus» está, deliberadamente, a acentuar-se no exército, no funcionalismo e noutras instituições, com desagrado das outras tribos.

— O ressentimento dos africanos perante a detenção do poder económico por parte dos colonos brancos (milhares deles decidiram ficar, continuando a fruir de algo muito próximo da «boa vida» colonial, nas férteis terras altas do Quênia)

um dos mais admirados «leaders» africanos.

Sobrepondo-se a todos aqueles problemas, vem a pressão exercida por uma das mais altas taxas mundiais de crescimento demográfico, que, recentemente, atingiu os 3,7 por cento anuais. Em 1973, terminará a instrução primária 180 000 crianças. Para cima de 100 000 não encontrarão lugar no ensino secundário, ou emprego. Está a nascer uma grande massa de desempregados — de todas as tribos — nas palhotas dos subúrbios de todas as cidades do Quênia.

Que o país esteja e enfrentar, a sério, tão complexos problemas, vinte anos depois da revolta «mau-mau» ter surgido à consciência mundial como um símbolo de terror, e da

O PROBLEMA DA HABITAÇÃO

Não lhe causará preocupações se nos confiar a decoração da sua casa, pois os nossos desenhadores concebem **MÓVEIS FUNCIONAIS** que, no mínimo espaço, proporcionam o máximo conforto.

GALERIA ACTUAL
Móveis e Decorações
AV. DA REPÚBLICA, 12
(Perto do Saldanha)

JOIAS ANTIGAS E MODERNAS
Compramos pelo mais alto preço
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257





AUS"?

ram com as terras dos brancos não por causa da coesão das tribos ou da sua adaptação à cultura ocidental, nem por serem detentores de métodos mais progressivos no comércio dos seus produtos, mas sim, afirmam os «kalenjinas» porque o domínio dos «kikuyu» no Governo faz com que as tribos menos influentes não consigam obter empréstimos públicos ou particulares.

Os funcionários africanos, os ministros, e até, segundo consta, o presidente Kenyatta e o vice-presidente Daniel Arap Moi, têm comprado dezenas de propriedades. No entanto, Kenyatta afirmou que extensas propriedades pertencentes a brancos haviam sido adquiridas pelo Governo e distribuídas por famílias africanas desprovidas de terras. Os peritos agrícolas calculam que pouco mais de 500 mil hectares foram comprados por africanos em negociações particulares, embora não existam números oficiais confirmativos.

As tentativas para se fundarem cooperativas com vista a explorar as terras em conjunto foram decepcionantes. A maior parte dos agricultores africanos não tem a experiência suficiente para pôr as cooperativas a funcionar com eficiência.

Kenyatta pretende encorajar o capitalismo local, fazendo assentar a reforma agrária na pe-

quena propriedade. O mais importante esforço nesse sentido surge-nos no «Programa dos Quatrocentos Mil Hectares», traçado e administrado por especialistas ingleses, e financiado por 80 milhões de dólares concedidos pela Grã-Bretanha, por meio de empréstimos e garantias.

Estabeleceram-se cerca de 41 000 famílias nas terras adquiridas nos termos daquele programa. Foram dadas a cada agricultor terras suficientes para obter uma receita que lhe permita dispor de um pequeno rendimento anual, depois de ter amortizado a dívida e feito investimentos na sua propriedade.

Mas estudos recentemente publicados pelo Governo do Quênia, assim como um trabalho similar feito por um especialista americano, mostram que muitos daqueles agricultores caíram num «ciclo de deterioração», o que constitui um perigo para a ambição do Quênia de, a longo prazo, vir a ser um dos maiores produtores agrícolas, tanto a nível africano como europeu.

Tendo de enfrentar uma pesada dívida inicial, não dispondo de poupanças para os maus anos agrícolas, só podendo contar com escasso auxílio por parte do embrião, embora em expansão, Serviço de Extensão Agrícola, muitos dos agricultores cultivam mal as suas terras, sendo, por vezes, forçados a procurar emprego nas grandes herdades adquiridas pelos funcionários africanos, ou, então, a acorrerem às cidades.

Ao contrário do que acontece noutros países africanos, cujos Governos, normalmente, preferem ignorar, ou, pelo menos, esconder tais dificuldades aos estrangeiros, o Quênia está empenhado numa séria análise dos problemas da reforma agrária.

Uma das respostas óbvias para se incrementar a produtividade está em o Governo não insistir na pequena propriedade, encorajando, em vez disso, uma exploração agrícola em larga escala, dirigida por estrangeiros, se necessário.

Mas pode tratar-se de uma opção politicamente onerosa, num país onde a «fome de terra» está, visivelmente, no auge. «Devemos fazer tudo por evitar situações que possam vir a provocar um novo movimento «mau-mau», que lutaria, desta vez, contra um Governo, negro», afirmou, amargamente, um político, pertencente a uma das mais pequenas tribos do Quênia.



O porto principal do Quênia

A PAZ E O NOVO ANO LUNAR



Consumado o cessar-fogo, medicamentos, tendas e agasalhos começam a embarcar no armazém central da Cruz Vermelha, da Alemanha Federal. Destinos: Saigão e Hanoi. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Os chineses da Malásia souberam sempre que a guerra no Vietname acabaria antes de 3 de Fevereiro, quando começa o novo ano chinês (ou lunar).

Quem já ouviu falar de continuar uma guerra no ano do boi esse símbolo da paciência e da tranquilidade? perguntavam os chineses

Segundo admitiam havia ainda luta, embora a nível mais baixo, no Vietname durante o último ano do boi ha 2 anos, mas a presença americana era, então, muito reduzida argumentavam os chineses.

Os anos anteriores do boi provaram geralmente ser tempo em que foram minúsculos os anteriores conflitos entre nações.

Nenhum ano do boi abrangeu o período da guerra na Coreia, por exemplo, e o mesmo era verdade em relação à guerra civil americana, à guerra americano-espanhola e às duas grandes guerras mundiais.

Contudo, os anos do boi não têm sido livres de calamidades naturais e os chineses são de opinião que seria prudente as autoridades is-

landesas evacuarem os habitantes da pequena ilha de Heimaey, onde o vulcão Helgafell entrou em erupção.

Em 949, outro ano do boi, um sismo matou 6.000 pessoas no Equador, embora esse fosse o único grande tremor de terra num desses períodos durante o últi-

mo século.

Desastres ocorreram, também, no ano do boi de 937. O dirigível alemão Hinderberg explodiu e incendiou-se em Lakehurst, Nova Jersey, nos Estados Unidos, perdendo a vida 36 pessoas.

Segundo a lenda chinesa

as pessoas que nasceram durante o dia num ano do boi terão uma vida difícil, mas aquelas que nasceram à noite levarão uma vida fácil, reflectindo a forma de trabalho do pavoroso animal.

De acordo com a lenda, 2 animais visitaram o deus Buda no seu leito de morte e a cada um deles foi concedida a hora de darem os seus nomes a um ano

O rato apareceu primeiro, seguido pelo boi, tigre, lebre, dragão, na versão amigável dos chineses, a serpente, cavalo, carneiro, burro, galo, cão e porco.

O boi foi o que chegou primeiro, com o rato às costas, mas ao aproximar-se do lugar onde estava o deus Buda, o roedor saltou e correu, pondo-se à sua frente.

Contudo, o boi, delicado e paciente, não se queixou.

Devera ser, portanto, um bom ano para os que nasceram em 90, 93, 925, 937, 949, e 96, e para aqueles que tenham uma paciência semelhante à do boi, a despeito dos rigores dos tempos modernos, seguindo nos levam a acreditar os folcloristas chineses.



INGLATERRA UMA ENTRADA DISCRETA

A Grã-Bretanha entrou oficialmente na Comunidade Europeia de uma maneira discreta, «como uma sonâmbula», segundo alguns jornais, e na majestosa indiferença do grande público por uma diligência histórica que, por ora, não afecta de modo algum a vida quotidiana.

Assim, contrariando os receios dos que anunciavam uma triste uniformidade resultante da perda de identidade nacional e das tradições, os britânicos trabalharam normalmente na segunda-feira — talvez ainda mais moderadamente do que é hábito no dia seguinte ao dos festins de fim de ano, — enquanto os parceiros do continente descansavam para celebrar o feriado nacional de 1 de Janeiro. Porém esta anomalia não será suficiente para dissipar a impressão bem enraizada no britânico médio de que, em matéria de condições de trabalho, de feriados, e mesmo de segurança social, mais precisamente dos abonos de família, os continentais são favorecidos.

Uma derradeira sondagem, efectuada em 30 de Dezembro, revela que 38 por cento das pessoas consultadas se sentem felizes, 39 por cento descontentes e 23 por cento indiferentes perante a perspectiva de entrarem na Europa. Em relação às sondagens anteriores, os números indicam uma progressão dos pró-europeus. Mas o sentimento geral médio é mais o de uma aceitação pragmática do «fait accompli» acompanhada da convicção de que a Grã-Bretanha dará mais à Europa do que esta dará à Grã-Bretanha. Assim, o «Daily Express», adversário de sempre da entrada na Europa, sem renunciar à sua campanha, pensa que 1a Grã-Bretanha se encontra bem equipada para dirigir a Europa. «Atenção Europa, aqui estamos!» Tal é o título do jornal em sete línguas simultaneamente, nota-se no público um sentimento de inquietação perante o que lhe parece um salto no desconhecido. As repercussões nos preços causam sobretudo preocupação.

Convém não nos iludirmos: tudo o que correr mal na Grã-Bretanha durante os próximos meses será atribuído à Europa, tanto mais que os benefícios tangíveis, os «efeitos dinâmicos» da adesão ao Mercado Comum, não se farão sentir sanão daqui a muitos meses.

Hesth referiu-se na B.B.C. às perspectivas estimulantes de uma subida do nível de vida e de uma maior estabilidade do comércio internacional... Enquanto aguarda o aumento dos investimentos, a expansão e o recuo da taxa de desemprego que a abertura de um vasto mercado europeu deve proporcionar, o primeiro-ministro esforça-se ao mesmo tempo por tranquilizar a opinião pública e exaltar o papel que a Grã-Bretanha desempenhará na Europa. A monarquia não será de modo algum afectada e a nossa soberania não está em causa, disse, substancialmente, Heath, acentuando a sua convicção de que, «à sua maneira pragmática e fleumática, os britânicos estão prontos para a acção». «Estamos apenas na primeira fase», acrescentou ele. Quanto a Wilson, este repetiu, no decurso do mesmo programa, os seus velhos argumentos, explicando que não podia celebrar «um acontecimento levado a efeito sem o apoio do povo britânico».

O contraste entre a indiferença do público e o enorme esforço dos jornais para o informar sobre a C.E.E. é grande.

O título do editorial do «Times» — que anuncia aliás a abertura de novas rubricas entre as quais uma crónica do Parlamento europeu — fala por si próprio: «Um grande dia para a Europa». E o jornal refere-se à estabilidade política da Inglaterra, monarquia constitucional desde 1688, enquanto que a França, por exemplo, conheceu três monarquias, dois impérios e cinco Repúblicas. Em resumo, «temos muito que dar à Europa».

«Telegraph» pensa que o alargamento da Comunidade poderia tanto assinalar «a atrofia de uma grande nação como um novo e esplêndido capítulo da nossa longa história...»

Para o «Guardian», «é preciso sobretudo evitar uma divisão semi permanente, na Inglaterra, entre os pró e os anti europeus... A Grã-Bretanha tem muito para dar daquilo de que a Europa tem mais necessidade, um controlo democrático efectivo da crescente burocracia».

«Um dia na História», título do «Mirror», que fala de um «grande desafio» feito aos britânicos.

HENRY PIERRE

ARTES

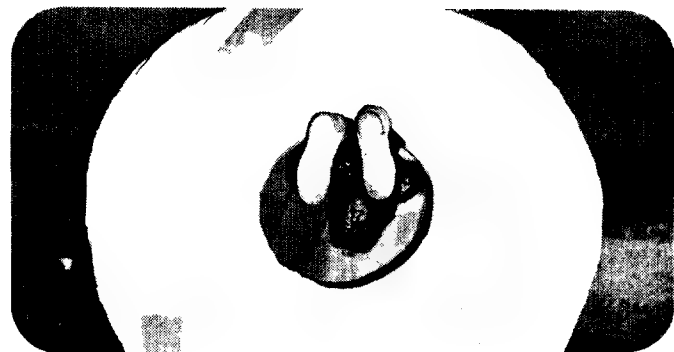
«Sabes que a vida quotidiana é um ritual?»
Espiga Pinto, José. Pintor. Um ar cansado que não apaga um brilho muito aceso nos olhos: a loucura, a saudável loucura de quem cria para além das barreiras do que se usa, do que se costuma, o olhar de quem não tem limites.

No gira-discos passava a música de Santana.

Não será o ritual um limite?

«Só no momento em que eu vi que o ritual não tem nada a ver com a missa tal como nos foi dado entendê-la durante anos é que comecei a perceber que o ritual é de todas as religiões e de todos os ateus. Entendi o ritual como processo de vivência.»

Um pintor do (nosso) tempo de si próprio



«Egotemponirico»: assim se chamou uma exposição há meses realizada em Valadares, nos arredores do Porto. Foi, se quiserem, o preenchimento do espaço de um pinhal com volumes concebidos e realizados (em espuma de borracha e esferovite) por Espiga Pinto. «Egotemponirico» (eu, tempo de sonho?) foi um ritual.

«Acreditas que a realidade estética e a política, dois campos diferentes, têm, para um funcionário normal de uma empresa, alguma coisa a ver com as perguntas que estás a fazer-me?»

— Pode ter. Terá, com certeza se as tuas respostas tiverem, por seu lado, alguma coisa a ver com isso.

Espiga lançou um trabalho de esferovite ao Douro. Inaugurava-se, deste modo, o ritual deste tempo. «O tempo somos nós», claro. Do tempo de Espiga Pinto, fechado num casulo de espuma, enquanto as pessoas se interrogavam: que faz ele ali? As pessoas precisam de explicações para tudo. Aliás, essas mesmas pessoas estiveram sempre distantes, durante a exposição: os volumes que se encontravam espalhados pelo chão não tinham que ser «respeitados», mas utilizados.

«Só os miúdos brincaram com esses volumes», dizia-nos Aurora, mulher do Zé Espiga.

Entretanto, tempos atrás, Espiga Pinto, fechado num casulo de espuma, esperava, apenas, que se puzesse o sol.

ENTREVISTA?

— Que pode ser uma entrevista que te façam?

— «Será um encontro do meu desconhecido com o desconhecido de quem me estiver a fazer perguntas. Por outras palavras: um encontro entre o desconhecido da minha mente e o desconhecido da tua.»

O que está escondido pelas palavras, Zé? Talvez. Tens uma maneira de ver as coisas «para além das coisas». O que não quer dizer que seja a mais certa, se é que há que estar certo nisso. Se é que tem alguma im-

portância estar certo nisso. Importante é tu acreditares que é possível compreender as coisas para além das coisas, sem metafísica, apesar de tudo. Ou, por outras palavras: o ritual da entrevista que é ultrapassado. Todo o ritual pretende ir mais além do que a sua própria aparência.

«Há que perceber. O ritual ligado a uma religião pode fazer (tem feito, até) com que o homem não admita a palavra ritual. O ritual é uma vivência, é a própria vivência.»

Espiga está na Suécia. Foi, com uma bolsa, estudar o que lhe interessa e que está relacionado com o seu «modus vivendi» (desculpas o latim, Zé?): a arte integrada no espaço urbano, por exemplo. Apenas por exemplo porque Espiga estudará (viverá) muitas outras coisas. A arte pode (deve) ser utilizada. Não guardada. Daí o «Egotemponirico».

«Houve quem não compreendesse isso. No «Egotemponirico» a maior parte das pessoas ficou a olhar e não participou, não mexeu nas coisas. Observou-as, apenas. Era necessário que as pessoas percebessem que faziam, também, parte da exposição. «Egotemponirico» era um «happening» e só as crianças o compreenderam.»

Santana tinha abandonado o gira-discos e cedido o seu lugar a «Fantasy in Orbit». Espiga estava cansado, mas vivo. «Sabes que a vida quotidiana é um ritual?». «Fantasy in Orbit» numa sala com três pessoas no ritual de beber e conversar às quatro da manhã.

«Há uma ligação íntima entre ritual e estética, se a arte for funcional, viva.»

Ontem no Porto, um sol enorme, invadiu o Douro. Hoje, no norte da Europa, Espiga deve ter os olhos vivos, cansados e, por isso, mais vivos. O «Egotemponirico» partiu com ele. É ele.

Espiga Pinto na Suécia. Outro mundo? Outras gentes? Outros rituais?

A mesma vida: a viagem.

Nuno Gomes dos Santos





Massiel: a qualidade em "Domingo a Noite"

O publico, o grande publico que não tem acesso às ultimas novidades em disco e ao que de novo se vai fazendo no mundo da canção, inclusive na vizinha Espanha, conhecia Massiel. Há alguns anos foi ela a representante da Espanha, no Euro-festival, arrebatando o primeiro lugar com a canção «La la, la», de Joan Manuel Serrat.

Esse mesmo publico, que quase encheu o Teatro Maria Matos na passada quarta-feira, não esperaria ouvir Massiel cantar aquelas canções, mas rendeu-se depressa, que a qualidade, aliada a uma interpretação vincadamente espanhola, pede meças.

Desta vez, Massiel, a qualidade, pediu meças e quase tudo o que passou pelo palco do ex-teatro de Igrejas Caeiro.

ARTUR GARCIA E A NATAÇÃO

«Reza por mim (...)/ Que eu rezo por ti (...)/ e não contes a ninguém/não, não digas a verdade...»

Artur Garcia a abrir. Duas canções religiosas, digamos. Senão, repare-se neste pedaço da letra da segunda:

«Deus te guarde, timoneiro (...)/ teu desejo são gaivotas/em busca da terra prometida».

Depois, a primeira entrevista. Luis Filipe Costa conversou com Bessone Basto actual presidente da secção de nataçao do Sport Algés e Dafundo: «O meu pai, para namorar a minha mãe ia a nado de Pedrouços até ao Porto Brandão!» Bessone Basto falou da sua família e da nataçao em geral, com maior incidência na que se pratica no SAD. Florbela Queiroz entrevistaria, na plateia, alguns dos miudos que se iniciaram na nataçao no clube de Algés, que «está a crescer», segundo afirma Bessone Basto, o director que foi praticante e ganhou a primeira prova em '972.

Qual foi o desportista que mais te impressionou nos Jogos Olímpicos?», perguntaria Florbela a um dos miudos.

Mark Spitz.

Achas que poderia haver um Mark Spitz em Portugal?»

«Acho que sim. O que era preciso era haver condições...»

Pois. Até os miudos.

OS MESMOS VÍCIOS NOS ANTÍPODAS

Eladio Clímaco fingia que era, apenas, espectador. A seu lado uma loura e alta senhora que sorria infundavelmente. Era Claire Campbell, locutora de TV da Nova Zelândia, que e a

coisa mais longe de Portugal que existe ao cimo da Terra. Vai daí, Eladio pega no microfone e pergunta a miss Campbell: Não quer falar para a câmara como faz lá no seu país?»

Quero! Hello! Espero que estejam a gostar do «show» tanto como eu, que estou a adorá-lo!

Lembramos aos leitores que, nessa altura, apenas tinhamos visto o Artur Garcia a cantar duas canções e a entrevista aos nadadores do Algés...

Que pensas dos teus colegas portugueses?, perguntava Clímaco. E respondeu Claire Campbell, que não deve conhecer nenhum deles, ou, pelo menos os conhece muito mal. Acho-os ótimos!...

O PODER DA FLOR: FLORÊNCIA E FLORBELA

Depois cantou Florência. Duas canções, a primeira das quais tinha um refrão muito... curioso. Deixem-me ser como sou/ deixem-me ser genuína. A seguir foi o folclore. E pronto.

Veio Florbela. De alentejana e montada numa bicicleta. Numa mão trazia uma rede de caçar borboletas. Norberto de Sousa perguntou-lhe o que estava ela ali a fazer, daquela maneira. Florbela ia à caça do leão de Rio Maior. E, de resto, teve graça, va lá...

Depois apareceu Lenita Gentil, vestida de mulher da Nazare, com as meninas do ballet, disfarçadas da mesma maneira. Lenita levou «play-back» total, o que se notou muito, notando-se, ainda, outras coisas. Não demorou muito, no palco. Foi-se logo embora para dar o lugar a mais «ballet» (?)

CASCAIS, NOME DE JAZZ

Ana Lagoa e soprano. Alice Cruz disse-o e, de facto, assim e. Uma breve entrevista e, às tantas, fala-se de Porgy and Bess e de Gerschwinn. Serviu isso para introduzir a primeira das arias que Ana Lagoa cantou: Summertime, exactamente de Gerschwinn e da sua obra Porgy and Bess. Seguir-se-ia outra aria, esta da Madame Butterfly. Ana Lagoa canta bem, mas será que as pessoas ficam, com estas incursões em Domingo à Noite, a gostar mais de opera?

Quando foi anunciado o Summertime, falou-se de opera-Jazz (?). Disse-se, logo a seguir, que a pianista que acompanharia Ana Lagoa naquela aria seria Regina Cascais. Alguem comen-

«Tanto faz, não. Temos que separar as duas coisas. Se me perguntares qual é o melhor cantor, a melhor voz, dir-te-ei que é o Nino Bravo. Se se trata de autor-intérprete, então digo-te que é o Serrat.»

Curiosamente, Massiel disse-nos o mesmo que Patxi Andión nos dissera meses atrás, no final de um recital que deu em Lisboa. A propósito, que pensa Massiel de Patxi Andión?



Massiel: uma presença de qualidade, justificada pela escolha de reportório, confirmada pela lista, escrita pelo punho da própria intérprete, das canções às quais emprestou a sua voz. Massiel foi uma surpresa e, ao mesmo tempo, a confirmação do valor da canção espanhola, que deixa a nossa, salvo raras excepções, a perder de vista.

«Parece-me muito bom. Gosto muito das suas canções e da maneira que ele tem de as interpretar.»

E pronto. Falou-se, ainda, de outras coisas que não tinham nada a ver com a canção nem com o espectáculo. Massiel, muito franca, muito «da malta», despedir-se-ia, pouco depois, com um «adiós, hasta siempre».

Hasta siempre, Massiel!

N. G. S.

Interessam-me as canções de texto

No final da sua actuação no «Domingo à Noite» que os telespectadores verão hoje e depois de ter visto como tinham ficado as coisas no «video-tape», Massiel prontificou-se a falar aos representantes dos órgãos de informação. Sem vetosismos, simplesmente, sentou-se no meio de uma roda de jornalistas e conversou. A primeira pergunta, a inevitável: porquê Brecht?

«Porque gosto de Teatro, em primeiro lugar. Fiz, há dois anos, um recital com poemas de Brecht no Piccolo Teatro di Milano. Depois, porque canto canções que tenham conteúdo e só essas. Não me interessa cantar ao estilo do «tchim-pum-pum» comercial.»

Mas Massiel passou a ser conhecida por ter interpretado (o que lhe valeu o primeiro lugar) a canção «La-la-la», de Serrat, num Festival da Eurovisão.

a cantaria, mas porque não estou, de momento, interessada em festivais.»

É bom que se saiba que Massiel, que gravava há seis anos para uma determinada casa editora de discos, mudou para outra apenas porque a primeira não quis gravar um LP seu com canções de Brecht.

«Fiquei seis meses sem poder gravar, pois a isso me obrigava o contrato com a minha anterior editora. Mas queria fazer um disco cantando poemas de Brecht e, por isso, não hesitei.»

Massiel canta autores que lhe interessam, canções que digam alguma coisa às pessoas. Brecht, por exemplo, mas, também, Aute, Goytisolo. Ela própria se preocupa em construir letras para a música que canta: «Corriendo, Corriendo», a última das canções que interpretou, tem letra sua para a música de Ferrasino. E não se esperaria (nós, por cá, desconhecemos muitas coisas) que Massiel fosse capaz de fazer «aquela» letra, bem feita, bem dentro do rumo que a cantora (e actriz, que também o é) entendeu (e bem) dever seguir.

Quem é o melhor cantor espanhol?

«Cantor, ou cantor-autor?»

Tanto faz...

tou Aqui, quando falam de Jazz, lembram-se logo de Cascais...

Florbela apareceria logo a seguir. Foi quando Henrique Mendes disse que iam ter, em carne e osso Jason King, da série Departamento S, e a miss dos Vingadores que eram, nem mais nem menos, Florbela Queiroz e Norberto de Sousa Nada por aí além, mas com mais graça do que habitualmente.

Antes de Massiel seria, ainda, entrevistado Angelo Granja, chefe de redacção da nova revista Telesemana, que disse que a publicação fazia falta em Portugal e que, no género desta, algumas similares existem em França e Espanha. É uma informação exaustiva do que a RTP transmite na semana seguinte, e é, também, um magazine.

MASSIEL

Exuberante de gestos, Massiel cantaria uma primeira canção com já seis anos de vida e, depois, outras mais recentes. Os gestos, correspondem à sua maneira de ser e de estar em palco: Massiel é espanhola, como Patxi Andión, por exemplo e sem querer fazer comparações. Depois, Massiel cantou duas canções de Breeht. Ela tem uma excelente voz e uma óptima intérprete. Afirmando que não tem nada a ver com as canções de «pata-tchim-pum-pum» e que canta normalmente canções de texto

Entretanto cantava Deixa la Flor, de Goytisolo: Toma la piedra/venga la flor/la sangre de los hombres/es facil de comprar.

Seguir-se-ia Balada de la Comodidad, de Brecht, encenada criticamente, por Massiel, à maneira de cabaret. E, logo a seguir, e antes de Corriendo, Corriendo, Andamos enganados/con cuentos y pasado), a Aleluya n.º 1, de Aute. Um bom final que não merecia o que antes tinha acontecido.

N. G. S.

PALACETE — SÉCULO XVIII

Em óptimo local, lindíssima decoração interior, amplas salas de recepção, monta-cargas e elevador, garagem para 4 carros, instalações para pessoal, aquecimento central. Vende-se por 7.500 c.

ORCOSI

Rua 1.º de Dezembro, 45 - 3.º, Esq.º

Telefs. 32 31 72 — 36 74 44

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES · SALA DE JOGOS

ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS

TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

ROI DE MASCARENHAS

JEAN CLAUDE ORIGINAL ANTIPODISTA and Partner **ANA ROSMANNINHO** com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

THE JAN ARNTZ DANCERS

"From Holland With Love"

JIRINA'S COMBO **ORPHEU'S QUARTET**

FERRER TRINDADE e sua orquestra

EDITH SAPHIR SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.

Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

O Wonder-Bar está reservado hoje, ficando aberto ao público o salão-restaurant, onde o «show» começa às 23 e 30.



O CINEMA PORTUGUÊS NA ENCRUZILHADA

UNIVERSIDADE OU CONVENTO?

No passado dia 5 de Janeiro, inaugurou-se no Conservatório Nacional um curso superior de cinema. Com o que o cinema entra na Universidade, como o afirmaram, congratulando-se justificadamente com o facto, alguns dos responsáveis. Ao que consta, sete cadeiras básicas assinalam a inauguração deste curso, dito "piloto". São elas: «História da Cultura Contemporânea»; «História do Cinema»; «Morfologia Narrativa»; «Noções Práticas de Cinema»; «Introdução ao Campo Sonoro»; «Educação Visual»; «Semiologia do Espectáculo» e «Iniciação à Prática do Cinema2, respectivamente a cargo dos d. João Benard da Costa, Seixas Santos, Paulo Rocha, António da Cunha Telles, Constança Capdeville, Rui Mario Gonçalves, Eduardo Prado Coelho e Fernando Lopes.

A Escola Piloto de Profissionais de Cinema é uma consequência de um projecto da Comissão

plesmente aceite a sua candidatura pelo Ministério da Educação Nacional?

Quantos orifessores, com excepção dos citados, foram convidados e recusaram?

Esses (e não outros) professores serão representativos de quê, de quem?

Esses (e não outros) professores poderão ser chamados o novo cinema português? Será que o novo cinema português é, unicamente, o que, ou quem aqueles professores representam?

Qual foi, portanto, o critério que presidiu à escolha destes (e não de outros) professores?

Serão estes professores são representativos da Cooperativa dos Cineastas Portugueses? Será que essa Cooperativa representa todo o novo cinema português?

Serão esses professores (e não outros) da confiança de quem?

Quem estruturou o curso?

LAURO ANTÔNIO

Orientadora da Reforma do Conservatório, proposta aprovada pelo Ministério da Educação Nacional que deu continuação ao que nela se preconizava. O prof. Seixas Santos, entrevistado aqui há dias pelo revista Rádio e Televisão, explicava o funcionamento: «O curso resulta de uma sugestão apresentada ao ministro da Educação, e constará de um ano propedéutico e três de especialização em diversos ramos: argumentos, montagem, realização, fotografia, som e crítica e investigação cinematográfica. Este último, pode ainda ter um quinto ano, com apresentação de tese, e que será equivalente a licenciatura. Quanto aos outros cursos terão um grau equivalente ao bacharelato. Acrescento mais especificamente que, depois de um primeiro ano em que se tomará contacto com os rudimentos, se seguem dois de aulas teórico-práticas e um último destinado apenas a trabalhos práticos (os filmes) ou a trabalho de investigação, de seminário ou preparação para a tese».

Como se vê, é constante a preocupação dos responsáveis para dotar o país com mais um curso superior, com as necessárias precauções para o mesmo se tornar possível de um fácil reconhecimento público. Não se deixa de referir a «apresentação de tese», a «licenciatura», o «bacharelato», as «aulas teóricas e práticas», o «seminário». O prof. Seixas Santos não deixou, aliás, de aludir à originalidade da sua escola: «A nossa escola não foi decalcada sobre nenhum sistema estrangeiro. Aliás, todas as escolas de cinema estão, mais ou menos, em crise, neste momento. Portanto, nós estamos numa atitude experimental

Em nome de quê, e de quem?

Porquê um «curso-piloto» com estas cadeiras e não outras? Porquê, por exemplo, *Semiologia à procura do que seja uma escola*. Dias mais tarde, porém, aquando da abertura do curso e segundo crónica de Afonso Cutela, no *Século*, o prof. Seixas Santos «reconheceu que o cinema, sempre marginalizado nas academias, começava agora a ser encarado de outra maneira.

Os alunos que, antes, tinham de frequentar escolas em Paris, Roma ou Londres poderiam passar a fazê-lo agora em Lisboa, com vantagens para todos». Na verdade, assim será. Em lugar do bilhete de avião para ir até Londres frequentar uma escola onde os professores podem ser Lindsay Anderson ou Karel Reisz, por um simples bilhete de eléctrico, o novo aluno ouvirá Paulo Rocha ou Seixas Santos. Em vez de assistir a aulas de Resnais ou Truffaut, em Paris, despendendo inúteis dias em viagens de comboio, o novo aluno ouvirá, com vantagem, Cunha Telles ou Benard da Costa leccionarem nas aulas do Conservatório. Em lugar de longas viagens de barco até Roma, só para ouvir Rossellini ou Fellini, o novo aluno deslocar-se-á, com vantagem, ao velho edifício do Conservatório, onde escutará Fernando Lopes ou Eduardo Prado Coelho. Parece-nos, portanto, não só, de referir a originalidade do curso, como todas as suas vantagens.

Olhando a constituição do grupo de professores que se reuniram agora no Conservatório, é evidente que eles representam um bloco respon-

savel e autorizado, ao novel do que de melhor existe no nosso país. Sem a mínima dúvida se poderá achar certa a nomeação de professores como Paulo Rocha, Fernando Lopes, António da Cunha Telles ou Eduardo Prado Coelho para as cadeiras que irão ocupar. Ficam-nos, porém, algumas dúvidas que gostaríamos de ver esclarecidas.

Estes (e não outros) professores foram escolhidos por quem?

Ou terão sido nomeados? Nesse caso, por quem?

Terão sido nomeados superiormente ou sim-do Espectáculo num primeiro ano de escola-piloto?

Abertas as inscrições, logo apareceram cerca de 60 candidatos. Desses, somente metade se quis sujeitar às provas de exame e, da metade que concorreu, 3 foram excluídos e 9 aceites. Também este aspecto justifica algumas perguntas: Quem seleccionou os futuros alunos? Como se processaram os exames?

Em nome de quê se excluíram uns e se aprovaram outros?

Quem escolheu, quem examinou, fê-lo sob mandato de quem? Cumprindo regulamentação estabelecida por quem?

Voltemos às declarações (apesar de tudo) eufóricas do prof. Seixas Santos. Este, depois de se ter referido às instalações pouco modernas do Conservatório, explicou: «Isto era um convento, mas vamos lá ver o que será possível fazer, a partir de estruturas assim. O que, como já vimos, o não impediu de concluir «que os alunos que antes tinham de frequentar escolas em Paris, Roma ou Londres, poderiam passar a fazê-lo agora em Lisboa, com vantagem». «Como não podia deixar de ser», acentua Afonso Cutela na sua crónica de *O Século*, «Seixas Santos terminou em beleza o seu discurso inaugural: «Haverá pois a possibilidade de formar quadros com uma preparação muito mais completa do que a que caracteriza hoje os nossos críticos. Não há investigadores de cinema em Portugal».

Ora, esta frase muito nos preocupa. Não haverá mesmo investigadores de cinema em Portugal e, então, à frente do «curso-piloto» de cinema do conservatório, estarão meia dúzia de arrivas-tas, arvorados por si mesmos em professores? Mas como foi possível tal paradoxo, ainda que seja o próprio coordenador do curso a confessá-lo publicamente? Como será possível o prof. Seixas Santos ir leccionar «História do Cinema»

ele que de investigação se confessa um zero. E todos os outros? Como aceitaram eles tão estranha incumbência? Será que, neste curso piloto, professores e alunos vão aprender em simultâneo? Será então que, dia sim, dia não, uns e outros comutam posições? Teremos o prof. Seixas Santos, alguns dias da semana, como o aluno Seixas Santos, aprendendo rudimentos de investigação? Nesse caso talvez esta «escola-piloto» seja, efectivamente, vantajosa, em relação às suas congéneres parisiense, romana ou londrina. Mas, porque será que certos senhores, quando se vêem no alto de uma cátedra, não podem deixar de ser suficientes, escolásticos, convencionais?

E já agora, a talhe de foice: Sabera Seixas Santos que ha críticos portugueses que, procurando uma investigação seria e honesta, se dirigiam à Fundação Calouste Gulbenkian pedindo bolsas de estudo e as viram recusadas? Será que Seixas Santos não será um dos responsáveis por algumas dessas recusas, ele que, com alguns dos seus amigos professores (e outros), tantas benesses recebeu da benemerita instituição? Sabera Seixas Santos (se não sabe pode informar-se junto do seu colega João Benard da Costa) que, o abaixo assinado, em 1972, se candidatou a uma bolsa de estudo da Fundação Gulbenkian, para estudar, investigar, escrever e publicar uma «História do Cinema Português» e que a mesma lhe foi recusada? Não faria Seixas Santos parte da comissão consultiva? Não será o próprio S. Seixas que hoje acusa a crítica portuguesa de ser um zero, um dos responsáveis por esse zero? E isso sob os mais variados aspectos, inclusive ao crítico?

Nos primeiros dias de Janeiro de 1973 iniciou-se, portanto, um curso de cinema do Conservatório Nacional. Para lá das roupagens de compadrio académico e conventual que desde logo arvorou, esperamos que este curso cumpra a sua missão e a cumpra bem. Homens como Fernando Lopes, Paulo Rocha, Eduardo Prado Coelho ou António da Cunha Telles, Rui Mario Gonçalves ou os monitores de fotografia e som, Manuel Costa e Silva e Alexandre Gonçalves, podem ser garantias de seriedade e isenção. Daqui a quatro anos, 9 bachareis descerão as portas do Conservatório com um candito (dispensável), em busca de uma carreira (indispensável). Somos nós que temos de lhes preparar um futuro. Somos nós que temos de construir as portas (agora inexistentes) que para eles se terão de abrir. Para eles, bachareis, e para todos os outros.

A PERSEGUIÇÃO AO VAZIO

TÍTULO: Perseguição (La Course du Lievre Atraves les Champs)
REALIZAÇÃO: Rene Clement, 1972 (França);
INTERPRETES: Jean Luis Trintignant, Robert Ryan, Lea Massari, Aldo Ray, Tisa Farrow
DISTRIBUIÇÃO: Filmes Lusomundo;
ESTREIA: Cinema Borna (24.1.1973)

E obvio que se não pode recusar um grande metier a René Clement. Efectivamente, os seus ultimos filmes repousam sobre uma base tecnica segura e um saber artesanal quase diríamos impecavel. Acontece, porém, que precisamente a partir de Paris já Está a Arder? (1964) os seus filmes se ressentem de um academismo, de uma estereotipificação, de uma ausência de inventiva clamorosa. Clément deverá constituir, para os ideólogos da V Republica (e para o publico por eles formado, nele incluindo os produtores) o

modelo do bom realizador de cinema; ou seja, o realizador formalmente impecável (isto é: impecável segundo regras perfeitamente definidas e a respeitar) que melhor coloca em imagens os seus argumentos grandiloquentes que desde logo se sabe ir constituir sucessos publicos de qualidade.

Perseguição ilustra bem o conceito. Pede-se a Clement um filme baseado num romance de Sebastian Japrisot. Da colaboração que entre ambos se estabelece não irá surgir um vulgar filme de gangsters. Não, porque ambos sabem que se dirigem, não a um publico popular, mas a uma grande burguesia que não consome gangsters sem mais nada. Vai daí, resolvem criar uma atmosfera poética em redor do tema. Depois agarram em Lewia Carroll e retiram-lhe uma frase para epigrafe, o que desde logo confere um tom intelectual (a frase: *Nous ne sommes, mon amour, que des*

enfants veillis que s'agitent avant de trouver le repos). Ressalvada a seriedade (a «qualidade») dos propósitos, podem agora dar livre curso a sua apurada técnica. Uma narrativa paralela irá mostrar-nos crianças em Marselha jogando ao berlinde (e aos gangsters) e gangsters brincando ao berlinde, antes de morrerem trespassados por mortais projecteis. Esta descrito o ambiente, definida a poesia, justificado Lewis.

Para que a qualidade seja inequívoca, para actores um naipe prestigioso (Jean Louis Trintignant, Robert Ryan, Lea Massari, Aldo Ray, Jean Gaven etc)

Mas, no final da projecção um espectador medianamente inquieto não deixará de se perguntar: serviu para alguma coisa ver este filme? Os ultimos filmes de Clément são realmente a melhor maneira de perder duas horas inutilmente.

LAURO ANTONIO

EXCURSÕES CP SERRA DA ESTRELA

A FASCINAÇÃO DA NEVE

- Fins-de-semana em 13/14, 20/21 e 27/28 de Janeiro**
● **Sábado** - Partida de Lisboa (St.ª Apolónia) no «rápido», às 8-45, em 1.ª classe. Chegada a Coimbra-B, às 11-20.
● Itinerário de autocarro com guia, através dos pontos mais belos da Serra: Penhas da Saúde, Nave, Penhas Douradas, Garganta do Zêzere, etc.
Alojamento em Hotel de 1.ª classe (Guarda) e refeições na Pousada de Santa Bárbara e em Manteigas.
● **Domingo** - Partida de Coimbra-B no «rápido», às 20-38. Chegada a Lisboa (St.ª Apolónia), às 23-05.

PREÇOS POR PESSOA

De LISBOA	690\$00	Setúbal	710\$00
Santarém	660\$00	Évora/Beja	800\$00
Entroncamento	640\$00	Faro/Lagos	890\$00

Informações e folhetos descritivos:

Estação de Lisboa-Rossio
Estação de Santa Apolónia
Rua do Arsenal, 124-1.ª Lisboa

Organização Tel. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

ELEIÇÕES NO SINDICATO DOS CAIXEIROS

Cerca de 8 mil caixeiros participaram nas eleições para as secções de Profissionais de Armazem, Balcão, Praça e Viajantes do Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa que se realizaram anteontem.

Constituído por 30 mil sócios, o Sindicato registou uma afluência invulgar neste acto eleitoral, sobretudo se o compararmos com o de 1970, em que só participaram 800 pessoas. Esse interesse deve-se, provavelmente, às actividades levadas a efeito nos últimos tempos para resolver os graves problemas de classe.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Augusto Conceição Correia, R. Alexandre Herculan, 16 ODEMIRA

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas

DISCOS

Lançamentos

«The Best of Jimmi Hendrix» não será, de facto, o melhor do extraordinário guitarrista e intérprete, mas é bom, de facto. «Hey Joe», que muita gente, entre nós, conheceu apenas pela versão francesa de Johnny Halliday, bastante inferior, é o primeiro título deste EP recentemente chegado a Portugal. Outras composições incluídas no disco: «Purple Haze», «The Wind Cries Mary» e «Stone Free».



Há tempos noticiámos o aparecimento, na cena «pop», de um grupo que começava a merecer elogios da crítica especializada, principalmente por contar, entre os seus elementos, com uma senhora chamada Maggie Bell, cujas qualidades vocais e de interpretação

mereceram palavras de apreço de gente altamente credenciada no mundo das cantigas. Pois aí está, agora, um exemplo do que os «Stone the Crows» sabem fazer e do que Maggie Bell é capaz. Trata-se do disco «Good Time Girl», que tem, na face B, a compo-

sição «On the Highway».

Mouth e McNeal, o duo que se celebrou com «How Do You Do», tem novo disco no mercado português. Desta vez o «single» inclui os trechos «You Know La-Le-lou-pi» e «Let Your Life Lend By Love». Outro êxito em perspectiva?

Manuel Sobral Torres tem 23 anos e, agora, um disco no mercado, o primeiro. Frequentando o 5.º ano da Faculdade de Direito de Coimbra, a sua música sofre (demasiadas) influências da balada coimbrã. Entretanto, salvam-se, quanto mais não seja, as boas intenções. E algumas ideias a explorar: um longo trabalho à sua frente, que deve ser tomado como incentivo àquilo que Sobral Torres já apresenta.

PRÉMIOS LITERÁRIOS DA S. E. I. T.

A semelhança dos anos anteriores, estão abertos até 3 de Março, na Secretaria de Estado da Informação e Turismo (Repartição de Estudos e Publicações), os concursos para atribuição de vários prémios literários, destinados a autores nacionais. Os prémios, que visam promover a divulgação e o incremento da cultura portuguesa, são os seguintes:

Prémio Nacional de Poesia, no valor de 50.000\$00; Prémio Nacional de Novelistica, de 50.000\$00; Prémio de Literatura Infantil e Juvenil, de 5.000\$00; Prémios Afonso de Bragança (para trabalhos de reportagem publicados em jornais ou revistas), de 0.000\$00 e 7.000\$00;

Prémio Nacional de Historia, de 50.000\$00; Prémio Nacional de Ensaio, de 50.000\$00; Prémio Camões, de 30.000\$00 (para obra publicada em país estrangeiro em 97 ou 972, sobre tema português); e Prémios Revelação (prosa e poesia), para autores que ainda não tenham nenhuma obra publicada em forma de livro, consistindo na edição das obras distinguidas e na atribuição da importância de 5.000\$00 e dez por cento sobre o preço de capa dos primeiros exemplares, e quinze por cento dos restantes.

Os jornalistas e escritores estrangeiros poderão concorrer aos Prémios António Ferro — 1.º prémio de 20.000\$00 a

40.000\$00 e visita a Portugal durante dez dias; 2.º prémio, 20.000\$00, visa distinguir um conjunto de artigos ou apenas um artigo, publicados pela imprensa periódica estrangeira sobre Portugal durante o ano de 972;

Os interessados, estrangeiros ou nacionais, podem ainda candidatar-se ao Prémio de Tradução que, por ser bienal, será atribuído em 974.

Todos os esclarecimentos sobre os prémios literários podem ser solicitados à Repartição de Estudos e Publicações, Direcção Geral da Informação, S.E.I.T., Praça dos Restauradores, Lisboa.

DINHEIRO empréstimo

Sobre propriedades 20,30,50,100 contos e quantias superiores, ao juro da lei

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS

LISBOA - RUA DO OURO 292 1.ª Esquina com o Rossio Telf. 369384/5/6

PORTO - RUA PASSOS MANUEL 14 1.ª Telf. 20344/5/6

PÃO DE AÇÚCAR

GERENTES DE LOJA

Para os quadros superiores das nossas Lojas a inaugurar durante o corrente ano em Lisboa e em Capitais de Distrito

RECRUTAMOS CANDIDATOS COM:

- Mais de 25 anos
- Frequência universitária
- Dinamismo e Ambição

OFERECEMOS:

- Estágio subsidiado
- Ingresso nos quadros superiores da Empresa findo o estágio
- Boas condições de trabalho e remuneração
- Regalias sociais

Resposta manuscrita a DEPARTAMENTO DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO — 1.ª RUA PARTICULAR A R. DA COZINHA ECONÓMICA, N.º 2-3.ª — LISBOA-3

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos:

TEATRO Tel. 32 60 17

VARIEDADES

25.ª SEMANA

Grupo C M/ 14 anos

HOJE — 2 SESSÕES

Às 20.45 e 23 h.

com JOSE VIANA

no protagonista

SUA EXCELENÇA O RENDURA

com DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luis Santos, Manuela Cassola, Vasco Morgado Jr., Maria Otília, Vítor de Sousa, Luis Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA

Segundas e terças-feiras, às 21.45 horas; quintas, sextas e sábados, 2 sessões, às 20.45 e 23 horas; domingos, às 16 e 21.45

BREVEMENTE-ESTREIA

UMA FANTASIA REVISTA DE BONS USOS E COSTUMES no teatro MONUMENTAL

UMA PRODUÇÃO DE VASCO MORGADO

COM

CAMILO de OLIVEIRA

EM

MULHERES E COMIGO!

COM AIDA BAPTISTA

ELAS PRINCIPAIS INTERPRETES DA OBRA

MARGARIDA MAUPERRIN

E AINDA

LINDA SILVA CRISTINA CASSOLA

E AINDA

VITÓRIA MARIA

THE RED ROSE BALLET

GRUPO D - 18 ANOS

Bilhetes à venda

Tel. do Teatro 555133

TEATRO Tel. 32 74 93

CAPITÓLIO

5.ª SEMANA

Grupo D M/ 18 anos

Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIRÓS

Sexo, nunca! somos britânicos...

No elenco

IRENE ISIDRO

Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTA-VIO DE MATOS

Encenação de

Maria Helena Matos

2.ª, 3.ª e 5.ª — ÀS 21.45 H.

4.ª-FEIRAS — Descanso da C.A.

6.ª-FEIRAS, SÁB. DOS E DO-MINGOS — 2 sessões: ÀS 20.45 E 23 HORAS

DOMINGOS — «Matinées» 16 h.

Inauguração do **CINEMA CASTIL** A COLUMBIA & WARNER seleccionou

UMA COMÉDIA ALUCINANTE!

Barbra Streisand

Ryan O'Neal

em

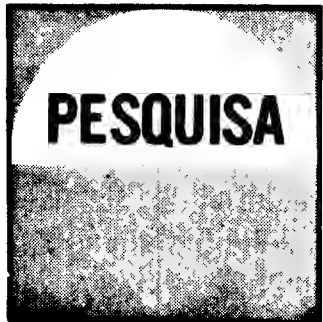
"Que se Passa Doutor?"

Uma produção de **PETER BOGDANOVICH**

Grupo B/10 anos

Brevemente no **CINEMA CASTIL**

Rua Castilho-Metro Rotunda Estacionamento Parque-Castil



Depois de Howard Hughes, anuncia-se as memórias de Greta Garbo As confissões de um mito

Ela era a primeira dama do cinema sueco quando Mauritz Stiller, famoso realizador da época, a levou para Hollywood. Lá, Greta Garbo só fez filmes de sucesso, criando o mito da mulher pura, misteriosa, enigmática, com «a beleza do sofrimento e da solidão». Deixou o cinema quando a sua carreira atingia o apogeu, desejosa de manter viva a sua imagem de juventude e beleza.

Talvez por isso, ainda hoje, quando anunciados em algum festival retrospectivo, o seu nome e os seus filmes atraíam verdadeiras multidões aos cinemas. Mas não é apenas graças a essas mostras cinematográficas que mantém-se vivo o interesse e o noticiário em torno do seu nome e da sua voluntária, mas certamente calculada, reclusão.

De Washington para o «Evening Standard», o jornalista Jeremy Campbell enviou recente correspondência, que, em Londres obteve um efeito tão espectacular quanto o alcançado pelo livro de Cecil Beaton, que fala sobre o seu amor inflâmado e da sua ligação não desmentida com o mais famoso mito do cinema mundial.

AS MEMÓRIAS DE GRETA GARBO

No seu despacho, conta Campbell que um manuscrito sensacional, contendo as memórias íntimas de Greta Garbo estaria, agora, em mãos de duas casas editoras de Nova Iorque. Ainda segundo o jornalista, este original conteria muitas respostas e, certamente, algumas revelações sobre episódios ligados à vida da actriz, ainda hoje insuficientemente claros. Três desses episódios, pelas suas conotações sensacionalistas, são enumerados por Campbell, no seu artigo:

1) Teria sido facto a história segundo a qual Greta Garbo se escondera num posto de serviço, escapando depois pela janela, para fugir ao assédio de John Gilbert, o seu galã em Rainha Cristina, que queria levá-la, por força, ao registo civil, para se casarem?

2) O que, na verdade, aconteceu numa vila em Ravallo, pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, quando o regente Leopold Stokowski (ele completou 90 anos em 1972) a cortejou e, finalmente, a conquistou?

3) Qual teria sido, de facto, a natureza do seu envolvimento com Cecil Beaton, que se declarou a Greta Garbo num extenso sofá vermelho do Hotel Plaza, em Nova Iorque, originando daí uma «ligação incandescente» com a duração exacta de dois anos e dois dias?

Certamente haverá, nessas memórias, outras respostas e informações menos espectaculares do que as assinaladas por Campbell, mas de qualquer forma fascinantes, sendo Greta Garbo a mulher que é e foi. Isso, é claro, se existir realmente o mencionado manuscrito. E mais: se a sua autenticidade não sofrer contestação por parte da actriz.

UMA HISTÓRIA MISTERIOSA
Desde que o assunto surgiu numa conversa entre editores,

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203-r/c. Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

durante a realização, em Outubro último, da Feira do Livro de Frankfurt, as «memórias de Greta Garbo» vêm sendo cercadas de crescente mistério. Na ocasião, sabe-se que alguns editores ingleses interessaram-se pelos manuscritos, mas o preço pedido por eles era astronómico: um milhão de dólares. Por outro lado, muito pouco era e é conhecido sobre o escritor que afirma ter trabalhado com a actriz. Dele são conhecidos apenas o nome — Antoni Gronowicz, — a nacionalidade — norte-americana, — e o facto de que é autor de um romance — *Orange Full of Dreams*. Nada mais.

NAS MÃOS DOS EDITORES

«Posso informar — acrescenta Jeremy Campbell — que o manuscrito se encontra, neste momento, em poder de Russell and Volkening, uma das mais respeitadas agências literárias dos Estados Unidos».

— Dois editores estão presentemente a examinar os originais e talvez dentro de algumas semanas seja possível um pronunciamento deles sobre o assunto — disse a Campbell o vice-presidente da agência, Timothy Seides.

— As possibilidades de publicação são, agora, muito mais prováveis do que antes — acrescentou ainda Seides, — uma linguagem cautelosa, embora optimista.

As memórias, ao que consta, são um relatório vividamente explícito, capaz de esclarecer enigmas de longa data, no que diz respeito ao papel desempenhado na vida da actriz por personalidades como o realizador Mauritz Stiller, o cenógrafo e figurinista Cecil Beaton, o maestro Leopold Stokowski e o empresário George Schlee.

O manuscrito seria a versão

de Greta Garbo sobre os episódios em que se viu envolvida, inclusive sobre o de Cecil Beaton, que causou, ainda recentemente, tantos rumores, quando o cenógrafo declarou ter experimentado «uma verdadeira obsessão» pela actriz, o que o teria levado a «alguns passos do casamento». Segundo ainda o depoimento de Beaton, ele tentara que ela deixasse Hollywood, seguindo para Londres, para aparecer num filme. Nas palavras do cenógrafo, essa proposta foi apresentada a Greta Garbo, enquanto eles estavam deitados sobre um tapete de peles, no jardim cercado de muros brancos da casa da actriz, em Los Angeles.

DETALHES INESPERADOS

Segundo ainda a correspondência de Campbell para o «Evening Standard», as memórias de Greta Garbo desceriam a detalhes inesperados a respeito da sua ligação com George Schlee, o rico e mundano empresário que a acompanhava, em iates luxuosos, nas suas escassas idas e vindas entre a Europa e a América.

Quando Schlee morreu, em Paris, em 1964, vitimado por um ataque cardíaco, diz-se que Greta Garbo teria «perdido a cabeça». Na ocasião ela estava também em Paris e teria arrematado apressadamente as suas malas, deixando a mulher do empresário, Valentine, ocupada com o transporte do cadáver para os Estados Unidos, onde Schlee foi sepultado.

OUTRO «BLUFF»?

Sobre tudo isso, opina Jeremy Campbell: «Os círculos editoriais de Nova Iorque mostram-se excitados a respeito do manuscrito, mas muitos revelam-se igualmente assustados pela nefasta lembrança do caso das memórias de Howard Hughes, com o engano em que cairam os editores da revista «Life», o que pode até ter contribuído para o colapso da grande revista».

Mas, numa confidência, Ti-

mothy Seides disse ao jornalista: «Estou confiante em que, desta vez, não se trata de uma nova farsa. Há evidências que depõem fortemente a favor da verdade. E, com o caso Hughes tão próximo de todos nós, não posso simplesmente conceber que alguém tente novamente enganar-nos a tão pouco tempo do que acabou de acontecer?».

De tudo isso, uma coisa é certa: apesar da notícia e dos comentários a respeito das suas «memórias» terem já corrido o mundo, Greta Garbo, na sua solidão, ainda não contestou a sua autenticidade. O que, na pior das hipóteses, é já um indício.

W.D.



As economias bem aplicadas valorizam-se

consulte:

J. PIMENTA, SARL

UMA ORGANIZAÇÃO
DE SÓLIDAS ESTRUTURAS

LISBOA — Pr. Marquês de Pombal, 15 — Telef. 45843-47843
SEDE SOCIAL — Queluz — Av. António Enes, 25 — Telef. 952021/2



Um aspecto do conjunto urbanístico da Reboleira-Sul

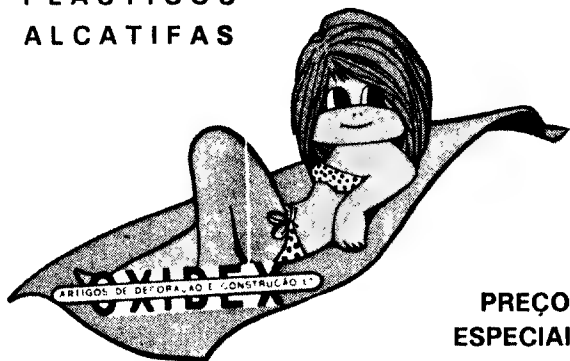
LOCAIS ONDE CONSTRUIMOS,
VENDEMOS OU ALUGAMOS
APARTAMENTOS MOBILADOS

ALAPRAIA (S. João do Estoril)
ALGARVE (Praia da Rocha)
AMADOR/ (Centro)
CASCAIS (Alto da Pampilheira)
COIMBRA (Rua Nicolau Chautereno)
LISBOA (Olivais)
LISBOA (Rua Carlos José Barreiros)
LUANDA (Rua Eng.º Artur Torres)

PAÇO DE ARCOS (B.º Comendador
Joaquim Matias)
PAÇO DE ARCOS (Quinta do Meireles)
PAREDE (Bairro do Junqueiro)
PORTO (Rua da Piedade)
REBOLEIRA-NORTE
REBOLEIRA-SUL
VENDA NOVA

REVESTIMENTOS

PLASTICOS
ALCATIFAS



PREÇOS
ESPECIAIS
PARA A GRANDE OBRA

OS MAIS MODERNOS

PAPEIS LAVÁVEIS PARA PAREDE

1.500 PADRÕES

EXPOSIÇÃO E VENDA

AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 10-B—Tel. 532383

CINEMA

UM ENCONTRO EM BRAY MARCADO POR DELVAUX



Decorre o ano de 1917. Julien, um jovem luxemburguês, encontra-se em Paris a estudar piano. Três anos antes (1914), a guerra tinha bloqueado a França. Julien não se alistou por ser luxemburguês e pacifista, mas a guerra interrompe os seus estudos. Julien precisa de sobreviver e, por isso, aceita o lugar de crítico musical num jornal de Paris. Um telegrama chega, de repente: «**Encontro em Bray, La Fougerie, 28 de Dezembro. Saudações amistosas, Jacques Nueil**». Julien parte. Chega à morada indicada em Breuil e encontra uma mulher muito bela. Nueil não estava, ainda. E começa a espera, povoada de recordações, de pesadelos. E a pergunta: quem é esta mulher?

A CRÍTICA

Em cima, a história do filme, ou o que lhe está na base. Uma história de um filme que mereceu da crítica alguns ótimos elogios.

«**Original, apaixonante, inteligentemente interpretado (...)** «**Rendez-Vous à Bray**» representa na produção actual uma espécie de objecto raro onde a sua raridade faz a sua qualidade», escreveu Jean de Baroncelli no «**Le Monde**».

«**Um dos filmes mais apaixonantes da actualidade**», afirma S.L. no «**Humanité Dimanche**».

«**Ambicioso, rigoroso, fugindo a modas (...)** **Obra apaixonante**», diz François Nourissier em «**L'Express**».

Parece, portanto, que o filme, assinado por Delvaux, é, de facto, importante.

DELVAUX

Nasceu na Bélgica em 21-3-1926 e formou-se na Universidade Livre de Bruxelas,

em Germânicas e Direito, tendo estudado piano e composição no Conservatório Real daquela cidade. Dirigiu os estágios de Educação Cinematográfica para professores do Ensino Médio a um seminário de estudo de linguagem cinematográfica no Instituto de Sociologia da Universidade de Bruxelas.

Em 1960, **André Delvaux** realiza quatro programas para a televisão sobre **Fellini** e, dois anos depois, uma curta-metragem para a televisão intitulada «**Le Temps des Eco-liers**». Depois de mais duas séries televisivas sobre **Jean Rouch** e o cinema polaco, Delvaux atira cá para fora a sua primeira longa metragem «**O Homem da Cabeça Rapada**», filme que, à partida, contou logo com um grande apoio da crítica de vários países. Difícil é um primeiro filme consagrar um realizador mas o facto é que foi isso que sucedeu com «**O Homem da Cabeça Rapada**». Só depois, mais precisamente três anos depois, surge «**Un soir Un Train**» («**Laços Eternos**»), com Yves Montand e Anouk Aimée. Entretanto, tinha recebido cinco grandes prémios internacionais, pela sua primeira longa metragem.

Em 1971 realiza «**Rendez-Vous à Bray**», que Lisboa vê actualmente.

INTÉRPRETES

Se nomes como os de **Mathieu Carrière** ou **Roger Van Hool** dizem alguma coisa aos espectadores mais atentos a estas coisas, o facto é que o de **Anna Karina** os ultrapassa a todos, pelo menos em popularidade. Mas não só. A dinamarquesa que cantava em casas de espectáculos de Copenhague antes de completar 17 anos e que, nessa altura, partiu para Paris onde passou um mau bocado até ser «descoberta» por um fotógrafo de modas, foi a grande actriz de «**Alphaville**», de «**Vivre Sa Vie**», de «**Pierrot Le Fou**», etc.

Mathieu Carrière, por seu turno, tornou-se popular pela sua interpretação em «**O Jovem Toerless**», de Volker Schlöndorff, depois de fazer cinema desde os 13 anos.

Completam o elenco **Bulle Ogier**, **Roger Van Hool**, **Luce Garcia Ville**, **Jean Buisse** e **Jean Aron**.

EXTERNATOS

São Vicente

Rua do Paraíso, 28
Tel. 864100

Marquês de Pombal Álvares Cabral

Rua Morais Soares, 93
Tel. 82 02 21/83 46 58

Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) — Tel. 70 69 74/5

ADM. A UNIVERSIDADE

Liceal — Preparatório — Comercial — Institutos

PRECISAM-SE ANDARES

Para organismo oficial, um com área de 260 m2 e outro com 180 m2, juntos ou separados.

Resposta a este jornal ao n.º 709.

FOREMAN
E CLAY
À ESPERA

DESPORTO

Neutralidade e activismo nas doze cordas do ringue

O boxe profissional, na América dos milhões, conhece novo amo, desde 22 do corrente: chama-se George Foreman, nasceu a 22 de Janeiro de 1948 em Hayward, Califórnia, e tinha já conquistado o título olímpico de «pesados», nos Jogos do México, como amador. Fez 37 combates, ganhou-os todos e apenas três aos pontos. E um

rapaz simples e de vida pacata, criado na rua e na malandragem, durante muito tempo habitual frequentador das cadeias policiais e só regenerado com o treino intensivo do pugilismo. Não procura a publicidade e não tem complexos raciais. Por isso é aceite por brancos e negros, como neutral. Contrariamente a Frazier (que os negros

chamam de «branco disfarçado e negro vendido») e a Clay, que os brancos da América destruíam por se recusar a combater no Vietname.

Foreman alia a elegância no ringue à figura na esgrima e à força no «punch». É um «pegador» nato, com um tremendo poder em cada luva. A sua vitória retumbante sobre Frazier (K. O. ao segundo «assalto», após enviar o adversário seis vezes ao tapete), dá-lhe favoritismo para continuar campeão: por muitos anos e bons.

A sua espera está Cassius Clay, que, certamente, desejaria muito mais a desforra com o ex-campeão, para vingar a derrota sofrida em período difícil e após alguns anos de inactividade pugilística forçada. O mesmo Clay que respeita o seu adversário (descontando, é evidente, a repercussão que determinadas frases têm no mundo do Boxe, quando não são mesmo preparadas para aumentar a receita) ao ponto de despedir o seu treinador Drew Bundini Brown, devido ao incidente registado com o novo campeão mundial, George Foreman, em Kingston, na Jamaica. Ao que se diz, Brown forçou a entrada nos vestiários de Foreman, depois da vitória deste so-



antigo campeão mundial dos «Pesados» Mohammad Ali (Cassius Clay) anuncia que suspendeu o seu treinador Drew Bundini Brown, devido ao incidente registado com o novo campeão mundial, George Foreman, em Kingston, na Jamaica. Ao que se diz, Brown forçou a entrada nos vestiários de Foreman, depois da vitória deste so-

bre Frazier, e gritou-lhe: «Então quando é que vai defrontar o verdadeiro campeão?»

Cassius Clay afirma que Brown foi à Jamaica contrariando as suas ordens. No combate de 14 de Fevereiro, contra o campeão europeu Joe Bugner, Cassius terá no seu «canto», como treinador, Walter Youngblood.

PORQUÊ um relógio CAUNY vale mais do que custa?

PORQUE o seu slogan «Uma marca para toda a vida» não é uma utopia.

PORQUE desde há 45 anos oferece um bom relógio a preço popular.

PORQUE a sua produção permite fabricar relógios com uma pequena margem de benefício.

Compare a sua mecânica com outra marca de maior preço de venda e comprová-lo-á.

OS



Recidos
Almirante, Lda.

— AV. ALMIRANTE REIS, 23-A

CONTINUAM A SALDAR

A PREÇOS POR MUITO MENOS
DE METADE DO SEU VALOR
VERIFIQUE E CONFRONTE

VESTIDOS PARA SENHORA

PURA LÃ (EM CAXEMIRA)
Eram a 430\$00

Agora a 175\$00

ROBES PARA SENHORA

(EM PELUCHE)

Apenas por 100\$00

CALÇAS PARA SENHORA

EM FLANELA/LÃ

(São milhares) por 115\$00

ROBES PARA CRIANÇA

(EM PELUCHE)

Apenas por 65\$00

**E MILHARES DE PEÇAS DE MALHA
PARA HOMEM E SENHORA
AOS PREÇOS DE 70\$00 E 100\$00**

A SOMBRA DE FRAZIER

TAMBÉM EU PERDI... MAS AOS PONTOS

Por DANIEL REIS

«Não lutei com Frazier, nem fui esmagado por Foreman; não subi ao ringue, nem ouvi os apupos da multidão. Não balancei as doze cordas, nem provei as delícias das luvas de um campeão. Mas também eu perdi na minha luta da semana.

Inapelavelmente. Não a KO, que o perder desta maneira dá-me ainda mais força para tentar de novo, quando for posto em jogo o título mundial de Boxe. Mas perdi, sem discussão, por larga margem pontual, ainda que não tenha ficado marcado como aconteceu antes a Frazier: há dezenas de meses derrotou o campeão dos direitos negros, o militante muçulmano mohamed Ali, mas as marcas recebidas no corpo vieram agora ao de cima, com tal efeito, que foi um homem liquidado, seis vezes no curto espaço de cinco minutos.

A minha luta foi perdida no campo da Informação e acabou, inflória, na campina alentejana, a céu aberto, madrugada dentro, com a lua a rir-se, lá bem no tecto do mundo, da minha inapelável derrota e as estrelas a cintilar no silêncio do abandono e da solidão.

Eu conto.

Como a televisão portuguesa, ocupada em amenidades, entende que importante, importante mesmo, é a cultura básica do povo português (séries americanas, tiros e mortos em episódios juvenis, além do parlório quotidiano sobre as belezas da programação e as delícias de viver neste país) e de boxe nem um bocadinho, rumei a Elvas destino possível de quem desejava dar aos leitores deste jornal uma visão pessoal dos acontecimentos.

Na companhia grata de reporteres de O Seculo, parti de Lisboa com a certeza (confirmada) de que a televisão espanhola transmitia directamente a luta para o título mundial de todas as categorias, entre o campeão Joe Frazier e o pretendente George Foreman. Mas a TVE não transmitiu, anulando a ligação à rede informativa estendida para todo o mundo a partir de Kingston, na Jamaica. Até aí, do mal o menos. Salvava-se o passeio, ainda que exigisse o sacrifício de uma noite de repouso.

E que, percorrer 450 quilómetros para ir jantar a Elvas, às quatro da manhã, por inedito, alivia o sacrifício. E, vendo bem, até

nem sei mesmo se valerá a pena! Comi lá uma sopa alentejana, que só provada, presunto e tordos assados, como nos tempos em que armava boizes nos olivais da minha terra, para acabar à lareira, nas longas noites de Inverno, conversando indefinidamente, enquanto se trincavam os ossos frágeis do sabroso pássaro das terras frias.

Quatro dezenas de cidadãos esperaram o que nunca veio: imagens de Madrid. So um telefonema para a capital espanhola e para a TVE os convenceu a regressar, às seis da madrugada, perante a arrelia de jornalistas e o desânimo da Federação de Boxe que reunira, em peso, no local.

O pior viria depois tarde de mais se reparara que o pneu sobresselente tinha ficado na garagem e, como nessas circunstâncias sempre acontece, o «furo» não tardou muitos quilómetros. Foi à saída de Estremoz, em plena madrugada na campina sofrendora, que não tinha nada a ver com aquilo. Nada a fazer. Apenas aguardar o raio do sol e o despertar das gentes, principalmente do empregado da garagem, habilitado a reparar a avaria.

Era uma noite linda. Limpida e serena. Nem fria, Silenciosa. Só a manhã trouxe a geada, o frio e a humidade. Mas, entretanto, já os vermelhos encandeciam os topos dos montes a nascente e o sol vinha aí, com todo o esplendor. Tons de azul e claridades aspergiam a planície, em crescendo, até ao paroxismo feérico das nove horas de luz plena e temperatura reconfortante. Tempo de dizer adeus e varar a planície de lés a lés, tocando de raspão a vida árdua que se vive por ali como nos campos do meu país.

Tarde, Lisboa abriu as portas. Derrotado cheguei, sem dúvida nenhuma, sem reportagem, sem fôlego para explicar o porquê e com as tarefas diárias à espera, como sempre. Mas, ainda em tempo de saber que Frazier fora ao tapete, repetidamente, com todo o dinheiro branco a que se vendera. E na certeza de que esta minha derrota, aos pontos, mais me encorajaria a não perder o próximo combate. A 24 quilómetros de Lisboa, junto (se não mesmo em) à Espanha, que está atenta ao que se passa no mundo. Ainda que isso seja um combate de boxe, entre as doze cordas inapeláveis, na América do «chique» e dos dolares. Até para saber como é o evitar repeti-lo.

Claro que para contar, na hora própria e neste local.

E SE O SPORTING GANHA O JOGO?

E se o Sporting ganha o jogo?

A gente pega no calendário e todos os olhos vão direitinhos para a mesma linha: Sporting contra Benfica, esta tarde no Jamor. Uma super-potência de futebol bem jogado contra a sombra do grande campeão de outras épocas. Catorze pontos de fronteira: menos 26 golos marcados, mais 11 sofridos. Um mundo de distância, para além da simples expressividade dessa frieza numérica que afugenta de sobre o «leão» a auréola de qualquer favoritismo. E, todavia, a revolta do humilde pode acontecer.

Costuma rotular-se de incógnita todo e qualquer prognóstico em torno dos embates em que estão opostas as duas forças clubistas de maior popularidade por estas bandas: desta feita, porém, há por aí algum valente que arrisque dez centavos novos num trunfo verde?

A verdade, a cruel verdade é que os pupilos de Allen vão entrar em campo vergados ao peso de uma temporada

por NEVES DE SOUSA

tremendamente fosca. Sem brilho, sem fulgor. Uma fase de vida em que até o melhor componente do «plantel» (esse extraordinário e tranquinas Vítor Manuel Damas de Oliveira) anda com os nervos à flor da pele, os dedos tão ágeis como a palavra...

Para além disso, a teimosia de Ronnie em manter no «team» elementos a quem só ele dá confiança, desfalece o potencial do emblema de Alvalade, já de si bastante abalado pela forçada ausência de um Laranjeira a cem por cento, de um Laranjeira recuado uns meses no tempo e colocado a par do instante em que José Augusto lhe entregou altas tarefas. Hoje, sem o mais válido dos seus «stoppers», o Sporting tem de oferecer a chave do último reduto ao gasto José Carlos e ao intranquilo Alinho, apenas se esperando que o primeiro possa fazer das fraquezas uma força e que o colega não se deixe afundar no mar-magnum de 120 mil olhos.

Ainda na defesa, o técnico sportinguista joga em Manaca e em Carlos Pereira: perdido o favoritismo de Pedro Gomes e afastado (providencialmente, por mor de lesão...) o útilíssimo e sabedor Hilário, a hipótese Bastos não mais veio ao de cima desde o temporal da Luz, exactamente em jogo paralelo, na outra volta do campeonato. Allen é quem manda: e os outros que nele mandam não devem intrometer-se na escalção



do inglês. Daí que seja sua (e apenas) a responsabilidade do bom ou do mau que dos seus juízos salte para a história. Mas que poucos afinam pela sua cabeça, isso é mesmo incontro-

verso. Senão, veja-se o que tem feito de bom este desconjuntado conjunto sportinguista em que Tomé não mais teve a alegria do golo corrido, em que Yazalde (já sem Peres a dar-lhe torto a bola...) não chuta com precisão, em que Chico e Dinis (fazendo sempre óptimos treinos pela selecção) se afundam irremediavelmente quando colocados debaixo das ordens gritantes do pouco fleumático britânico do Lumiar.

Por isto (e numa síntese) há que reconhecer não possuir o Sporting estatura técnica ou táctica para afugentar o Benfica do poleiro da invencibilidade. Mas, cá vem o tal cruel dilema: e se o Sporting ganha o jogo?

Exacto: a bola é redonda, são onze de cada lado e (fora

o árbitro) a decisão tem de ser dada pela esferinha, pelos pés ou pela cabeça que a empurrar ou repelir e, em derradeira análise, pelos punhos do guarda-redes, pelos seus voos, pelo seu poder de encaixe, pela sua atenção e sangue frio.

Já o Benfica, de marcha impávida e fabulosamente atapetada de ouro, vai entrar no Vale do Jamor com uma força anímica que não é brincadeira nenhuma. De carteira recheada e de títulos aos montes, cada um dos seus servidores é um «craque» na indimentada latitudes do termo e, como tal, obrigado a superar-se sempre mais e mais, sujeito tantas vezes a esforços desmedidos, tem a seu favor a atenuante costumeira: o «esfarrapar» do adversário diminuído ante o Golias todo poderoso e soberano. Assim, o fiel da balança fica oscilante...

serenamente (porém), sem qualquer facciosismo ou tendência, há que reconhecer que o super-mercado da Luz está abastecido para combater e calcar todas as lojinhas de bairro que ousem perturbar a sua lei, o seu preço, a sua ditadura. Desde José Henrique (agora e por tudo o titular absoluto das redes nacionais) até esse portentoso Simões de dois palmos de sangue e fibra, que vive a passagem para os 30 anos com a força e o brilho de um jovem guerreiro com sede de medalhas. Um «onze» de 22, tantas as maquiavélicas combinações que pode fazer graças ao sacrifício (ou ao melhor aproveitamento) de esta ou aquela milionária unidade. E (o que é curioso) o Benfica não adormece à custa do pecúlio amealhado: cada vez mais atira a sua rede ao peixe grosso, desprezando o carapau de gato e a sardinha petinga para os comparsas que aos domingos encontra por esse continente fora.

Uma defesa simplesmente impecável, com quatro generais que sabem do ofício: Malta da Silva, Humberto Coelho, Rui Rodrigues e Adolfo, tal como poderiam lá estar Artur ou Messias. Um trio intermédio com Vítor Martins, Toni e Simões que se permite ao luxo de abdicar de Matine e Sheu, esquecendo até que ainda é vivo Jaime Graça. Uma frente de ataque entregue a Néné, Eusébio e Vítor Baptista, com Artur Jorge e Jordão no banquinho da Maratona, com Nélinho e Mória e ver em que param as modas, já com Moinhos a espreitar o furo para o grande salto. Uma esquadra diabólica que não está com conversas na hora de atirar para as malhas: com o marechal Eusébio de dedo no gatilho.

Mas a incógnita cá fica: e se o Sporting ganhar? Não seria motivo para censura ao Benfica, nem tão pouco para os «leões» embandeirarem em arco e começarem logo a comparar o Nelson ao Toni e o Fraguito ao Simões. Mas (e isso seria lindo) era o campeonato a renascer como a Fénix, este insípido e inodoro torneio maior a tingir-se de outra cor que não apenas o berrante vermelho.



OCAÑA:

Uma bicada no "Tour"

Por: Orlando Dias Agudo

«Val ser difícil, mas nada neste mundo é impossível de conseguir: este ano, com Joaquim Agostinho a meu lado, vou tentar dar uma bicada no «Tour». Vou tentar destronar Merckx, o campeãoíssimo que um dia terá de ceder».

É a confissão (mais do que um desejo) de um homem simples, de sorriso triste, que veio de Lisboa buscar o companheiro ideal para o ataque declarando à fama e ao prestígio de um «monstro sagrado» que a Bélgica deu ao mundo do ciclismo. Na nossa frente, está Luís Ocaña: o tal que promete dar uma bicada no «Tour».

«Contar a história da minha vida, é tarefa fácil e difícil porque tenho de lembrar bons e maus momentos, recuar no tempo e no espaço, tornar a falar de coisas agradáveis e desagradáveis. Toda a minha história começou no dia 9 de Junho de 1945, numa vilazinha chamada Priego, na provincia de Cuenca. Durante seis anos foi essa vila o teatro da minha primeira infância: os primeiros anos de uma vida que não sonhava com bicicletas nem com êxitos, nem sabia nada deste mundo. Depois, mudei de cenário: acompanhei meus pais que foram viver para os Pirineus Espanhóis. Foi,

portanto, num clima duro e em ambiente acidentado que comecei a entender o mundo tal como é realmente: com as primeiras letras, aprendi também a saber viver e a espreitar uma boa oportunidade para vingar na vida. Mas, estava escrito que a minha adolescência não seria atravessada em território espanhol: com uma dúzia de anos, atravessei a fronteira e instalei-me em França, onde realmente completei o pouco que ainda sabia da vida. Fiz-me homem e, enquanto crescia, deixava de ver o tom cor de rosa com que julgava tudo pintado. O mundo da bicicleta começou a fascinar-me: e, aos poucos, fui-me apaixonando por essa modalidade que entusiasma as multidões e torna os campeões diferentes dos outros homens. No meu íntimo, um só desejo: torna-me campeão, sim, mas continuar igual a todos os meus colegas. Foi para isso que trabalhei sem cessar».

(Luís Ocaña está na minha frente, e fala comigo com os olhos pregados no chão polido. A história da sua vida, passada como um rosário que se reza, é uma soma em que as parcelas são de dor e sacrifício: mas onde moram, também, a vontade e o querer. Orgulhoso do emblema que ostenta no casaco de corte moderno, ele confessa a satisfação que teve, em poder ter vindo a Lisboa).

«E esta a primeira vez que venho à vossa capital. Ainda não vi nada, praticamente: mas a primeira impressão é de que se trata de uma cidade bastante bonita, com muitos pontos de interesse. Já andei por aí a dar

umas pequenas voltas: e até já fiz algumas compras. Uns serviços para a mulher, uns brinquedos para os miúdos...»

UM «PALMARÉS» INTERESSANTE

«Sou ainda muito novo, de modo que não posso ter ainda um grande «palmarés». No entanto, tenho já boas recordações da «Volta à Espanha» (que ganhei) como não poderei nunca esquecer os triunfos que obtive no Midi-Libre, na prova Dauphine-Libère, no Prémio das Nações, em Barraque, Luganno, Lausanne, na «Semana Catalã», como na «Volta aos Países Baixos»: sucessos que me animam a continuar e compensam os momentos fracos que todo o desportista tem de atravessar».

«Luís Ocaña: para muitos, um símbolo de desportista. Para outros, um mito que está querendo suceder ao ídolo chamado Merckx. Para mim, um homem simples que aceita o diálogo em termos de igualdade».

«A par das muitas alegrias que já vivi, alguns momentos de tristeza tingiram de negro uma carreira que desejava cor de rosa: nunca poderei esquecer as tremendas derrotas que sublinharam as participações nas «Voltas à França» dos anos 69 e 71. E, caso curioso: recordo muito mais essas tardes de choro e desespero do que os dias destejados no «podium», de braços em saudação. E que, para mim, as derrotas têm sempre um lado positivo, já que ficamos a aprender como não se deve proceder, se sonhamos com o triunfo e a glória».

«Para além dos dias em que confirmei as vitórias mencionadas, aqueles que me deram alegrias maiores foram os que testemunharam os meus êxitos no Campeonato de Espanha: nunca poderei esquecer as lágrimas de alegria que dei no dia em que ganhei o primeiro título de campeão de Espanha. Foi no meu primeiro ano como profissional: e meu pai estava às portas da morte (viria a falecer dois meses depois). Eu queria dedicar-lhe algo de importante, mostrar-lhe que tinha valor suficiente para ter escolhido bem a profissão de ciclista. Nesse dia, senti alegria e tristeza ao mesmo tempo: alegria, porque tinha finalmente alcançado o almejado título; tristeza, porque estava quase a perder a companhia e os conselhos daquele que foi o maior amigo que jamais tive. Alguns anos depois, (em 1972), repeti o triunfo e lembrei a tristeza do primeiro triunfo. Como repeti as lágrimas misturadas de alegria e saudade, correndo face abaixo...»

(Luís Ocaña continua a falar com os olhos pregados no chão: a recordação dos melhores e piores momentos da sua vida está a esperança de novos sucessos).

«Este ano, vou tentar dar uma bicada no «Tour»: já que a minha participação nas duas últimas edições ficaram marcadas pela infelicidade, este ano vou tentar mudar o rumo dos acontecimentos. Tenho um bom companheiro chamado Joaquim Agostinho. Se, como adversários, sempre nos demos bem, agora como colegas de equipa



Agostinho e Ocaña: o trabalho vem aí.

o entendimento vai ser feito. Estou particularmente interessado em desfazer a má impressão que deixei em 1971 e o ano passado, nessa tão famosa como dura prova que se chama «Volta à França»: em 1971, quando começava a acreditar na vitória que se esboçava na tabela classificativa, caí e tive de abandonar. O ano passado, foi aquela terrível doença que me deixou no meio do caminho. Este ano tudo irá ser diferente. Vou dar uma bicada no «Tour».

O GOSTO DE TER AGOSTINHO

«Repito: é com imensa satisfação que vejo Joaquim Agostinho na minha equipa. Considero o seu valor e sei até que ponto nos poderemos ajudar mutuamente. Conforme já foi largamente noticiado, o nosso técnico não destacou nenhum de nós para chefe de fila: assim, seremos dois a tentar o golpe, a dar a tal bicada. Aquele que

tiver a primeira oportunidade, tenta: e o outro não lhe poderá levar a mal. E, além disso, os adversários terão de ter cuidado com dois e não apenas com um. Acho que vamos fazer boa figura. A bicada pode até vir a fazer sangue nas esperanças dos mais esperançados».

(Luís Ocaña e o seu «espinho» chamado Merckx: faltava falar dele. Desabotoando o casaco, mostrando a camisola laranja, à espera que o Sol a debote, até ficar amarela, Ocaña não esconde os seus sentimentos).



Trabalhos de renovação da via

LINHA DO OESTE

Por motivo dos trabalhos complementares de Renovação da Via, na Linha do Oeste, a que se vai proceder, entre Torres Vedras e Ramalhal, a partir do dia 23 de Janeiro, de 1973, serão suprimidas, nos dias úteis (de segunda-feira a sábado), as seguintes automotoras:

AUTOMOTORA N.º 4025 (que parte de Lisboa-Rossio às 13-45 h) Entre Lisboa (Rossio) e Ramalhal.
O transporte dos srs. passageiros e das bagagens faz-se: entre Lisboa (Rossio) e Cacém pelo comboio n.º 4645, que parte daquela estação às 13-15 horas; entre Cacém e Torres Vedras, por automotora; e entre Torres Vedras e Ramalhal por autocarros;

AUTOMOTORA N.º 4122 (que chega ao Cacém às 17-35 h) Entre Ramalhal e Torres Vedras.
O transporte dos srs. passageiros e bagagens entre estas estações é feito por autocarros.

Pedimos desculpa dos inconvenientes que estas supressões possam causar e esforçamo-nos por reduzir o período em que o teremos de fazer.

PARA O PERÍODO DE 28 DE JANEIRO A 3 DE FEVEREIRO

horóscopo

pelo
astrologo
HORUS



ARIES

(De 21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Está sob aspectos venturosos. Caminhará mais seguramente ao encontro dos seus desejos se se limitar a dedicar-se às coisas de valor permanente. A família secundará melhor qualquer resolução tomada em referência à vida sentimental. Melhoria na vida doméstica.

DINHEIRO: A sua posição quanto a finanças encontra-se favorecida, todavia, os astros indicam que tudo o que pretender alcançar terá de ser à sua custa e de muito esforço e paciência. Possibilidades de despesas extraordinárias.

PROFISSÃO: A vida profissional atravessa boas perspectivas de grande desenvolvimento e actividade. Aparecerão bons ensaios de ganhos muito interessantes. As artes estão, igualmente, bem protegidas.

SAÚDE: Ausência de preocupações no que se refere ao seu estado de saúde. Período de excelente disposição e boas condições físicas.



CANCER

(de 22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: A vida amorosa, conjugal e familiar decorrerá durante este período na maior harmonia e felicidade, merecendo agradáveis acontecimentos e da boa vontade que demonstrará.

DINHEIRO: Não consinta que os deveres sociais sobrecarreguem as suas energias ou as suas responsabilidades financeiras. A altura é contrária a empreendimentos ou aplicação de dinheiro.

PROFISSÃO: Não vacile, se pensa alterar a posição, o momento é oportuno e indicado. Verá interesse por parte dos seus superiores. Muito poderá fazer este mês, porque as actuais influências astrais tornam-nos mais confiantes e empenhados.

SAÚDE: Pequenos aborrecimentos e indisposições sem importância. Eis como se apresenta o período.



LIBRA

(De 23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Os seus interesses amorosos encaminham-se para uma melhor amizade e para uma útil colaboração no trabalho. Oportunidade excelente para contrair uniões, matrimónios e amizades sinceras.

DINHEIRO: Os ganhos e as possibilidades durante esta semana serão normais. Evite a prodigalidade e tenha muito mais cuidado se resolver especular ou empregar o seu dinheiro.

PROFISSÃO: Embora esteja a caminho de um bom e acentuado progresso é conveniente usar de tacto e ponderação. Não se precipite, querendo fazer tudo ao mesmo tempo.

SAÚDE: Um aspecto adverso poderá afectar o seu sistema nervoso, fazendo sentir um certo descontentamento em relação ao seu progresso. Mas não se acuborne, e aproveite os bons aspectos apontados para fazer tudo o que pretende.



CAPRICORNIUS

(De 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Não se prenda com os seus amigos, conte principalmente consigo, em todos os assuntos importantes que tenha referência com a família. Neste momento está apto a resolver os seus problemas com segurança e harmonia.

DINHEIRO: O prognóstico financeiro para esta semana apresenta-se mais abundante. Novas actividades e bons patrocínios. Contudo, os astros recomendam serenidade nos gastos.

PROFISSÃO: As influências astrais deste período concedem uma boa actividade profissional, estimulando o seu talento. A ocasião é ainda indicada para o recebimento de propostas para assumir novas responsabilidades.

SAÚDE: Não confie demasiado na sua saúde. De ouvidos aos conselhos das pessoas experientes e não se arrependa.

GERENTE

Grande organização precisa para a sua filial em Lisboa pessoa idónea com experiência técnico-comercial no sector industrial ou de construção civil.

OFERECE-SE:

- Boas condições de emprego.
- Interesses nos resultados.
- Apoio por uma equipa dinâmica no sector de aquecimento e ventilação.

Favor responder com «curriculum», indicando ordenado pretendido e entidades abonatórias, em carta à Delegação deste jornal no Porto, Rua do Almada, 30, 2.º, ao n.º 300.

GRANDIOSOS SALDOS

CARPETES desde 345\$00, todas as larguras até 3x4 m — TAPETES, PASSADEIRAS, até 1 m de largura. TERYLENES, com larguras de 1,50 m a 3 m, desde 10\$00 — CRETONES, CHINTZ, CETINETAS, suíços e ingleses, RETALHOS para sanefas e ALMOFADAS, desde 5\$00. VELUDOS, ALGODÃO, ACRÍLICOS ADAMASCADOS, desde 60\$00. REPS, GORGORÕES, SEDAS, tudo a preços incríveis

RAUL NETO, LDA.

PRAÇA DA FIGUEIRA, 18, 2.º (c/ elevador)
(esquina da Rua da Prata)

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91



TAURUS

(De 21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: No círculo amoroso a felicidade conseguida permanecerá por largo tempo. A vida doméstica decorre em perfeita harmonia e franco entendimento.

DINHEIRO: Os lucros e ganhos provenientes de especulações comerciais estão sob bons aspectos, incluindo protecções financeiras.

PROFISSÃO: Excelente para tomar decisões sobre a sua vida profissional. Tenha confiança nas suas possibilidades e aptidões, pois isto ajudará-vos à medida a progredir na profissão que exercer.

SAÚDE: É aconselhável uma certa moderação nos esforços, e alimentação condigna aos seus esforços físicos.



LEO

(De 23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: Tenha o máximo cuidado em todos os assuntos relacionados com o amor. Se procurar a felicidade na aventura, esta trará-lhe grandes arrependimentos.

DINHEIRO: É preciso adiar as decisões importantes. Em tudo que refira a dinheiro e negócios será preciso perseverança e confiança nos próprios esforços. Lance as bases do seu triunfo no futuro em terreno firme.

PROFISSÃO: Nas suas ocupações quotidianas passa por um período de certas dificuldades. Procure cumprir com as suas obrigações, mantenha uma certa reserva e deixe correr o tempo.

SAÚDE: Esteja alerta contra possíveis acidentes. Não de maneira imprudente.



SCORPIUS

(De 23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: É necessário haver o máximo cuidado a fim de evitar a possibilidade de desinteligências com os seus familiares e amigos. Domine a sua impulsividade.

DINHEIRO: Antes de tratar e concluir definitivamente qualquer empreendimento de carácter financeiro pondere-o bem ou aconselhe-se com pessoas entendidas e mais experientes no assunto. O seu sucesso e a sua felicidade dependerão da sua aptidão para dominar-se em situações difíceis.

PROFISSÃO: Reprima a impulsividade na actividade profissional que desenvolver esta semana. A sua argúcia e o seu senso prático serão postos à prova numa circunstância inesperada surgida no domínio da sua vida profissional.

SAÚDE: Neurastenia; má disposição geral são as alterações que pode sentir no seu estado de saúde.



AQUARIUS

(De 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Este período comporta aborrecimentos causados por divergências na vida familiar ou amorosa. Use de prudência e calma em todos os seus actos e resigna-se, pois a influência de Vénus, durante esta semana, é-lhe contrária.

DINHEIRO: Depende muito da sua capacidade de evitar os contratempos e as restrições, notando naquilo a que se refere a negócios. Equilibre habilmente o seu orçamento e não se meta em aventuras arriscadas.

PROFISSÃO: Período desfavorável para assumir responsabilidades importantes ou fazer qualquer género de alterações no seu sistema de trabalho. No entanto, o período apresenta-se favorecido para iniciar estudos e consolidar ideias com vista a realizações futuras.

SAÚDE: Propensão para sentir dores nas pernas, especialmente ao levantar. Resgare o peito.



VIRGO

(De 23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: As relações familiares e as amizades não estarão muito favorecidas. Durante este espaço de tempo andará com o ânimo mal humorado, sem saber a razão de tal estado.

DINHEIRO: Este será um período enervador, que poderá trazer a recompensa de serviços há muito prestados. A semana é de grande interesse; conserve-se, portanto, ao corrente de tudo o que diga respeito aos seus negócios e emprego de capital.

PROFISSÃO: Favorece a boa reputação; eis uma altura propícia para esclarecer mal-entendidos. Os novos empreendimentos têm bom acolhimento. Durante este período as suas ambições terão o apoio de uma grande vitalidade. Acrescente a isso coragem e força de vontade, e verá como está assegurado o seu sucesso.

SAÚDE: Não se observa anormalidades quanto à saúde, no entanto, procure descansar e distrair-se dentro do possível para se conservar em boa forma.



SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Os seus objectivos são alcançados merecendo das boas influências de Vénus, que se encontram em aspecto favorável, o que permitirá bons resultados em tudo quanto diga respeito à sua vida doméstica e às amizades.

DINHEIRO: Os seus projectos de ordem material são favorecidos. Terá, entretanto, de atentar nas suas possibilidades financeiras, antes de levar a cabo um negócio ou uma transacção importante, porquanto os astros não favorecem as suas intenções em tal aspecto.

PROFISSÃO: Dê o melhor apoio possível àqueles que o necessitem. A força das circunstâncias dar-lhe-á ensejo de novas responsabilidades.

SAÚDE: Sofrerá um certo langor físico e intelectual no princípio da semana; mas os últimos dias devolver-lhe-ão toda a sua energia e actividade.



PISCIS

(De 20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Este aspecto da sua vida está muito favorecido. Propício à melhoria dos problemas familiares e sentimentais. Favorável para efectuar passeios.

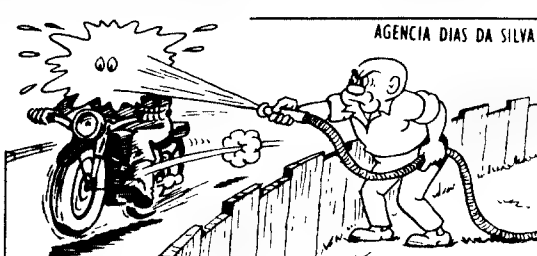
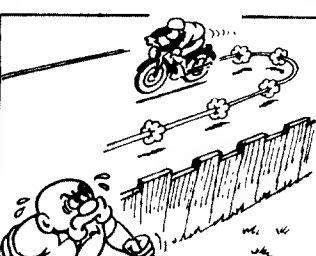
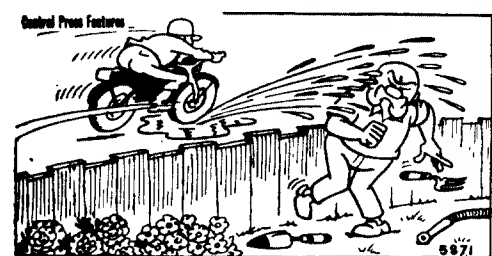
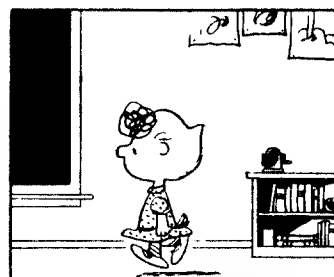
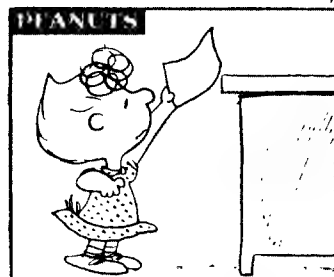
DINHEIRO: Favorece as realizações e empreendimentos. Melhoras no campo financeiro. Entretanto, maiores despesas surgirão. O presente aspecto indica que, em questões financeiras poderão surgir acontecimentos inesperados.

PROFISSÃO: Os assuntos de ordem profissional decorrem razoavelmente. Pode conseguir boas realizações, dado que os astros favorecem as suas pretensões de modo a conseguir melhorar a sua situação no emprego ou nos negócios.

SAÚDE: O abatimento que possa sentir durante esta semana, será derivado em grande parte a abusos físicos.



Azul marinho a cor que o alfaiate romano Brioni acha mais adequada para a moda masculina da Primavera que tarda é o tom dominante na fatiada que o manequim expõe ao fotógrafo. Lá ao fundo o Arco de Tito lembra coisas bastante diferentes... (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

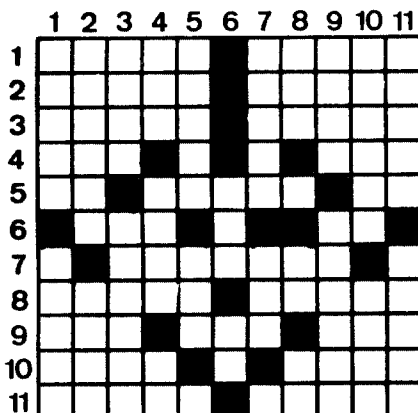


Palavras Cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 10324

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade de França Estacionam
- 2 Mulher hipócrita Dispõe em camadas
- 3 As duas. Cidade de Portugal
- 4 Curso de água natural e abundante Artigo definido. Artigo
- 5 Alteza Real. Cidade da Romênia. Tempo do verbo ir.
- 6 Espécie de palmeira Cálculo (s.q.)
- 7 Tornara onduloso.
- 8 Abala. Poeta flutuante
- 9 Preposição Da mios Fileira.
- 10 Cidade da Argélia. Prender com as gavinhas
- 11 Rio de França e da Alemanha Carvão incandescente



VERTICAIS:

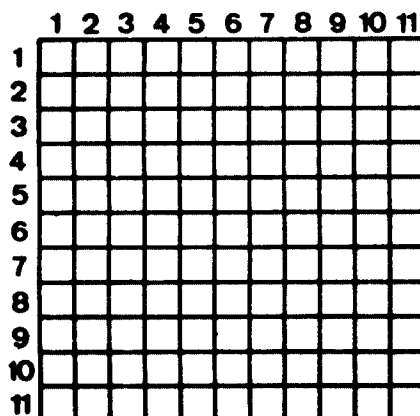
- 1 Formar as abas a Papadas
- 2 Examina Pancada (gir)
- 3 Região caudal Sujar
- 4 Prende Divindade latina identificada com a divindade grega Hera, esposa de Jupiter deusa dos fenômenos celestes e do casamento Sufixo que designa estado.
- 5 Grande árvore da Nubia espécie de mimosa. Médico dinamamarquês que recebeu o Prêmio Nobel da Medicina
- 6 Ecoe. Satélite de Jupiter
- 7 Fêmeas do pato Nome de mulher
- 8 Ferro temperado Estrépio de desmoronamento. Erbio (s.q.)
- 9 Ramada Nome de peixe.
- 10 Desejaria Pronome pessoal
- 11 Nome de mulher Poisa no mar (o avião)

Resolva completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 6480

HORIZONTAIS:

- 1 Conc. do distrito do Huambo (Angola) Cidade da Palestina
- 2 Despacha Ornamentos
- 3 Rema para trás Simples
- 4 Associação ou confraria cristã na Índia Ri. sem ruído Tempo do verbo ir
- 5 Chuvisco (Bras.) Teor
- 6 Freguesia do concelho de Coimbra Ronha (dos cavalos)
- 7 Cólera Tosta
- 8 Letra grega Prefixo que designa ar. Pronome pessoal
- 9 Glóbulos Rio de França
- 10 Desterrais Cidade da Inglaterra
- 11 Unes por casamento Nome de fruto



VERTICAIS:

- 1 Catarata
- 2 Que fica longe ou ao lado da estrada Enguia Barro (s.q.)
- 3 Camareira Grande Fluido aeriforme
- 4 Nota musical Pequeno simio do Brasil Caixão funerário
- 5 Mamífero afim da foca e próprio das regiões polares. Suspiros
- 6 Produto Sadios
- 7 Unlasses
- 8 Prende com elos Rio da Suíça. Berilo (s.q.)
- 9 Pelos de certos animais O mesmo que três. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho
- 10 Tempo do verbo ser Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica Imperador Romano de 19 a 81 cognominado as Delicias do Género Humano
- 11 Lodo Garra.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10323

HORIZONTAIS:

- 1 Vagas. Amais.
- 2 Iros Ora!
- 3 Verso. Aroma
- 4 Dacotas
- 5 Casa. Elas
- 6 Do. Ou
- 7 Alai. Avis
- 8 Amarres
- 9 Upião Anoto
- 10 Er. Clás
- 11 Meras. Pears

VERTICAIS:

- 1 VIVA QUEM
- 2 Are. Coa. Pre
- 3 Gorda. Lai.
- 4 Assas. Amara
- 5 Ocasão
- 6 Alegria
- 7 Moral. VENCE
- 8 Arosa. Isola
- 9 Iam. Sós. Tar.
- 10 Iam. Sós. Tar.
- 11 Siar. Rosa

Proverbo: VIVA QUEM VENCE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6479

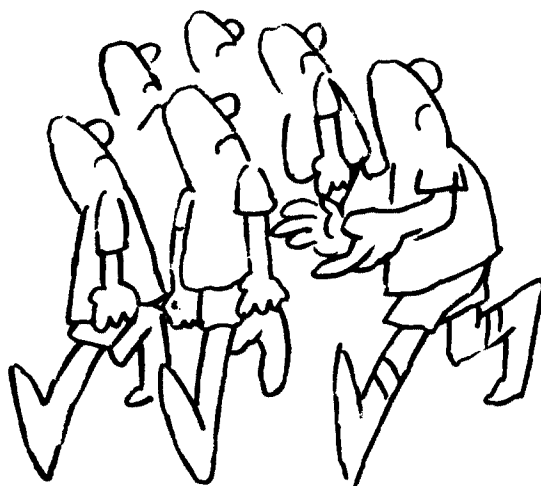
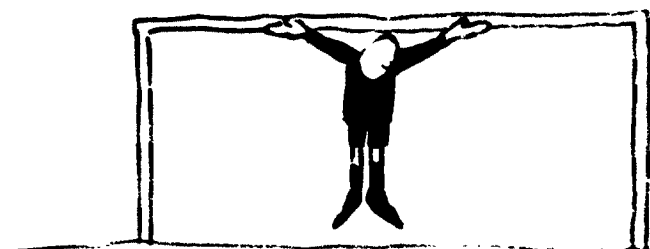
HORIZONTAIS:

- 1 Sarar. Amela.
- 2 Ar. Corgo. Ag
- 3 Iam. Rei. Asi
- 4 Dias. Arca
- 5 Assai. Arcam
- 6 Aviso.
- 7 Cruz. Saga
- 8 Oia. Faz. Uri
- 9 La. Cl. Ad. Er.
- 10 Anula. Resta
- 11 Molas. Armas

VERTICAIS:

- 1 Saída. Riano.
- 2 Arais. Riano
- 3 Mas. Ua. UI
- 4 AC. Saaz. Clá
- 5 Ror. IV. Fias
- 6 Res. Ida
- 7 Agi. As. Zara
- 8 Mo. Aros. Der
- 9 Arc. Au. Sm
- 10 Lasca. Greta
- 11 Agiam. Atras

TOPIN



TOPIN

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
SEDE - Calçada do Duque, 20 LISBOA

ADMINISTRAÇÃO

Relação de 205 obrigações da Antiga Companhia do Caminho de Ferro de Guimarães, 4 1/2 %, - 1905. 2.ª Emissão, retiradas da circulação para efeito da amortização do ano de 1972.

N. ^{os}	6 026	=	1	Transporte		107
6 038 a	6 060	=	23	N. ^{os}	9 369	= 1
6 278		=	1	9 385 a	9 389	= 5
6 523 a	6 525	=	3	9 601 a	9 605	= 5
6 597		=	1	9 770 a	9 773	= 4
6 666 a	6 668	=	3	9 829		= 1
6 723 a	6 732	=	10	9 906		= 1
6 745		=	1	9 909 a	9 910	= 2
7 004 a	7 007	=	4	9 926		= 1
7 110 a	7 111	=	2	10 068		= 1
7 333		=	1	10 121 a	10 140	= 20
7 393 a	7 394	=	2	10 325		= 1
7 408 a	7 410	=	3	10 352		= 1
7 533		=	1	10 363 a	10 367	= 5
7 791 a	7 796	=	6	10 570 a	10 589	= 20
7 805 a	7 809	=	5	10 727 a	10 733	= 7
7 812 a	7 814	=	3	11 045		= 1
7 822		=	1	11 055		= 1
7 826		=	1	11 057		= 1
7 896		=	1	11 162 a	11 166	= 5
7 898 a	7 902	=	5	11 242		= 1
8 375 a	8 382	=	8	11 248 a	11 249	= 2
8 477		=	1	11 267		= 1
8 549 a	8 558	=	10	11 320 a	11 321	= 2
8 581		=	1	11 383 a	11 385	= 3
9 342 a	9 347	=	6	11 390		= 1
9 352		=	1	11 392		= 1
9 354 a	9 355	=	2	11 421 a	11 424	= 4
A transportar			107	TOTAL		205

Todas estas obrigações estão devidamente anuladas e deixaram de representar encargo da Companhia.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

**adormeça
em Lisboa
e acorde
em Madrid...**

no Lusitânia-Expresso



poupe gastos de hotel, viajando de noite

**o meio mais económico
de centro a centro das cidades**

**máxima economia: carruagens-beliches
máximo conforto: carruagens-camas climatizadas**

de verão, leve consigo o seu carro

ligações para toda a Espanha

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

televisão

HOJE

1.º Programa (22.10)

Domingo á noite

Com cenografia de Moniz Pereira e realização de Vítor Manuel

2.º Programa (22.00)

Antologia

«Yvette»

Baseado na novela de Guy de Maupassant adaptada por Armad Lanoux e realizada por Jean-Pierre Marchand.

MADEIRA SIEMENS

O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e missa de domingo
13.10 Eurovisão Esqui: transmissão de Kitzbuehel
14.15 Robin dos Bosques
14.40 Hoje pode ver
14.55 TV educativa
15.20 TV infantil
16.00 Eurovisão Transmissão directa de Vincennes do Grande Prémio da América de hipismo
16.30 Tarde de cinema «Do Céu Desceu Um Anjo»
18.05 TV rural
18.30 Domingo desportivo
18.40 Semi breve
19.30 Telegiornal — 2.ª edição
19.45 Adeus 15 anos
20.00 TV 7
21.00 Agente secreto à força
21.30 Telegiornal — 3.ª edição
22.00 Concurso Tele-Sorte
22.10 Domingo à noite
23.45 Domingo Desportivo
24.00 Telegiornal — 4.ª edição
00.30 Fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e regresso de Lucy
21.00 Dó Lá, Si
21.30 Telegiornal — 3.ª edição
22.00 Antologia
23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Uma rapariga endiabrada
13.45 Telegiornal — 1.ª edição
14.00 Vivendo o futuro
14.25 Logo à noite
2.º Período
14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa Língua Portuguesa
19.30 Telegiornal — 2.ª edição
19.45 Tempos Livres - Escola Agrícola de Paia
20.00 Momento Desportivo
20.30 Portugal além da Europa
21.00 Desenhos animados
21.30 Telegiornal — 3.ª edição
22.00 McCloud
23.00 TV mundo Fábrica de sonhos
24.00 Telegiornal 4.ª edição
00.05 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vivendo o futuro
21.00 Uma rapariga endiabrada
21.30 Telegiornal — 3.ª edição
22.00 Museu do cinema Madame Dubarry
23.30 Fecho

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado; o vento era fraco ou moderado predominando de Noroeste e havia nevoeiro ou neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	8º
PENHAS DOUR.	7º
COIMBRA	10º
PORTALEGRE	6º
LISBOA	6º
FARO	9º
FUNCHAL	16º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Anadia

Máxima 18º

Penhas Douradas

Mínima 1,4º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13º

Atmosfera 10º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
.45 2,9 m	4.57 1,8 m
	7.28 1,8 m

Dia 29

0.2 3,0 m	6.4 1,7 m
3.00 2,9 m	8.36 1,7 m

Dia 30

.26 3,2 m	7.6 1,6 m
4.00 3,1 m	9.3 1,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado; vento fraco; condições favoráveis à formação de nevoeiro ou neblina.

urgência

Emergência		115	Judiciária		53 5380
Bombeiros		32 2222	Intoxicações		76 1176
C.V.P.		56 5342	Aeroporto		71 1397
H. de S. José		86 0131	C.R.G.E.		53 7021
H. de S. Maria		73 0231	C. Aguas		36 1361
P.S.P.		36 6141	Comboios		32 6222

AMANHÃ

NAScer AS 08.47
OCASO AS 18.54



Dia 3 | Dia 10 | Dia 17 | Dia 25

rádio

EMISSIONA 1. PROGRAMA

14.30 Tarde desportiva rádio desporto — futebol, relatos e informações dos jogos da 20.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão — actualidade desportiva
17.30 Música sem palavras
18.05 Girândola
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Pequena história do teatro musical em Portugal
22.00 Teatro das comédias: «Ondina» original de Carlos Wallenstein
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toros
23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia
00.00 Junção (entra o MF 1 de Lx.)
00.30 Diário sonoro
00.45 De um dia para o outro (cont.)
02.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º programa
14.30 Onda musical
17.00 Perspectivas da obra de Debussy
18.00 Concerto de domingo — intercâmbio musical — Festival de Salzburgo — no intervalo. Suite Italiana para violoncelo e piano (Stravinsky)
19.15 Depois de uma leitura de Dante (Liszt) piano: John Ogdon

19.34 «Hary Janos» Suite para Orq.ª (Kodaly) Orq.ª Sinf. de Londres, dir. Istvan Kertesz
20.00 Diário sonoro
20.20 A Orquestra de Câmara de Essen dir. Heinz Dressl
20.30 As grandes figuras do mundo português pelo dr. Caldeira Pais
21.00 Recital de canto por Luis Brunner, colaboração da pianista Regina Cascais
21.22 Concerto n.º 3 em sol M. (Vivaldi) Orq.ª «Il Musici»
21.30 Que quer ouvir? programa coordenado por Margarida Brandão
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa Estereofónico - MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Oratória «A Criação» (Haydn)
23.50 Concerto n.º 2 para piano e orq.ª (Bartók)
00.20 Quarteto n.º 8 em mi menor op. 59 n.º 2 (Beethoven) Quarteto Amadeus
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE - Onda Média

14.55 Tarde desportiva
18.00 Música pelo caminho
18.45 Os Ritos da tarde
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.15 Comentador desportivo
20.30 De sete em sete dias
20.45 A estrela da noite
21.30 Impacto
22.30 Quando o telefone toca

23.05 Mensagens bíblicas
23.20 Canções ao acaso
23.30 P.B.X.
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Taísmã

Modulação de Frequência

16.05 Pêndulo
18.00 O nosso programa
19.05 Vértice
21.00 Boa noite em FM
22.00 Programa à go-go
24.00 Em Órbita-dos
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Emissor de Miramar

14.55 Tarde desportiva
17.02 Auto-rádio
17.45 Presença combrã — Norte dia a dia desportiva
20.00 Divagando — Genérico
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do templo
22.30 Variedades
23.04 Clube de Juventude
RÁDIO RENASCENÇA
14.45 Onda desportiva
17.30 Música ao volante
18.00 Automobilismo
18.30 Terço e missa
20.05 Zona verde espaço ocupado pela família
20.30 Canções de albus
21.05 Meditando
21.08 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.00 A 23.ª hora

Farmacêutica e Serviço

LISBOA

- TURNO E-1**
— Até às 22 horas —
- ALFAMA**
Nacional R. São João da Praga, 26 (Tel. 863632)
- ALTO DE S. JOÃO**
Carrondo Rua Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef. 842518)
- ALVALADE**
Carlaço Av. da Igreja, 21-C (Tele. 776358)
Nova Lisboa R. Guilherme Suggia, 12 (Tele. 727721)
- AREIRO**
João XXI Av. João XXI 16-A (Tele. 726462)
- ARROIOS**
Nunes Rua Angela Pinto, 32 (Tele. 497556)
- BAIXA**
Barral R. Augusta, 225 (Tele. 361534-5)
- BELEM**
Ramisio Rua dos Jerónimos, 14-C (Tele. 631699)
- BENFICA**
Lisboa Rua Cláudio Nunes, 73-A (Telef. 703393)
- BOA HORA**
Sepol Calçada da Boa Hora, 94-A (Tel. 681958)
- CAMPOLIDE**
Pátria Calçada dos Mestres 30-A (à Rua das Amoreiras) (Tel. 680627)
- CAMPO DE OURIQUE**
CastroFonseca Rua 4 de Infantaria, 28-A (Tele. 688857)
- CARNIDE**
Leal de Matos Rua Neves Costa, 33 (Tele. 780181)
- ESTEFANIA**
Estefânia Rua Pascoal de Melo 90 (Tele. 44438)
- GRAÇA**
Santo António Rua Leite de Vasconcelos, 72-C (Tele. 862333)
- LAPA**
Carrasco R. Presidente Arraia, 39 (Tele. 667460)
- LUMIAR**
São Tomé Estrada do Desvio, Lote 12-C (Tele. 780704)
- MADRAGA**
Nunes Simões Rua do Queilhas, 1 (Tele. 661275)
- OLIVAIS**
Nova Rua E, 1, Lote 469, Olivais Sul (Tele. 316402)
- PENHA DE FRANÇA**
Carrondo R. Padre Sena de Freitas, 10-A (Telef. 842518)
- PICHELEIRA**
Luzmar Rua JoãoNascimento Costa, 16-A (Tels. 72835-720703)
- RATO**
Janeiro Avenida PedroAlvares Cabral, 100 (Tele. 661453)
- REGO**
Universitaria Rua Alfredo Gameiro 29-D (Tele. 778953)
- SÃO SEBASTIÃO DA PEDREIRA**
Novais Av. Luis bivar (Tele. 44324)
- TURNO E-2**
— Toda a noite —
- AJUDA**
Teles Rua João de Barros, 2 (Tel. 638249)
- ALCANTARA**
Nogueira Rua da Creche, 2 (tele. 631635)
- ALTO DE S. JOÃO**
Oriente Rua Lopes, 120 (Tele. 843381)
- ARCO DO CEGO**
Palma Av. Duque de Avila, 25-31 (Tele. 47088)
- ALVALADE**
Brisalva Av. Rio de Janeiro, 66-A (Tele. 722358)
Aviz Av. de Roma 56-B (Tele. 715370)
- AREIRO**
Galeno Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Tele. 774920)
- ARROIOS**
Matos Rua Alvaro Coutinho, 10 (Tel. 821671)

AVENIDA DA LIBERDADE

- Nacional Rua do Salitre, 7 (Tele. 46858)
- AVENIDAS NOVAS**
Avenidas Av. da República, 27-A (Tele. 533688)
- BAIRRO ALTO**
Viritas Rua da Misericórdia, 135 (Tele. 324554-327563-4)
- BAIRRO DA ENCARNACÃO**
Ascenso Praça Norte, 11-A (Tele. 311216)
- BENFICA**
Sousa Estrada de Benfica, 429 (Tele. 780627)
- CAMPOLIDE**
Gomes Rua Rodrigo da Fonseca, 101-A (Tele. 682333)
- CAMPO DE OURIQUE**
Ourique Rua Freitas Gazul 32-B (Tel. 671667)
- GRAÇA**
Rosas e Viegas Rua de S. Vicente, 31 (Tel. 864351)
- LUMIAR**
Alameda Alameda das Linhas de Torres, 201-B (Tele. 780942)
- SANTA CATARINA**
Modelar Largo dr. Antonio de Sousa Macedo, 7-A (Tele. 678896)
- S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA**
Aguilar Av. Columbano Bordalo Pinheiro 98-A (Tels. 768343-764629)
- XABREGAS**
Salter Rua de Zabregas 63-65 (Tele. 381189)

LINHA DE CASCAIS

- ALGÉS**
Miramar R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 212048)
- CAXIAS**
Nova Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
- PAÇO DE ARCOS**
Trindade Brás R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)
- OEIRAS**
Alcântara Guerreiro L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485)
- PARADE**
Macao R. J. Elias Garcia, 60-C (Tel. 2471785)
- S. JOÃO DO ESTORIL**
S. João Tel. 261186)
- MONTE ESTORIL**
Costa Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085)
- CASCAIS**
Misericórdia R. do Regimento 19, 41 (Tel. 280141, Cascais R. Conde Monte Real B.º Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

- AMADORA**
Amadora P. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518); Carmele R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303); Helena R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613); S. Jorge R. Pedro del Negro, 5-Reboreira (Tel. 938703)
- DAMAIA**
Lemos, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)
- QUELUZ**
Queluz Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841); André Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043)
- CACÉM**
Central R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
- MEM MARTINS**
Quilma Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
- S. PEDRO DE SINTRA**
Valentim (Tel. 980456)
- SINTRA**
Marrazes, L. Rainha D. Amélia, 20 (Tel. 980155)
- COLARES**
Abreja (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

- ALCOCHETE**
Nunes L. Eoronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
- ALHOS VEDROS**
Portugal Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)
- ALMADA**
Cristo Rei- Av. do Cristo Rei, 31-A (Tel. 273498)
- BAIXA DA BANHEIRA**
Nova Fátima Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)
- BARREIRO**
Pimenta R. Cons Joaquim António de Aguiar, 259 (Tel. 2273012)
- COVA DA PIEDADE**
Morgado R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Tel. 274356)
- MOITA**
União Moitense Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
- MONTIJO**
Moderna R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 220156)
- SESIMBRA**
Lopes R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)
- SETÚBAL**
Normal do Sul P. do Bocage (Tel. 22216)
- SEIXAL**
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

- 4.º TURNO**
- SUB-TURNO A**
Boavista (da), Rua da Boavista, 601. Cosme, Rua Costa Cabral, 584. S. Diniz, Rua S. Diniz, 428. Soeiro, Rua Santos Pousada, 71. Vitalia, Praça da Liberdade, 34-37
- SUB-TURNO B**
Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100. Antero de Quental, Rua Antero de Quental, 520. Antunes, Rua do Bonjardim, 485. Cardona dos Santos, Rua D. Manuel II, 90. Herculanio, Rua Alex. Herculanio, 384

COIMBRA

- TURNO F**
Dias Ferreira, Rua do Brasil, 70 (Tel. 26046); Santa Cruz, Rua das Padeiras, 94 (Tel. 23569); Higiene, Rua Fernandes Tomaz, 41 (Tel. 22634)

LEIA motor



BARS BOITES

- FANTASMA-Dancing Caveau** com variedades, Maria Helena, Odete Maria, Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h às 21h e das 22.30h às 05.00h.
- TAMILA** — Marão e s/conjunto «Matinees» todos os dias Encerra aos domingos. Avenida Duque de Loulé 69. Telef. 534117.
- LUSO** — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Ermina e Jose Luis Tomar, fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria Travesa da Queimada, 10 Telef. 362889. Aberto todos os dias.
- HIPOPÓTAMO** — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384.
- SANZAO** — Dancing. Duo Ouro Negro e Conjunto Blackground. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Avenida Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177
- EL CIDE** — Dancing com o conjunto «X-4» Rua Bernardo L. 18-A (Ao conde Redondo) Te 560538 Com variedades.
- NINA** — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 34859/365167
- CASEBRE** — Rua da Barroca, 133. Telef. 369760. Encerrado aos domingos. Cantam: Carlos Barra, Deolinda Rodrigues e Nazaré. A 1.00h. convidado especial em tempo-show. Folclore pelos cinco típicos de Vila Franca de Xira. Tomcam Carvalhinho e Júlio Gomes
- FRAGATA REAL** — Maria Valejo. Maria João Nelo e Joaquim Campos em Fado Lisboa. João Queiroz em Fado de Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552
- SAN-PAYO** — Bar-boite c/música constante. Aberto até às 5h da madrugada Rua Rodrigues Sampaio, 34 Telef. 561422. (Ar condicionado).

- CACO** — Dancing c/música ambiente com singular quarteto Rua Camilo Castelo Branco, 23-A
- FORCADO** — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telef. 368579.
- SOLAR DA HERMÍNIA** — Hermínia Silva, hqe e sempre Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11 Encerra aos domingos Telef. 320164.
- CASINO ESTORIL** — Jogo autorizado. Variedades internacionais. Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946.
- FONTORIA** — Dancing. Música constante. Variedades internacionais. Praça da Alegria, 66 Telef. 35431.
- PRINCEIRO NEGRO** — Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Telef. 368987.

Cinemas

- MONUMENTAL** (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo D (18 anos)
Panavision — Um filme de Richard Fleischer com George C. Scott CENTURIÕES DO SÉCULO XX
- SATÉLITE** (Tel. 562632)
15.00-17.00-19.00-21.45
(Grupo D-18 anos) 3.ª Semana
A obra prima de Jean Renoir baseada no romance de Emile Zola «A FERA HUMANA» com Jean Gabin e Simone Simon
- IMPERIO** (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
Grupo D (18 anos)
Por amor a César por amor a David — Entre dois amores — Rosalie
CESAR ET ROSALIE, com Yves Montand e Romy Schneider 3.ª Semana (Metrol: Alameda)
- ESTÚDIO** (Tel. 555134/5)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo C - 14 anos
Um filme de André Delvaux «ENCONTRO EM BRAY» (Rendez-vous à Bray) com Anna Karina, Mathieu Carrière
- ALVALADE** (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo C - 14 anos)
Joseph Cotten e Anne Baxter num filme de Arzon Wells «O 4.º MANDAMENTO»
- CONDES** (Tel. 322523/326710)
4 sessões às 14.15 - 16.30 18.45 e 21.45 Grupo D (18 anos) 3.ª semana
Robert Mitchum provoca «A COLERA DE DEUS»
Um filme fora de série
- EDEN** (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
«CHEGA-LHE, AMIGO» com Bud Spencer e Jack Palance Technicolor-scope
- BERNA** (Tel. 7776098)
15.15 - 18.15 e 21.45
Eastmancolor
(Grupo D - 18 anos)
Duas horas de grande cinema «PERSEGUIÇÃO» Um filme de René Clément
- IMPERIAL** (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«ENTRE O AMOR E A MORTE» Em complemento «MISSÃO NA CHINA VERMELHA» (Metropolitano: P. Chile)
- TIVOLI** (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) colorido
Nem tudo na estatua estava certo «A ESTATUA» com David Niven e Virna Lisi
- CASINO** (Tel. 26462/264948)
15.30 - 18.30 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
«OS COW-BOYS»
- AVIZ** (Tel. 47163)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
53.ª Semana «Record» de exibição em Portugal «TRINITA COW-BOY INSOLENT» com Terence Hill e Bud Spencer. Color - Scope
- ROMA** (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
«A GUERRA ENTRE HOMENS E MULHERES» Barbara Harris e Jack Lemmon
- MUNDIAL** (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Últimas exibições Um hino à compreensão e ao amor «SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES» Com Goldie Hawn e Ellen Heckart.
- APOLLO** (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
6.ª Semana - Technicolor
(Grupo D - 18 anos) - Genial «O GRANDE CONQUISTADOR» Com Wood Allen
- LONDRES** (Tel. 731313)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 10.ª Semana
A estreia do ano «Liza Minnelli «CABARET» (A Deus Berlim). Snak-Bar-Pub The Flag O melhor encontro gastronómico
- POLITEAMA** (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos - grande êxito de James Garner e Lou Gossett (O JOGO DO AMOR) Novo conto do vigário.
- ODEON** (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo D (18 anos) 8.ª semana
Alfredo Landa, Silva Koscina e Ira Fustenberg em «NÃO DESEJARAS A MULHER DO DELICADINHO» Um escândalo em graça brejeira
- VOX** (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 e 21.45
Colorido - (Grupo C - 14 anos)
Onde os seus pesadelos acabam «Willard» A mansão do terror começa
- LYS** (Tel. 48560)
14.45-18.30-21.00
(Grupo C - 14 anos)
«AS DUAS RAINHAS» e em complemento «O MONSTRO DO BALÃO» (Metropolitano: Intendente)
- EUROPA** (Tel. 661016)
(Grupo D - 18 anos)
15.15 e 21.30
Warnecolor - Votent Price «MASCARAS DE CERA»
Tardes infantis
Hoje às 15.15 (Grupo A - 6 anos) Um filme cómico e burlesco de grande categoria «O LIMPA-CHAMINÉS» Complementos culturais e desenhos animados.
- ROYAL** (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo B - 10 anos)
«OS DOIS MAGOS DA BOLA» em complemento «SOB O FOGO DA METRALHA»
- S. JORGE** (Tel. 54153/4)
15.15 - 18.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Um filme fantástico em 2.ª Semana «MALPERTUIS» com Orson Welles, Susan Hampshire e Mathieu Carrière
- ESTÚDIO 444** (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana
Uma adolescente os ganhos a imaginação o amor! «DESEJO DE AMAR» Isabelle Adjani e Mauriel Catala

EXCURSÕES CP

- Sugerem-lhe MADRID**
cidade cheia de atractivos no Outono
- Durante dois dias de viagem «sistémica» (de cama ou «couchette») ou comboio «TER» (ar condicionado, como panorâmico)
 - Hotel incluído em Madrid: transferências, assistência etc.
- PREÇOS DESDE 820\$00**
Informações e folhetos descritivos
- ESTÁDIO DE LISBOA ROSSIO
ESTÁDIO DE SANTA APOLÔNIA
RUA DO ARSENAL 124-1 LISBOA
- Organização tel. 36 75 29
- CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

Outros espetáculos

- LISBOA/Teatros**
- VASCO SANTANA**
21.45 (18 anos)
«Lar»
- MARIA VITÓRIA**
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»
- MARIA MATOS**
21.45 (14 anos)
«Missa Leiga»
- GIL VICENTE**
22.00 (Adultos)
«As criadas»
- COLISEU**
21.30 (10 anos)
«Grande Circo de Madrid»
- CASA DA COMÉDIA**
(14 anos) «Alice nos jardins de Luxemburgo»
- CAPITÓLIO**
20.45 e 23.00 (18 anos)
Sexo, nunca! Somos britânicos»
- VARIEDADES**
20.45 e 23.00
«Sua Excelência o Pendura»
- ABC**
20.45 e 23.00 (18 anos)
«O fim da macacada»
- LINHA DE CASCAIS**
- ALGES Stadium**
21.30 (18 anos)
«A Gaivota»
- PARADE Royal-cine**
21.15 (10 anos)
«Tarzan e a companheira»
- ESTORIL Casino**
15.30 - 18.30 e 21.30 (14 anos)
«Os Cow-boys»
- ESTORIL Palácio**
21.30 (18 anos)
«Os comediantes»
- CASCAIS S. José**
21.30 (14 anos)
«A Tomada do poder por Luis XIV»
- LINHA DE SINTRA**
- DAMAIA D. João V**
21.30 (18 anos)
«Aguenta-te canalha»
- AMADORA Recreios Desportivos**
21.15 (14 anos)
«O Sheaff destemido»
- QUELUZ Queluz Cinema**
21.15 (10 anos)
«Oito feras à solta» e «Pedra de toque»
- MEM MARTINS Cine Chaby**
21.30 (18 anos)
«Encontro com uma mulher só»
- SINTRA Carlos Manuel**
21.30 (14 anos)
«As brancas montanhas da morte»
- OUTRA BANDA**
- COVA DA PIEDADE União Artística**
21.45 (18 anos)
«A mulher e o desejo»
- ALMADA Inícrível**
21.15 (14 anos)
«Matar fugir ou morrer»
- Academia**
(21.15 (18 anos)
«O pecado»
- PORTO/Teatros**
- SÁ DA BANDEIRA**
21.45 (14 anos)
«A Cama dos Comuns»
- PORTO/Cinemas**
- OLYMPIA**
21.30
«Para quem não pode haver piedade»
- BATALHA**
21.30 (14 anos)
«O Juiz Roy Bean»
- PASSOS MANUEL**
21.30 (18 anos)
«A estratégia da aranha»
- ESTÚDIO**
21.30 (18 anos)
«X, Y e Z»
- TRINDADE**
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»
- COLISEU**
21.30 (18 anos)
«Não desejarás a mulher do delicadinho»
- AGUIA D'OURO**
21.30 (10 anos)
«Sartana no Vale dos Abutres»
- JULIO DINIZ**
21.30 (18 anos)
«Inimigo sem rosto»
- RIVOLI**
21.30 (18 anos)
«Cabaret»
- S. JOÃO**
21.30 (14 anos)
«Os indomáveis»
- VALE FORMOSO**
21.30 (18 anos)
«O quarto do lado»
- COIMBRA**
- TIVOLI**
21.30 (18 anos)
«Mocidade sem freio»
- GIL VICENTE**
21.30 (14 anos)
«Um violino no telhado»
- AVENIDA**
21.45 (10 anos)
«Os 3 Mosqueteiros»

DL/GERAL

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185-192, 4.º
TELÉF. 654531/234
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

"ESTADOS UNIDOS NA EUROPA"

Entre os interrogados — cidadãos de países do Mercado Comum — somente uma pequena percentagem foi a favor de que esse governo europeu substituisse completamente os governos nacionais. O que todos defenderam, foi a ideia de um governo europeu, desejando que esse governo se dedique apenas a assuntos de maior importância, deixando os governos nacionais libertos apenas para atenderem às necessidades de desenvolvimento de cada estado.

No mesmo inquérito, apurou-se que os cidadãos de hoje acham o Mercado Comum e as instituições da Comunidade Europeia excessivamente burocráticos. Segundo os entrevistados.

Embora esta gente tenha defendido uma ideia larga e evoluída, mostrou-se todavia — menos aberta no que respeita a questões mais individuais. Por exemplo, fizeram amplas reticências à possibilidade de fazerem sacrifícios pessoais para bem da unidade e cooperação europeias.

Metade dos entrevistados manifestou-se contra a ideia de uma equipa europeia para disputar os jogos olímpicos, o que mostra bem que a «Europa unida sim, chauvinismo à parte».

Quanto a assuntos sociais, a ordem de preferência de toda a gente interrogada foi para melhores pensões de reforma. A questão «supressão do capitalismo» ficou em 14.º lugar. A «luta ao comunismo» ficou apenas um ponto acima. «Aumentar os salários», «fazer uma sociedade mais humana» e «acabar com a bomba atómica» foram as questões prioritárias.

A seu tempo o Parlamento britânico manifestou-se contra a «perda de soberania» que o cidadão comum e a Europa de hoje deseja. Talvez que daqui a uns anos «nacionalidade» sirva só para provocar competições nos jogos olímpicos.

JOAQUIM LETRIA

D. JÚLIA MAGALHÃES PESSOA DE SÁ FRAGOSO

Faleceu na passada segunda-feira D. Júlia de Magalhães Pessoa de Sá Fragoso, de 83 anos de idade, natural de Pocariça, viúva de Ernesto de Sá Fragoso, e filha do comendador José Maria Pessoa da Fonseca e D. Maria Júlia Moreira de Magalhães Pessoa.

Durante grande parte da vida, consagrou o melhor da sua actividade à Assistência Nacional aos Tuberculosos.

Fra mãe das sras. D. Maria Manuel de Magalhães Pessoa Fragoso Garmel, D. Júlia Luísa Pessoa e Fragoso Magalhães Carneiro e D. Maria Henriqueta de Magalhães Pessoa Fragoso; e ainda do embaixador José Manuel Fragoso, e do director do nosso prezado colega «Diário de Notícias», Fernando Fragoso.

O funeral realizou-se na passada terça-feira para o cemitério do Alto de S. João.

Amanhã, segunda-feira, às 19 e 15, será rezada missa do 7.º dia, na Basílica da Estrela.

A família enlutada apresenta-mos sentidas condolências.



Participantes de 30 países estão em Helsínquia, na conferência inter-parlamentar de cooperação e segurança europeias, que abriu na capital da Finlândia. O presidente Urho Kekkonen (ao centro) pronuncia o discurso de abertura.

O CHILE ESTÁ A TRAVAR A "BATALHA DO COBRE"

PARIS, 28 — (F. P.) — Uma ilustração do grave problema do endividamento dos países do «Terceiro-mundo» para com as nações ricas e das dificuldades que se deparam às experiências de tipo socialista perante o «Muro do Dinheiro» da comunidade ocidental, tais são os principais ensinamentos da nova negociação que o Chile acaba de iniciar, na capital francesa, com os representantes dos seus catorze países credores do mundo capitalista, que compõem o «Clube de Paris» (Estados Unidos, França, Alemanha, Itália, Grã-Bretanha, Canadá, Espanha, Noruega, Suécia, Dinamarca, Suíça, Japão, Bélgica e Holanda).

Essa negociação é complicada ainda pela «Batalha do Cobre», travada por esse país

desde a nacionalização (Julho de 1971) das sociedades americanas que exploravam as minas de cobre chilenas, na altura em que o Governo de Washington era o primeiro credor do Chile, no montante de cerca de metade da sua dívida externa, calculada em perto de 3500 milhões de dólares pelos peritos internacionais.

O caso chileno é «exemplar» no mundo em vias de desenvolvimento, cujo endividamento geral evolui de modo inquietante, como muitas vezes frisou Robert McNamara, presidente do Banco Mundial. Segundo os números desse banco, citados por um perito francês, Jean François Deniau, na última reunião do Cad (Comité de Ajuda ao desenvolvimento da OCDE), o total da dívida

externa de 80 países do «Terceiro Mundo», que atingia 75 mil milhões de dólares, em fins de 1971, é hoje quase quatro vezes superior ao nível de 1961 (21600 milhões). E o serviço dessa dívida (reembolsos e juros), ou seja, setemilhões de dólares em 1971, aumenta sem cessar, de tal modo que, em 1977, será igual as ajudas de que esses países beneficiam, o que se tornará absurdo.

No Chile, o presidente Salvador Allende herdou essa enorme dívida externa (mais de 3

bilhões de dólares) quando subiu ao poder em 3 de Novembro de 1970, para tentar uma experiência socialista.

Os créditos de ajuda pública a esse país foram, então sensivelmente diminuídos, enquanto que os investimentos privados, provenientes do estrangeiro, cessavam quase por completo e o valor das exportações de cobre, que fornecem ao Chile 80 por cento das divisas estrangeiras, baixava em função dos preços mundiais dessa matéria prima.

MERCADO DE EMPREGO: Mais pedidos que oferta

O Serviço Nacional de Emprego registou, em Dezembro passado, um total de 4998 pedidos de colocação e 3099 ofertas. Foram feitas 1690 colocações.

No mesmo mês, registaram-se, no mercado de emprego, as mais evidentes divergências entre a procura e a oferta, o que decorre acarreterá alguns problemas ao Serviço. Acontece que havia 12 195 empregados de escritório que procuravam emprego, enquanto que nos quadros em que se registam as ofertas essa profissão nem sequer figurava.

Mas, mesmo nos sectores onde, normalmente, a oferta excede a procura, no último mês do ano passado acontecia exactamente o contrário. Tomando como exemplo os trabalhadores indiferenciados, sem qualificação especial, portanto, verificavam-se 3606 pedidos de emprego para 2701 pedidos. Havia 3102 pedidos de serralheiros mecânicos para 1394 ofertas. Trabalhadores especializados em serviços eram, naquela altura, 3175 a pedir colocação, quando o mercado de oferta só oferecia perspectivas a 479.

No quadro de colocações são fornecidos os seguintes números: 124 empregados de escritório; 86 alfaiates; 135 serralheiros mecânicos; 81 electricistas; 77 carpinteiros; 148 pedreiros; 622 trabalhadores indiferenciados; 89 trabalhadores especializados e 328 de outras profissões.

Os distritos onde se verificou maior número de pedidos de emprego foram os de Lisboa e Porto com, respectivamente, 12 473 pedidos, dos quais foram satisfeitos 1357, e 5168 dos quais foram satisfeitos 2128. No distrito de Vila Real houve 310 pedidos de empregos dos quais foram satisfeitos 267.

Num capítulo destinado a «algumas noções», afirma-se no mesmo boletim do SNE.

«É habitual distinguir-se o desemprego generalizado (ou cíclico) do friccional. O primeiro corresponde a uma situação de depressão e económica; o segundo verifica-se mesmo em períodos de prosperidade e resulta de alterações económicas, que se repercutem na mão-de-obra, e da própria rotação desta.»

POVO UNIDO ABRE O CAMINHO DO SEU PROGRESSO

MORTAGUA, 29 — Graças ao esforço e espírito decisivo das suas populações, as aldeias de Espinho, Tezoi, Meligioso, Cerdeira, Cerdeirinha, Sula e Vale de Ovelha, deste concelho, estão agora ligadas, por caminhos, à estrada nacional Mealhada-Viseu. Com efeito, a falta de comunicações, que tem constituído um dos maiores travões ao desenvolvimento daquelas terras, levou os seus habitantes a unirem-se para abertura dos novos caminhos. Foi deste modo que, no verão passado, aquelas gentes, com a colaboração da Organização dos Campanheiros Construtores e de jovens portugueses e estrangeiros, meteram mãos à obra, desbravando montes e vales. E conseguiram assim embora em precárias condições livrar-se do isolamento a que estavam votados.

A quando da sua recente visita a este concelho, o ministro das Obras Públicas prometeu melhoramentos para algumas das localidades mais isoladas. Contudo, várias aldeias não foram abrangidas pelas obras anunciadas, pelo que as populações decidiram resolver por si próprias os seus problemas mais prementes. Assim, os trabalhos de abertura de novos caminhos vão prosseguir no próximo Verão, em trabalho conjunto, que mobilizará grande parte da população válida das terras abrangidas pelo empreendimento.



Durante os trabalhos de abertura de caminhos em algumas localidades de conselho de Mortágua.

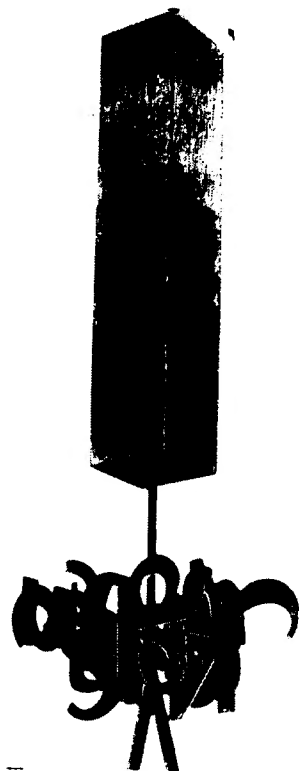
PRÊMIOS DE CAMPANHA

Como prometemos no domingo passado, publicamos hoje novo suplemento onde se reproduzem os Prêmios de Campanha, visto só termos tido possibilidades, há oito dias, de tornar públicos os diversos prêmios de anúncios atribuídos pelo júri.

Ficam assim reproduzidos — como nos compete — todos os trabalhos premiados. Exemplos de extrema validade do «design» publicitário, situam-se na vanguarda de muitos outros que, ao longo de todo um ano, representam trabalho e análise, talento e inteligência. Afinal, algumas das qualidades que caracterizam os publicitários: artistas que consagram a sua actividade a um campo de acção ainda há poucas temporadas considerada «menor» e hoje, nas mais variadas latitudes, já admirada e entendida dentro do seu verdadeiro nível: como imprescindível no tempo que vivemos.

Grande Prémio de Publicidade

Diário de Lisboa



Para o ano precisará de mais braços direitos

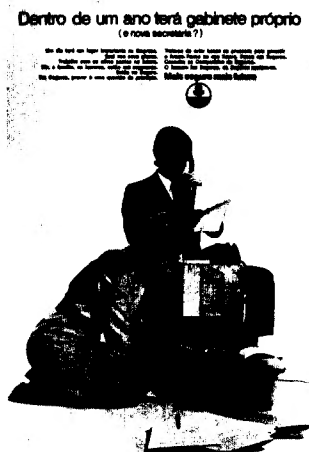
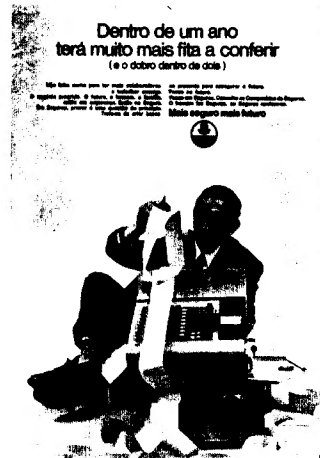
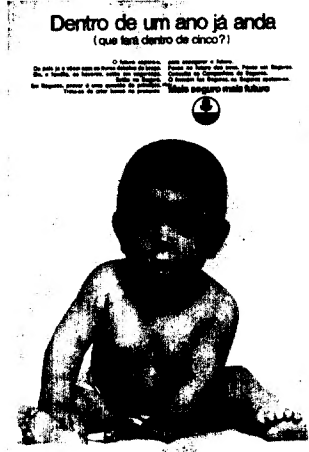
A Empresa cresce.
Com os seus colaboradores, forma uma organização em permanente desenvolvimento.
O futuro, a empresa, e os colaboradores estão em segurança.
Estão no Seguro.
Em Seguros, prever é uma questão de princípio.

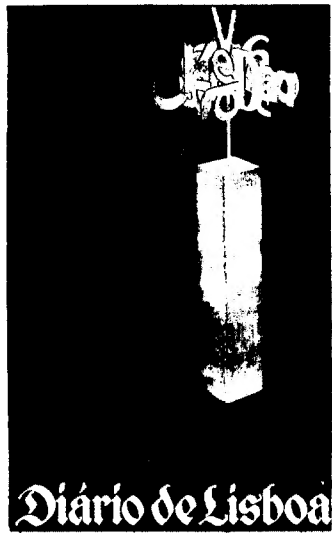
Trata-se de criar bases no presente para assegurar o futuro.
Pense no futuro da sua Empresa. Pense em Seguros.
Consulte as Companhias de Seguros.
O homem faz Seguros, os Seguros apoiam-no.

Mais seguro mais futuro



Prémio especial do «anúncio da campanha» é esta magnífica série que apresentamos e tem a assinatura da LATINA. Texto sóbrio, traço expressivo, impecável conjunto: mensagem publicitária perfeita, de grande impacto junto do público leitor a que se destina. Sem melhor definição: exactamente um extraordinário meio de penetração.





Diário de Lisboa

ANÚNCIOS DE MENÇÕES HONRO

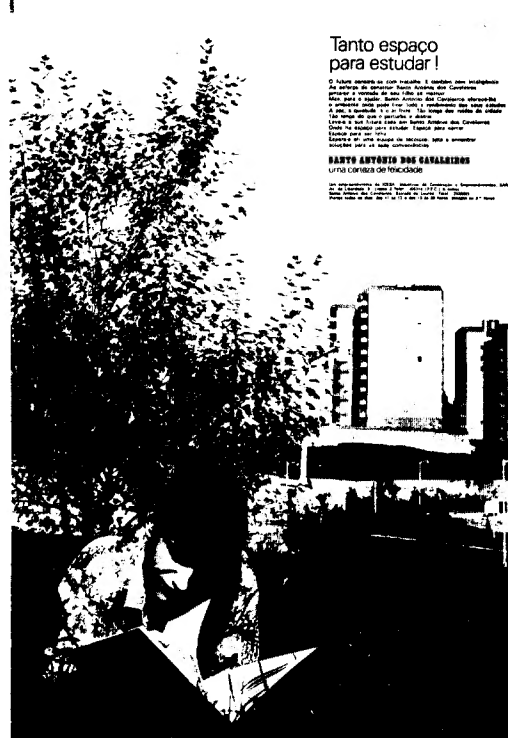


Tanto espaço para viver!

Não há fábricas. Não há eléctricos. Não há o trepidar obscuro dos comboios. Em Santo António dos Cavaleiros não há nada do que obriga os homens a fugir das cidades. Imagine o que é viver longe da multidão. Longe dos ruídos. Mas apenas a dois passos de Lisboa!
Em Santo António dos Cavaleiros tudo foi estudado para lhe oferecer um viver tranquilo. Grandes espaços verdes. Andares como se fossem miradas. Casas que são de facto lares. Conheça Santo António dos Cavaleiros, onde já existe uma porta para ser aberta por si. Espera-o ali uma equipa de técnicos, apta a encontrar soluções para as suas conveniências.

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALHEIROS
uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA - Indústrias de Construção e Empreendimentos, S.A.R.L.
Av. da Liberdade 9 - Lisboa 2 - Telef. 326312 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros - Estrada de Loures - Telef. 253085
Visitas: todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2^{as} feiras.



Tanto espaço para estudar!

O futuro começa no seu estudo. E estudar, para todos, é uma das maiores necessidades da vida. Em Santo António dos Cavaleiros, a educação é uma preocupação constante. Há espaços para estudar, há bibliotecas, há salas de estudo. Há tudo o que precisa para que o seu futuro seja um sucesso. Conheça Santo António dos Cavaleiros, onde a educação é uma certeza de felicidade.

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALHEIROS
uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA - Indústrias de Construção e Empreendimentos, S.A.R.L.
Av. da Liberdade 9 - Lisboa 2 - Telef. 326312 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros - Estrada de Loures - Telef. 253085
Visitas: todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2^{as} feiras.



Tanto espaço para crescer!

As crianças precisam de espaço para serem verdadeiramente crianças. Do espaço verde de Santo António dos Cavaleiros. De uma atmosfera tranquila de uma zona residencial que cresce fora da cidade, mas apenas a dois passos de Lisboa. Em Santo António dos Cavaleiros pode oferecer a seus filhos uma casa que é um verdadeiro lar. Pense no que isso significa para si. Para eles. Em Santo António dos Cavaleiros os seus filhos encontram o espaço que os tornará adultos. Conheça Santo António dos Cavaleiros. Espera-o ali uma equipa de técnicos, apta a encontrar soluções para as suas conveniências.

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALHEIROS
uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA - Indústrias de Construção e Empreendimentos, S.A.R.L.
Av. da Liberdade 9 - Lisboa 2 - Telef. 326312 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros - Estrada de Loures - Telef. 253085
Visitas: todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2^{as} feiras.



Tanto espaço para sonhar!

O sonho começa no seu estudo. E estudar, para todos, é uma das maiores necessidades da vida. Em Santo António dos Cavaleiros, a educação é uma preocupação constante. Há espaços para estudar, há bibliotecas, há salas de estudo. Há tudo o que precisa para que o seu futuro seja um sucesso. Conheça Santo António dos Cavaleiros, onde a educação é uma certeza de felicidade.

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALHEIROS
uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA - Indústrias de Construção e Empreendimentos, S.A.R.L.
Av. da Liberdade 9 - Lisboa 2 - Telef. 326312 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros - Estrada de Loures - Telef. 253085
Visitas: todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2^{as} feiras.

Uma das menções honrosas atribuídas pelo júri do Grande Prémio de Publicidade «Diário de Lisboa», coube à campanha **Tanto espaço para...**, concebida pela **Latina, Agência de Publicidade Limitada**.



Tanto espaço para crescer!

As crianças precisam de espaço para serem verdadeiramente crianças. Do espaço verde de Santo António dos Cavaleiros. De uma atmosfera tranquila de uma zona residencial que cresce fora da cidade, mas apenas a dois passos de Lisboa. Em Santo António dos Cavaleiros pode oferecer a seus filhos uma casa que é um verdadeiro lar. Pense no que isso significa para si. Para eles. Em Santo António dos Cavaleiros os seus filhos encontram o espaço que os tornará adultos. Conheça Santo António dos Cavaleiros. Espera-o ali uma equipa de técnicos, apta a encontrar soluções para as suas conveniências.

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALHEIROS
uma certeza de felicidade

Um empreendimento da ICESA - Indústrias de Construção e Empreendimentos, S.A.R.L.
Av. da Liberdade 9 - Lisboa 2 - Telef. 326312 (P.P.C.) 6 linhas
Santo António dos Cavaleiros - Estrada de Loures - Telef. 253085
Visitas: todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2^{as} feiras.



Tal evolução manifesta-se nitidamente no trabalho de criação de campanhas, o que justificou a atribuição de uma Menção Especial, já que o Regulamento não tem previsto nenhuma distinção nesse particular, mas que o júri recomenda estabelecer futuramente.



diese DÁ FORMA A UMA POLÍTICA
DE PREVENÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE
especialistas e pioneiros em alimentação racional - av. da república - 46 Lisboa



diese dá forma a uma política de prevenção e promoção da saúde

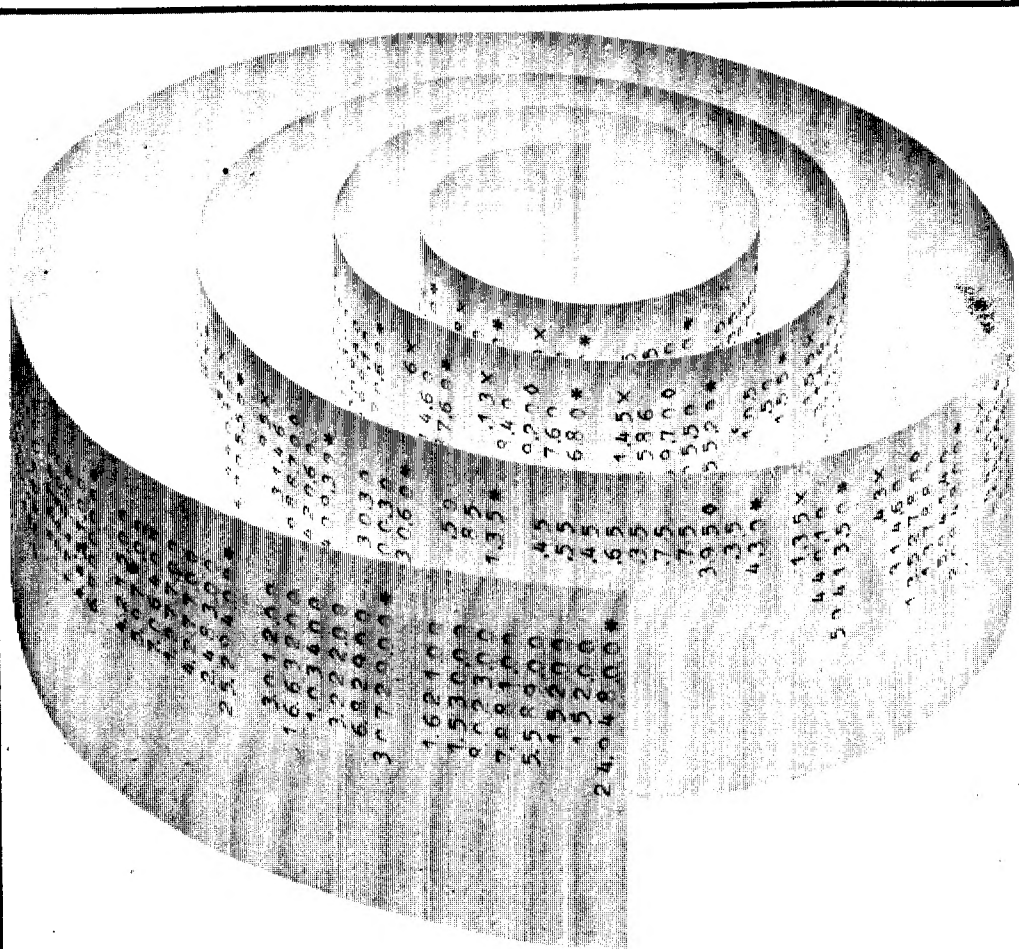


diese dá forma a uma política de prevenção
e promoção da saúde

UMA INICIATIVA A CONTINUAR

A iniciativa Grande Prémio de Publicidade «Diário de Lisboa», mantida pelo nosso jornal, constitui uma tentativa de valorizar o esforço que vem sendo empreendido pelas várias agências de publicidade no sentido de trazer ao leitor, em imagens esteticamente amadurecidas, a mensagem divulgadora da produção e distribuição relativas aos mais diversos sectores. Certos de contribuirmos, deste modo, para a procura de formas cada vez mais evoluídas da integração produção-consumo, só temos uma palavra a acrescentar: CONTINUAREMOS!

Ninguém nasce por acaso, uma campanha apresentada pela **Latina Agência de Publicidade Limitada**, para anunciar o Banco do Alentejo, foi distinguida pelo júri com uma menção honrosa.



Ninguém nasce por acaso

nova dependência - BAIXA

Movimento.
Cobertura completa dos pontos vitais da cidade.
Banco de Crédito Comercial e Industrial.
Agora mais próximo de si na Baixa.
Para maior comodidade.
Maior eficiência.
Banco de Crédito Comercial e Industrial.
Disponha dos nossos serviços.
Apoio no presente com vistas ao futuro.



BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL E INDUSTRIAL

Rua Governador Eduardo Costa

CRESCER PARA ALARGAR O FUTURO

Ninguém nasce por acaso

nova agência - VIANA

União.
Força.
Progresso industrial.
Viana.
Zona enquadrada no futuro da Província.
Onde o Banco de Crédito Comercial e Industrial se encontra.
Ao seu serviço.
Para maior comodidade.
Maior segurança.
Maior eficiência.
Banco de Crédito Comercial e Industrial.
Disponha dos nossos serviços.
Um interior, aqui para a realização do que pretende.
Apoio no presente com vistas ao futuro.

BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL E INDUSTRIAL

CRESCER PARA ALARGAR O FUTURO

Ninguém nasce por acaso Ninguém nasce por acaso Ninguém nasce por acaso

nova dependência - CAZENGA

Actividade.
Expansão da economia da Província.
Cazengas. Zona Residencial a crescer.
Banco de Crédito Comercial e Industrial.
Mais próximo de si.
Para maior comodidade.
Maior eficiência.
Banco de Crédito Comercial e Industrial.
Disponha dos nossos serviços.
Apoio no presente com vistas ao futuro.



BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL E INDUSTRIAL

Bloco 36, Talhão 1 de U. Reajustamento 2
CRESCER PARA ALARGAR O FUTURO

nova dependência - SILVA TAVARES

Presença do
Banco de Crédito Comercial e Industrial
onde se torna necessária.
Em Silva Tavares.
Zona Residencial a crescer.
Banco de Crédito Comercial e Industrial.
Mais próximo de si.
Para maior comodidade.
Maior eficiência.
Disponha dos nossos serviços.
Apoio no presente com vistas ao futuro.



BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL E INDUSTRIAL

Barro Governador Silva Tavares - Loja 1 - Bloco 44
CRESCER PARA ALARGAR O FUTURO

nova dependência - S. PEDRO

Rumo
De encontro às necessidades de cada zona.
Ao lado da capacidade empreendedora dos Clientes.
Banco de Crédito Comercial e Industrial.
Agora em S. Pedro. Zona Residencial acompanhando o futuro da Província.
Banco de Crédito Comercial e Industrial.
Mais próximo de si.
Para maior comodidade.
Maior eficiência.
Banco de Crédito Comercial e Industrial.
Disponha dos nossos serviços.
Apoio no presente com vistas ao futuro.



BANCO DE CRÉDITO COMERCIAL E INDUSTRIAL

Rua 5 - SP - 52 EFF.
CRESCER PARA ALARGAR O FUTURO

